

**CARLA CARDOSO FONSECA**

**TRADUÇÃO AO ESPANHOL DA OBRA *UM TIME  
MUITO ESPECIAL*, DE JANE TUTIKIAN: UM PROCESSO  
CRIATIVO**

**PORTO ALEGRE**

**2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LITERATURA  
ESPECIALIDADE: LITERATURA COMPARADA  
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS LITERÁRIOS APLICADOS:  
LITERATURA, ENSINO E ESCRITA CRIATIVA**

***UM TIME MUITO ESPECIAL, DE JANE TUTIKIAN:*  
TRADUÇÃO AO ESPANHOL E SUAS IMPLICAÇÕES**

CARLA CARDOSO FONSECA

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> MÁRCIA IVANA DE LIMA E SILVA

CO-ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> KARINA DE CASTILHOS LUCENA

Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE**

**2015**

#### CIP - Catalogação na Publicação

Cardoso Fonseca, Carla

Tradução ao espanhol da obra "Um time muito especial", de Jane Tutikian: um processo criativo / Carla Cardoso Fonseca. -- 2015.  
162 f.

Orientadora: Márcia Ivana de Lima e Silva.  
Coorientadora: Karina de Castilhos Lucena.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Tradução. 2. Criação. 3. Crítica Genética. 4. Um time muito especial. 5. Jane Tutikian. I. de Lima e Silva, Márcia Ivana, orient. II. de Castilhos Lucena, Karina, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A todos os amantes da Língua Espanhola,  
em especial ao *Club del Español*.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por ser a inspiração diária e o modelo almejado.

Ao meu pai, por mostrar-me que o amor se manifesta de distintas maneiras.

Aos meus irmãos, amigos e demais familiares, por todos os momentos únicos que formam a grande teia da minha existência.

Ao Marcelo, que confere sentido às intempéries e, principalmente, que impede a aproximação de muitas delas.

À minha orientadora Márcia Ivana, por acreditar nos meus projetos e aventurar-se comigo pela inquietude do saber.

À minha co-orientadora Karina Lucena, pela leitura atenta e carinhosa dos meus escritos e por pensar comigo soluções aos dilemas tradutórios.

Às Irmãs Jane Segaspini e Pierina Bernardi, por não pouparem esforços para organizar meus horários no Colégio Dom Feliciano, a fim de que eu pudesse conciliar minha vida profissional às exigências da Universidade.

Aos meus professores, que me questionaram mais do que responderam (afortunadamente!).

Aos meus alunos, que são a razão de minha incessante busca pelo saber.

## RESUMO

A tradução deve ser entendida como um processo criativo, que resulta de reflexões acerca das características composicionais das línguas fonte e meta, das culturas envolvidas nesse processo e das escolhas feitas pelo tradutor com base em seus princípios teóricos. A concepção da tradução como criação literária visa a não hierarquização entre *original* e tradução, livrando o tradutor das amarras da fidelidade e do servilismo e concedendo-lhe a liberdade de criar para conceber melhores soluções aos problemas encontrados. O labor do tradutor – materializado em seus manuscritos – pode ser analisado como matéria-prima, através da qual é possível remontar as campanhas de escritura e o seu processo criativo. A teoria da Crítica Genética auxilia, assim, a visualizar e valorizar a obra em seu processo, e não apenas sua versão final, limpa e acabada. Neste trabalho, encontra-se a tradução da obra “Um time muito especial”, de Jane Tutikian. A partir dessa, busca-se analisar o percurso de tradução da referida obra, evidenciando a trajetória tradutória e as decisões do tradutor.

Palavras-chave: Tradução. Criação. Crítica Genética. *Um time muito especial*. Jane Tutikian.

## RESUMEN

La traducción debe ser entendida como un proceso creativo, que resulta de reflexiones sobre las características compositivas de las lenguas fuente y meta, sobre las culturas involucradas en ese proceso y sobre las decisiones tomadas por el traductor basadas en sus principios teóricos. La concepción de la traducción como creación literaria tiene como finalidad la no jerarquización entre *original* y traducción, librándole al traductor de las ataduras de la fidelidad y del servilismo y concediéndole la libertad de crear para proponer mejores soluciones a los problemas encontrados. La labor del traductor – materializado en sus manuscritos – puede ser analizado como materia-prima, a través de la cual es posible remontar las campañas de escritura y su proceso creativo. La teoría de la Crítica Genética auxilia, así, a visualizar y a valorizar la obra en su proceso, y no tan solo su versión final, limpia y acabada. En este trabajo, se encuentra la traducción de la obra <<Um time muito especia>>, de Jane Tutikian. A partir de ésta, se busca analizar el transcurso de la traducción de la referida obra, evidenciando la trayectoria traductora y las decisiones del traductor.

Palabras clave: Traducción. Creación. Crítica Genética. *Un equipo muy especial*. Jane Tutikian

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1. Tradução, um ato criador</b> .....	12
1.1 A criação e a busca pela perfeição .....	19
1.2 A tradução criativa e a Crítica Genética .....	20
1.3 A experiência da tradução .....	28
1.3.1 Busca de subsídios externos e internos .....	28
1.3.2 As unidades de tradução .....	31
1.4 Memorial de tradução .....	31
1.4.1 A escolha da linguagem .....	32
1.4.2 Nomes próprios .....	33
1.4.3 Paula Tóller, Kid Abelha e os Abóboras Selvagens .....	34
1.4.4 Popachem .....	35
1.4.5 O estilo .....	36
1.4.6 A tradução das poesias .....	37
<b>2. Documentos de processo</b> .....	37
<b>3. Un equipo muy especial</b> .....	79
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	158
Referências Bibliográficas .....	160



## INTRODUÇÃO

A tradução talvez seja um dos processos mais inclusivos da história da humanidade. Os tradutores já entendiam o significado de inclusão, muito antes de a mesma assumir destaque nas discussões sociais: alguém não estaria apto a ler algo, o tradutor media o contato do leitor com o texto e esse alguém lê. Independente da corrente teórica a que os tradutores se insiram, é possível uni-los todos em torno de um objetivo comum: o de permitir que mais leitores tenham acesso a um escrito. Desse objetivo decorre a conclusão de que traduzir é uma atividade solidária, pois facilita a circulação de textos em ambientes não inicialmente capazes de recebê-los. É o tradutor, portanto, um profissional cuja função é determinante para as mais diversas trocas: científicas, literárias, técnicas, entre outras.

O desejo de tornar inteligível algo que antes não o era moveu e segue movendo muitos tradutores ao redor do mundo. De Horácio e Cícero até hoje, muitos foram os que se aventuraram à tarefa tradutora, a qual possibilitou o surgimento de muitos pontos de vista acerca do que é o traduzir, do que e do como se traduz, dos limites da tradução. Tal desejo moveu-me também. O objeto da tradução: a obra “Um Time muito especial”, da escritora gaúcha Jane Tutikian.

Jane Tutikian já publicou dezenas de obras, dentre as quais se encontram contos adultos e infanto-juvenis, novelas e ensaios. Além disso, atua como organizadora de vários livros. É professora, pós-doutora em Letras e escritora. Condecorada com alguns dos mais importantes prêmios da literatura sul-rio-grandense (Prêmios Jabuti, Açorianos e Érico Veríssimo, dentre outros), é, sem dúvida, uma escritora que vem ganhando projeção e destaque no cenário da literatura brasileira.

A atual membro da Academia Rio-grandense de Letras publicou seu primeiro livro, *Batalha Naval*, em 1981. Ao completar mais de trinta anos de carreira desde então, efetiva um estilo literário marcado pela concepção de literatura como organismo vivo. Tal concepção é perceptível no emaranhado de ideias presentes em seus escritos: versáteis, inquietantes, intrigantes.

Este trabalho, fruto de uma pesquisa iniciada a partir do desejo de romper fronteiras idiomáticas em prol da literatura, busca ser um laboratório da escrita de “Un equipo muy especial”. O relato de uma experiência como tradutora. Não tem pretensão

de retomar a História da Tradução, de redesenhar o caminho que levou a prática ao aparecimento dos Estudos de Tradução, mas sim de desnudar o processo de escritura em *status nascendi*. Para isso, lanço-me à escritura, para, posteriormente, analisá-la a partir dos preceitos da Crítica Genética. Ou seja, transformo o resultado de minha tarefa como tradutora em matéria-prima para a minha tarefa como crítica.

No primeiro capítulo – e único organizado desta forma – justifico o porquê da caracterização da tradução como tarefa criativa. Aliás, é justamente a criação que reordenou este trabalho, pensado inicialmente para ser escrito em partes bastante demarcadas, que se transformaram em um capítulo teórico-prático: a teoria que explica a prática, e a prática que significa a teoria. Um capítulo que caminha pelas trilhas da escritura, construindo o percurso da criação.

Após, há os chamados documentos de processo, em que se encontra a cópia do livro traduzido, rasurada e riscada no momento em que o texto era traduzido. A partir desses riscos e rasuras, bem como a partir das anotações feitas nos espaços das páginas, é que estão baseadas as impressões registradas no Memorial de Tradução.

Por fim, encontra-se a tradução propriamente dita, realizada com a co-orientação da professora Karina Lucena e com o auxílio, no que se refere às leituras e suas impressões, de leitores nativos. Uma vez que se trata de um trabalho que defende a tradução como uma tarefa criativa, a entrega aos primeiros leitores da obra não poderia ser apenas a partir de folhas brancas com um texto digitado, pois, se traduzir é buscar causar no leitor uma impressão que se aproxime à leitura do texto em sua língua primeira, esta configuração – folhas em branco com letras pretas – seria insuficiente. Dessa ideia, nasceu o interesse de entregar aos primeiros leitores um livro que fosse uma experiência de leitura, um livro real, em sua formatação *original*. Por isso, juntamente com este trabalho, entrego também um exemplar do projeto-piloto do livro “Un equipo muy especial”, de Jane Titukian.

Inicialmente, estabeleci contato com a ilustradora Catherine de León, a quem solicitei ilustrações. Lancei-me à tradução, aos ajustes, às leituras e às releituras e, dado por encerrado o processo de tradução, contarei a diagramadora Niura Fernanda Souza, que trabalhou no projeto gráfico, na capa e na editoração. Por fim, enviei o trabalho à Gráfica *Ideograf*, que transformou o sonho em realidade.

Um trabalho que almeja ser o relato de uma experiência de escritura e, ao mesmo tempo, uma experiência de leitura. Um trabalho que busca ser uma defesa da tradução como criação literária e, conseqüentemente, do tradutor como criador. Eis-lo.

## 1. Tradução, um ato criador

*Si las culturas estuvieran hechas de silencio, querríamos saber los secretos del silencio; y si de ruidos, los secretos de los ruidos. Pero las culturas están hechas de traducciones. Una cultura no sería lo que es si los hombres y mujeres que la integran no hubieran tenido acceso, por medio de la traducción, a los textos de otras culturas.*  
(VIRGILIO MOYA, 2004, p. 9)

A tradução é uma atividade inerente ao humano. Mesmo que, muitas vezes de forma inconsciente, traduz-se a todo instante. Se traduzir é tornar inteligível, sem que se perceba, a tradução ocorre diariamente, a todos os momentos, independentemente de teorizações e reflexões acerca de pertencimentos teóricos. Erwin Theodor afirma que

Realizamos um ato tradutório, no sentido mais amplo, sempre que assimilamos uma mensagem, proceda de outro indivíduo, do rádio, do jornal, do livro ou de onde quer que seja. A distância existente, geográfica, temporal ou ideológica, tornará o ato mais ou menos complexo, mas ele existe, até mesmo no próprio momento em que entendemos um gesto ou reagimos a alguma mímica. (1983, p. 7)

Em se tratando de desejo de comunicar, com maior ou menor grau de consciência, a tradução faz-se presente. No repetir, no esclarecer de uma dúvida – *o que é mesmo que você quis dizer* -, nas inúmeras paráfrases que fazem parte da comunicação diária, em tudo há tradução, uma vez que tais procedimentos auxiliam a tornar inteligível o que se escuta ou lê.

Obviamente, o que se entende estritamente por tradução – foco desta dissertação - é uma concepção menos ampla do que a apresentada acima, mas que não deixa de se relacionar com a mesma. Theodor segue afirmando que *tradutor é aquele que torna compreensível aquilo que antes era ininteligível, e já por isso deve ser encarado como um intérprete por excelência.* (1983, p.13) Assim, torna-se evidente que, tanto ampla como estritamente, o lugar da tradução é essencial em uma sociedade que visa à comunicação.

Paulo Henriques Britto, ao refletir sobre a função da tradução, mais estritamente, ressalta que

A tradução é uma atividade indispensável em toda e qualquer cultura que esteja em contato com outra cultura que fale um idioma diferente. [...] é uma atividade indispensável em qualquer lugar. Boa parte do material que lemos em nosso dia a dia é traduzido. (2012, p.11)

Não há dúvidas sobre o papel determinante que teve e segue tendo a tradução para a circulação do saber entre os diferentes povos. Todos se beneficiam da tradução: um médico, ao tomar conhecimento de uma pesquisa realizada por um colega de profissão divulgada em uma língua não sabida; um professor, ao conhecer correntes teóricas advindas de outros países; um operário, ao ler o modo de funcionamento de uma máquina produzida em outro país. Enfim, todos usufruem, consciente ou inconscientemente, da prática tradutória.

A história da tradução, desde a antiguidade até a atualidade, mostra que houve diferentes posições diante do fenômeno tradutório. Aproximar-se mais do texto de partida, mantendo com ele uma relação de fidelidade, ou mais do texto de chegada, facilitando a recepção e domesticando o texto a fim de que não cause estranhamento aos leitores alvo, são posturas tradutórias que dividiram correntes teóricas e – inclusive – épocas. Este estudo não almeja percorrer a história da tradução, não pretende defender uma postura mais estrangeirante, tampouco uma mais domesticadora. Visa, isto sim, a refletir acerca da tradução a partir de uma concepção integradora entre a tradução e a criação literária.

Tânia Carvalhal apresenta argumentos que ilustram a defesa pela tradução como ato criador. Ela afirma que

O entendimento de toda tradução literária como um ato criativo abre caminho para novas posições, que têm em conta a natureza criadora do ato de traduzir e seus aspectos contextuais e que, além disso, compreendem a tradução como um ato de comunicação e de intermediação entre culturas. Se evocarmos a etimologia, *traducere*, do latim, significa “levar além”. Assim, a primeira função da tradução (e papel dos tradutores) é fazer circular um texto fora da literatura de origem, disseminá-lo, difundi-lo. O tradutor, por vezes designado de “barqueiro” (ele atravessa um rio), possibilita o acesso não só a uma obra literária gerada em outra língua, mas a costumes e princípios que o texto, traduzido, veicula. (2003, p. 219)

A abertura a novos caminhos, referida pela autora, permite que se considere a tradução como uma atividade humana que requer do tradutor uma consciência de sua tarefa: a de *fazer circular um texto, disseminá-lo, “levar além”*. Trata-se de uma função solidária e engajada: colocar em contato culturas e, conseqüentemente, atingir leitores não previstos no momento da criação primeira. Assim, servir ao *original*<sup>1</sup> ou traí-lo podem não ser as únicas posições elegíveis. A criação tradutória não se coloca nestes dualismos, justamente porque trata tanto o *original* quanto a tradução como criações. Não há hierarquia valorativa. Cada um – texto *original* e tradução criativa - cumpre uma tarefa essencial, a de fazer circular textos: o primeiro, em uma literatura prevista a partir do idioma selecionado; a segunda, em uma literatura inicialmente não prevista.

Além disso, conceber o exercício tradutório como um ato criador traz benefícios à profissão do tradutor – que não precisa invisibilizar seu labor – e ao texto traduzido – que, em uma escala de valor, liberta-se da subalternidade em relação ao intocável *original*. Enquanto esse dualismo não for superado, os principais dilemas da tradução permanecerão os mesmos. Henri Mechonnic já atentava para essa realidade:

Trata-se de reagir contra essa concepção tão falaciosa quanto difundida, que opõe os descobridores de fontes e os alvejadores: os primeiros ficam vesgos rumo à língua de partida, tratando de decalcar; os alvejadores olham para diante, realistas, em direção à língua de chegada, pensando só em preservar o essencial, o *sentido*. Os descobridores de fontes, ávidos pela *forma*. Inessencial. [...] Daí que, a oposição entre *fonte* e *alvo* não tenha mais nenhuma pertinência. Só o resultado conta. [...] Quaisquer que sejam as línguas, só há uma *fonte*, e é de fato um texto; só há um *alvo*: construir na outra língua aquilo que ele constrói. (2010, p. XXX - XXXI)

Atualizar as concepções de fonte e alvo (ou língua de chegada e língua de partida) é atitude essencial quando se trata de romper as amarras que atravancam a tradução. Admitir que há somente uma fonte e apenas um alvo, consoante com a citação acima, é determinante para conceber a tradução como ato criador. Se o foco é construir na outra língua aquilo que fora construído inicialmente, é limitadora a ideia de transposição, justamente porque há no transpor uma certa noção de mecanização, oposta à noção de construção de um universo na outra língua, o que pressupõe criação.

---

<sup>1</sup> A palavra *original* encontrar-se-á sempre escrita em itálico (exceto nas citações), pois a distinção entre o original e a tradução está, justamente, sendo questionada neste trabalho. Portanto, a formatação diferenciada da palavra remete a um conceito instável quando se refere à tradução como criação.

Carvalho, retomando Paz, que considerava a tradução e a criação poética atividades gêmeas, ressalta que, obviamente, há diferenças entre ambas as atividades, uma vez que

a criação livre não delimita seu início, embora tenha de enfrentar em seu curso uma série de parâmetros dados pelo gênero ou pela tonalidade escolhida; a tradução sabe sempre onde deve iniciar, isto é, pela leitura interpretativa do texto que escolheu transpor. (2003, p.218-219)

Essa relativização é importante. É evidente que a diferença de arranque entre a tradução e a criação primeira existe. Entretanto, ao passo que a autora reconhece esta diferença, reitera também que, apesar disso, o criar e o traduzir são *atividades paralelas*; são, por sua vez, tipos de tradução. Colocar as referidas práticas como atividades paralelas representa um avanço capaz de apresentar-se como alternativa ao julgamento de valor que acaba por depreciar o texto traduzido e sacralizar o *original*, pois, em um paralelo, perde-se a escala valorativa.

É preciso, inclusive, relativizar a concepção de texto *original*. Não é mais possível relacioná-lo a um ato criador sem precedentes. Octavio Paz analisa esse ponto, mencionando que

Cada texto é único e, simultaneamente, é a tradução de outro texto. Nenhum texto é inteiramente original, porque a própria linguagem em sua essência já é uma tradução: primeiro, do mundo não-verbal e, depois, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e de outra frase. Mas esse raciocínio pode se inverter sem perder a validade: todos os textos são originais porque cada tradução é distinta. Cada tradução é, até certo ponto, uma invenção e assim constitui um texto único. (2009, p. 13;15)

A partir dessa tautológica colocação, vê-se desconstruída a noção de *original* e tradução, uma vez que são fenômenos observáveis de pontos de vista diferentes. Assim, para que se possa avançar nos estudos literários, é preciso antes abandonar rótulos que limitem o pensar sobre as referidas práticas, pensando-as como manifestações da criação literária. O tradutor é aquele que necessita, primeiramente, assimilar essa desconstrução, para poder ressignificar sua tarefa. É ele quem, consciente da amplitude de sua tarefa, deve fundar um novo discurso sobre sua prática, que não permita hierarquias depreciativas o resultado de seu trabalho e o texto fonte.

Naturalmente, essa nova postura não pode ser apenas discursiva, e sim aplicada. Se o tradutor defende seu trabalho como criação, não é possível que sua prática contradiga o que afirma. Traduzir com foco na criação exige falar e agir de acordo com o que preconiza a tradução criativa. É preciso observar, conforme defende Benjamin, que

(...) nenhuma tradução será viável se aspirar essencialmente a ser uma reprodução parecida ou semelhante ao original. Isto porque o original se modifica necessariamente na sua “sobrevivência”, nome que seria impróprio se não indicasse a metamorfose e a renovação de algo com vida. (1979, p.30)

Ou seja, o tradutor conhecedor da constante atualização do *original* não tem motivos para desejar transpô-lo fielmente, uma vez que se trata de um desejo infundado e, a partir do que afirma o autor acima, impossível, já que o *original* também é uma realidade transitória. Paz (2009, p.13) defende a *pluralidade de línguas e sociedades*, [já que] *cada língua é uma visão do mundo, cada civilização é um mundo. O sol que canta o poema asteca é diferente do sol do hino egípcio, mesmo que o astro seja o mesmo*. Ao afirmar ser o sol diferente em culturas diferentes, embora o astro seja o mesmo, ele deixa claro que o *original* sofre metamorfoses durante sua sobrevivência, que o modificam a cada nova leitura. Assim, a fidelidade, conceito tão caro aos defensores do *original*, deve ser repensada, uma vez que reduz o labor do tradutor, quitando-lhe a liberdade criadora e exigindo dele uma postura reprodutiva e mecanicista descabida, pois, mesmo que o tradutor encontre um par vocabular teoricamente perfeito, isto não garante equivalência cultural. Meschonnic critica a busca pela fidelidade, defendendo que

Também é preciso examinar a noção de fidelidade, que é tida como sendo o critério das boas ou das más traduções. Se a fidelidade é exatidão na equivalência, supõe-se que ela tenha acesso ao funcionamento do texto. Mas esquecemos que nem o leitor nem o tradutor têm um acesso direto ao texto. Esquecemos que ninguém tem acesso direto à linguagem: mas sempre através das ideias que se tem dela. [...] Longe da objetividade que ela acredita ser, a fidelidade é uma historicidade que não se reconhece como tal. O que mostra que ela é um mito. Quero dizer aqui: uma impostura. (2010, p. 32)

Deste modo, buscar a fidelidade não é sinônimo de respeitar o *original*, como muitas vezes seus defensores afirmam. O respeito ao *original* não requer uma postura limitadora da tradução, ao contrário. Respeitá-lo é buscar recriar um efeito, sempre



reconhecendo que se trata de um efeito localizado temporal e historicamente, intimamente relacionado à leitura do tradutor. Para recriar tal efeito, muitas vezes é preciso reorganizar as ideias de forma distinta daquela que fora proposta pelo texto primeiro, uma vez que as línguas recebem de formas distintas o que é lido, e a criação de um efeito pode não corresponder entre idiomas diferentes. Paulo Henriques Britto cita motivos que demonstram o quão limitada é a noção de fidelidade:

Não há como negar que é impossível que uma tradução seja *absolutamente* fiel a um original, por todos os motivos enumerados pelos tradutólogos: um mesmo original pode dar margem a uma multiplicidade de leituras diferentes, sem que tenhamos um meio de determinar de modo absolutamente inquestionável qual delas seria a correta; o idioma do original e da tradução não são sistemas perfeitamente equivalentes, de modo que nem tudo que se diz num pode ser dito exatamente do mesmo modo no outro; e as avaliações do grau de fidelidade variam, uma mesma tradução de um mesmo original sendo avaliada positivamente por um leitor e negativamente por outro. Ou seja: não há e não pode haver uma fidelidade absoluta e inconteste. (2012, p. 37)

As razões apontadas acima reforçam a fragilidade do conceito de fidelidade, insustentável na prática tradutória. Assim o é porque o *original* não é uma transparência, que permita a decodificação da intenção do autor. Na realidade, a dita intenção é uma ficção, uma vez que é inacessível, mesmo que se encontre vivo o autor. E se a mesma não pode ser acedida, não há como falar em fidelidade, porque aquele que a preconiza é, na verdade, fiel a sua leitura, e não necessariamente ao texto, pois o ler é um processo interpretativo. Ademais, não sendo os distintos idiomas sistemas equivalentes, a fidelidade fica comprometida. A criação, nesse caso, é essencial, pois são necessárias soluções criativas para traduzir levando em conta as diferenças entre os sistemas. Por fim, avaliar a fidelidade é tão subjetivo quanto decidir o que deve fielmente ser reproduzido. A avaliação parte sempre de um lugar construído, e não natural. Desta forma, a fidelidade não deve se configurar como parâmetro de análise, já que ela é tão intangível quanto a intenção do autor.

Carvalho analisa a tradução literária como umas das possíveis realizações de um texto, o que impossibilita a vinculação entre a tradução e a noção de fidelidade:

Toda tradução literária é uma das possíveis versões de um texto original. Assim sendo, um texto novo é ainda o texto anterior. Dito de outro modo, é a realização de uma possibilidade de ser do texto original que a tradução se

encarrega de concretizar. Desta forma, o texto traduzido espelha constantemente o anterior e se converte em seu “outro”. Nesse contexto, a questão fundamental proposta pela tradução literária é a da alteridade e não a da identidade. Não cabe ao texto traduzido ser idêntico, como reprodução fiel do texto primeiro, mas deve ser a concretização de uma das possibilidades que aquele determinado texto tinha de ser. Poderíamos dizer, então, que cada texto traz em si suas prováveis traduções. (1993, p. 50)

A concepção acima apresentada é afim à da tradução como atividade criativa. Reconhecer que o texto traduzido como uma das possibilidades de ser do *original* é conceber o texto como um objeto plurívoco, em que os sentidos não existem *a priori*; são, isto sim, construídos a partir da leitura, construção esta que é aberta, sempre havendo espaço para outras formas de conceber a realidade observada. A fidelidade não é possível, portanto, porque não é unívoco o texto, principalmente o literário. Logo, a questão da alteridade, do “outro” que é previsto, que é possível, é central no que se refere à tradução como criação. Conclui Carvalhal em outro de seus escritos:

Entendida assim, a tradução é um procedimento que permite ao texto sempre uma nova versão, um novo destino junto a leitores inicialmente não previstos, uma transposição no tempo e no espaço que lhe assegura o prolongamento. O texto traduzido é ainda o mesmo e já é outro. (...) Neste sentido, o texto traduzido pode ser visto como material literário na medida em que se constitui num esforço criativo. (2003, p.229)

Sendo assim, o esforço criativo realizado pelo tradutor durante sua escritura configura o texto traduzido como objeto literário, uma vez que não apenas repete o que foi dito a partir de procedimentos de equivalência linguística, mas opera diferentes ações para recriar um dos possíveis efeitos de sentido existentes. Se é possível entender a tradução e a criação primeira como atividades gêmeas, conforme afirma Paz, ou como atividades paralelas, conforme afirma Carvalhal, é porque ambas utilizam-se de recursos que as assemelham e que possibilitam sua vinculação. As escolhas de linguagem, a busca pela sonoridade, a adequação das marcas de oralidade, a pesquisa de público alvo, dentre tantas outras características, são atitudes comuns a ambas as práticas.

## 1.1 A criação e a busca pela perfeição

O desejo de todo tradutor certamente é conceber a melhor tradução possível, entregar ao público um texto perfeito. Esse desejo é inerente à tarefa que desempenha. A produção de um texto perfeito – pote de ouro aos pés do arco-íris – transformou-se em obsessão de muitos tradutores. Contudo, embora a vontade de criá-lo seja percebida como louvável, é ela também motivo de angústia e frustração. Paulo Henriques Britto defende que *devemos, portanto, aprender a conviver com o imperfeito e o incompleto. [...] O fato de não podermos jamais atingir a perfeição não deve nos desanimar nem nos levar a mudar de meta.* (2012, p. 44-45). Todavia, como conviver com o luto de uma solução imperfeita? Como aceitar o provisoriamente melhor, mesmo sabendo que a solução poderia ser outra? Tais sentimentos por vezes atravancam o processo da tradução, gerando uma sensação de culpa e ineficiência no tradutor. Paul Ricoeur, atento ao ideal de perfeição, aponta para uma única saída:

Lo resumiré en pocas palabras: renunciar al ideal de la traducción perfecta. Sólo ese renunciamiento permite vivir, como una deficiencia aceptada, la imposibilidad enunciada antes de servir a dos amos: el autor y el lector. (2005, p. 25)

Renunciar ao ideal da tradução perfeita para poder traduzir. Aceitar as limitações que surgem durante o processo é crucial, uma vez que se trata, muitas vezes, de impossibilidades oriundas de diferenças linguístico-culturais. Renunciar à perfeição para poder perfeitamente traduzir mesmo que uma solução provisória tenha de transformar-se em permanente. Assim como a noção de fidelidade impedia a liberdade da tradução, também o ideal de perfeição a impede. Ricoeur atenta para o resultado desta abertura, defendendo que isso leva à felicidade de traduzir:

La felicidad de traducir es una ganancia cuando, sujeta a la pérdida del absoluto lingüístico, acepta la distancia entre la adecuación y la equivalencia, la equivalencia sin adecuación. Allí reside su felicidad. Confesando y asumiendo la irreductibilidad del par de lo propio y lo extranjero, el traductor encuentra su recompensa en el reconocimiento del estatuto insuperable de dialogicidad del acto de traducir como el horizonte razonable del deseo de traducir. A pesar de lo agonístico que dramatiza la tarea del traductor, éste

puede encontrar su felicidad en lo que me gustaría llamar la *hospitalidad lingüística*. (2005, p. 27-28)

Ou seja, renunciando aos princípios de perfeição e fidelidade, chega-se à felicidade da hospitalidade linguística, isto é, poder desfrutar do prazer de receber a língua do outro na própria língua e, ao mesmo tempo, fazer-se hóspede em sua pátria linguística. Marie-Hélène Paret Passos afirma que *traduzir é hospedar a língua do outro, mas é também hospedar uma dimensão peculiar de sua própria língua, que, no processo tradutório, tece-se em outra roca, fazendo com que seja outra, também*. (2011, p.75)

É na troca de experiência entre ambas as línguas que se produz a tradução, que não é cópia da língua primeira, tampouco fruto da língua segunda, mas já é, pela experiência da troca, um outro texto, hospitaleiro de ambas as línguas, ambas as culturas, ambas as particularidades. Talvez seja este o desejo de Benjamin, talvez seja esta a língua mais ampla à que se refere:

(...) também a tradução, em vez de imitar o original para se aparentar a ele, deve insinuar-se com amor nas mais ínfimas particularidades tanto dos modos de “querer dizer” original como na sua própria língua, isto de maneira a juntá-las como se fossem cacos de um vaso, para que depois de as juntar elas nos deixem reconhecer uma língua mais ampla que as abranja a ambas. (1979, p. 38)

O juntar dos cacos de um vaso – bela imagem sobre o traduzir – pressupõe trabalho manual, braçal, artesanal. Também pressupõe múltiplas possibilidades de montagem, mosaicos vários; cada um, mesmo sem deixar de resultar em um vaso, formando um arranjo único. O mesmo passa com o texto traduzido. O rearranjo é único e particular de cada tradutor, que une, à sua maneira, as línguas, criando, por consequência, uma língua mais ampla. A referida língua é resultado da experiência da tradução. Marcelo Jaques de Moraes a considera uma língua híbrida. Ele explica:

(...) a língua de uma tradução não deveria ser uma monolíngua, uma língua autônoma, pura em si, mas uma língua impura, uma língua híbrida... Uma língua que não existe, uma língua que só vem a ser na experiência da

tradução... Pura língua! Este é para mim, aliás, no limite, o sentido possível do que se possa compreender como uma tradução literal... Não uma tradução palavra por palavra, letra a letra, como parece frequentemente se pensar, mas uma tradução que carregue uma monolíngua para dentro da outra, violando-a em seu monolinguismo, tornando-a, justamente, bilíngüe. (2011, p.43-44)

O hibridismo constitutivo do texto traduzido é parte da concepção de tradução como criação. Ademais, ao assumir que a língua nasce na experiência da tradução, abre-se espaço para a multiplicidade de possibilidades, de escolhas e de resultados. A experiência da tradução humaniza o processo, distanciando-o da fixidez da tradução automática, da fidelidade e da perfeição. Antoine Berman coloca-se como defensor da tradução como experiência, sustentando que:

A tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão. Mais precisamente: ela é originalmente (e enquanto experiência) reflexão. [...] Assim é a tradução: experiência. Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, dela mesma, da sua essência. (2007, p.18)

Reflexão e experiência: atividades conscientes que permeiam a prática tradutória. Atividades humanizadoras, próprias da criação. Atividades políticas, uma vez que assumem uma posição, sabendo que não é a única possível, mas é uma das possibilidades de realização. Moraes reitera essa posição da tradução fruto de uma experiência, argumentando que

(...) na literatura, a língua deixa de se oferecer como meio, como médium, como ferramenta de transmissão de uma experiência que a precederia e que ela, a língua, tornaria compartilhável, para se oferecer como o próprio lugar da experiência, como o lugar por excelência da experiência de si, do corpo, do mundo, e especialmente, na literatura moderna, como o lugar da experiência da própria língua. A língua como o lugar em que a experiência acontece, como o lugar em que a experiência tem lugar, e que torna essa experiência, fora desse lugar, justamente, incompartilhável. (2011, p.39)

Assim, aceitar que a tradução é uma experiência e nela se constitui é, ao mesmo tempo, libertar o tradutor e libertar a língua. Libertá-lo porque este pode transformar o seu espaço de trabalho em um laboratório de experimentação, e libertá-la porque a torna

mais viva e maleável, podendo mostrar todas as suas potencialidades. Meschonnic reforça que *traduzir é uma poética experimental* (2010, p. XIX) e que *traduzir só é traduzir quando é um laboratório de escrita. De outro modo é decalque.* (2010, p.269) Quer dizer, traduzir só é traduzir quando as experiências feitas resultam em uma criação, já que, conforme o referido autor, *a tradução bem sucedida é uma escritura, não uma transparência anônima, o apagamento e a modéstia do tradutor que o ensinamento dos profissionais preconiza.* (2010, p. 28) A tradução não é transparente, e sim opaca; não é anônima, e sim autoral; não é neutra, e sim fruto de escolhas. E isso é não denigre a prática tradutória, não mancha a literatura, tampouco a polui. É assim, e isso é, ao contrário do que pensariam os puristas, positivo! A criação liberta o tradutor e, conseqüentemente, liberta o leitor e sua interpretação. Graciela Cariello lembra que

Traducir es leer, pero más y sobre todo, es escribir. Cada traductor recrea, transcrea, el texto que lee y escribe. Desde otro lugar, el texto ya no es el mismo. En un desplazamiento incesante, el texto traducido es siempre una versión, nunca definitiva, pues cada tiempo lo leerá de modo diferente, lo escribirá cada lengua de cada época, de manera diferente. (2003, p.32)

## 1.2 A tradução criativa e a Crítica Genética

A defesa da tradução como atividade criativa leva à necessidade da análise do texto traduzido também sob a ótica da criação, em que o importante não seja apenas o texto publicado, mas sim o processo de sua elaboração. Neste sentido, a Crítica Genética, nascida na França, em 1968<sup>2</sup>, e introduzida no Brasil por Philippe Willmart, em 1985, apresenta-se como uma possibilidade importante para a reflexão sobre a tradução, uma vez que valoriza mais o processo do que o resultado final. Almuth Grésillon apresenta o objeto, o método e a intenção desta recente abordagem crítica:

---

<sup>2</sup> Segundo a leitura do livro *Crítica Genética no Brasil, Elementos de Crítica Genética – Ler os manuscritos modernos*, de Almuth Griesillon (2007). As definições trazidas para os conceitos genéticos foram retirados da referida obra.

Opondo-se à fixidez e ao fechamento textual do estruturalismo [...], respondendo à estética da *recepção* ao definir os eixos do ato de *produção*, a crítica genética instaura um novo olhar sobre a literatura. Seu objeto: os manuscritos literários, na medida em que portam o traço de uma dinâmica, a do texto em criação. Seu método: o desnudamento do corpo e do processo de escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações estruturais. Sua intenção: a literatura como um *fazer*, como atividade, como movimento. (2007, p. 19)

Considerar a literatura como um *fazer* implica abrir mão da literatura como objeto estético destinado à fruição, uma vez que as marcas do movimento e da dinâmica da tradução distraem a leitura e chamam a atenção a aspectos que, muitas vezes, fogem à linha, por estarem dispersos no papel (nas margens, nas entrelinhas, sobre a linha). Ler uma obra em processo de criação requer um olhar diferenciado e uma preferência, conforme Grésillon:

Esse novo olhar implica, senão uma escolha, no mínimo preferências: as da produção sobre o produto, da escritura sobre o escrito, da textualização sobre o texto, do múltiplo sobre o único, do possível sobre o finito, do virtual sobre o *ne varietur*, do dinâmico sobre o estático, da operação sobre o *opus*, da gênese sobre a estrutura, da enunciação sobre o enunciado, da força da escrita sobre a forma do impresso. (2007, p. 19)

O trecho destacado revela a clara preferência da Crítica Genética pelo processo, pela criação, pela montagem, pela elaboração. O gosto pela atividade criativa e pelos rastros deixados pela mesma faz parte das tendências do geneticista, que se volta sempre à incompletude da trajetória, e não apenas à completude da versão final.

Embora muitas vezes o foco de atenção dos geneticistas seja a análise dos rascunhos deixados pelos escritores, pode-se, no processo de tradução, focar-se nos rascunhos deixados pelo tradutor, que são rastros de seu processo criativo. Já que não tive acesso aos manuscritos da criação, transformei o meu ofício em manuscrito da tradução. Como diz Sergio Romanelli<sup>3</sup>, é possível pensar que *o objeto da Crítica Genética é o caminho percorrido pelo tradutor para chegar à obra entregue ao público. Estuda-se o processo criativo a partir das marcas deixadas pelo tradutor.*

---

<sup>3</sup> O olhar da tradução a partir dos parâmetros da Crítica Genética, no Brasil, deu-se a partir dos estudos do professor Sérgio Romanelli e da professora Marie-Hélène Paret Passos.

(2013, p. 59) É esta a intenção deste trabalho: analisar os rastros de minha tarefa como tradutora, observando minhas escolhas sob a ótica da criação. A partir do momento em que findei meu trabalho como tradutora, busquei distanciar-me da tarefa primeira e entregar-me à tarefa de geneticista, a fim de refletir sobre o processo criativo posto em movimento durante a tradução. Tal análise genética estará disponível no meu memorial de tradução.

Segundo Marie-Hélène Paret Passos,

A abordagem genética implica a análise da escritura em processo e não do escrito, da textualização e não do texto, da multiplicidade das escolhas possíveis, e não da última escolha feita. Ela se detém no movimento que cria e não no que já foi criado e editado. (2011, p.26)

A Crítica Genética, portanto, valoriza o processo, o movimento da mão que cria, o inacabado, a rasura<sup>4</sup>, o rascunho<sup>5</sup>, o marcadamente humano, fruto de seus avanços e recuos. Valoriza, por fim, a criação. Romanelli retoma o objetivo da Crítica Genética, reforçando qual é sua matéria-prima:

O objetivo da crítica genética é mostrar o avesso do texto publicado, ou seja, aquele processo complexo e interminável de correções, pesquisas, planos, esboços a que o público, em geral, não tem acesso e que leva à crença, ainda muito comum, da obra que nasce já pronta como resultado espontâneo de pura inspiração. Ao contrário, essa nova orientação metodológica concebe a obra de arte não como mero produto considerado acabado pelo artista, mas como uma cadeia infinita de agregação de ideias. (2013, p. 50)

A matéria-prima do crítico genético é aquilo que, em geral, é considerado apenas curiosidade para a maioria dos leitores: os manuscritos<sup>6</sup> do autor. Entretanto, para ele, tais manuscritos são muito mais do que material acessório; são materiais integrantes do

---

<sup>4</sup> Rasura: operação de anulação de um segmento escrito, ou para substituí-lo por outro segmento (substituição), ou para retirá-lo definitivamente (supressão). (GRÉSILLON, 2007, p.333)

<sup>5</sup> Rascunho: manuscrito de trabalho de um texto que está sendo construído; geralmente coberto de rasuras e reescrituras. (GRÉSILLON, 2007, p.329)

<sup>6</sup> Manuscrito: “todo documento escrito à mão; por extensão, nele incluem-se, às vezes, documentos datilografados ou impressos (...)”.(GRÉSILLON, 2007, p.332)



texto publicado, pois revelam a sua gênese<sup>7</sup> e, até mesmo, explicitam soluções tomadas, explicando-as. O referido teórico defende que *o estudo dos manuscritos deixados pelo tradutor nos permite ter acesso ao seu processo criativo*. Tais manuscritos refletem, por vezes, uma luta travada entre o escritor-tradutor e as línguas e culturas com as quais trabalha. E esse processo, por não ser neutro nem automático, deixa rastros que se configuram como passos que marcam a terra caminhada. A Crítica Genética permite, portanto, *reconstruir os “caminhos da criação”*. (GRÉSILLON, 2007:17) Importante analisar esta trajetória para melhor compreender o ponto de chegada. Romanelli reforça tal ideia, reiterando que

(...) a Crítica Genética quer, sobretudo, acompanhar o percurso da escritura desses documentos; considera, ainda, suas variantes, rasuras, emendas e todas as modificações que compõem a gênese do texto, visando desvelar a dinâmica do processo criativo. (2013, p.50)

Um processo dinâmico: assim é a criação. Assim, por consequência, é a tradução. Um processo vivo que desvela tomadas de posição sucessivas, escolhas múltiplas que se afirmam como uma das possibilidades de ser do texto. O resultado desse processo criativo é um texto que tem uma gênese, uma história de escolhas. As rasuras deixadas são a prova da criação. Marie-Hélène Paret Passos lembra que *quando a rasura risca o já escrito, ela mostra um caminho abandonado. No entanto, ela não é um fim, pelo contrário, a partir dela, abrem-se outras possibilidades*. (2011, p.44) O estudo dos manuscritos sob a ótica da Crítica Genética propõe um encantamento pela escritura: a rasura não representa um erro ou um simples apagamento; representa, isto sim, a abertura a possibilidades outras, revelando a dinamicidade e a multiplicidade oriundas do processo de leitura e de escritura. O encantamento do manuscrito visto sob este ponto de vista leva à descoberta da beleza da criação, que tem o poder de mostrar a língua em movimento.

Marie-Hélène Paret Passos reforça a concepção de que as rasuras revelam o pensamento do criador:

A rasura não se limita a evidenciar meras correções. Ela traduz a luta que o escritor trava com e contra a sua escritura, já que ela “para o movimento do

---

<sup>7</sup> Gênese: a história do nascimento e do devir escrito de uma obra, a partir de seus primeiros traços até sua última forma atestada. (GRÉSILLON, 2007, p.332)

pensamento e da escritura e abre um mundo ao escritor.” (WILLWMART,1999,p. 173). Assim, ela provoca um silêncio que o geneticista procura entender. (2011, p.44)

O geneticista que analisa a tradução, mesmo que a própria, pretende entender essa luta. Ele reconhece que o texto tem uma história e que compreendê-la é crucial para um entendimento mais completo do texto em sua versão final. Cecília Salles reforça a importância de considerar essa trajetória do texto até sua publicação:

o texto definitivo de uma obra, publicado ou publicável, é, com raras exceções, resultado de um trabalho que se caracteriza por uma transformação progressiva. A obra surge a partir de um investimento de tempo, dedicação e disciplina por parte do escritor. A obra entregue ao público é precedida por um complexo processo feito de correções infinitas, pesquisas e tentativas. (1992, p.17)

Levar em conta o complexo processo referido pela autora é valorizar o labor reflexivo, teórico e prático. Há muitos antecedentes em um texto que chega “limpo” às mãos do leitor. Enquanto a maioria interessa-se apenas pela limpeza do texto, o geneticista é aquele que se debruça sobre a confusão de riscos, flechas, anotações. O geneticista interessa-se pelo caos que comunica, que significa e que conta a sua história. Interessa-se pelo texto em estado latente e embrionário. Interessa-se, sobretudo, pela gênese de sua criação.

Marie-Hélène concebe a tradução literária com beleza poética:

A tradução é o revelador do sentido, não o sentido estanque do léxico, mas do sentido ausente – segundo Maurice Blanchot -, que não é a ausência de sentido, mas revelação, essência, como disse Benjamin. Uma epifania única e, ao mesmo tempo, plural, que toca o leitor em seu ato solitário. Um revelador que oferece a fotografia invisível da alma do texto. Invisível aos olhos que só podem “ler” a língua-fonte como uma sequência de palavras incompreensíveis, sem referente, sem nuance, sem contexto, sem história, sem ritmo, sem calor. Em suma, sem poesia. O ato de revelação poética, operado pela tradução literária, desvela o invisível recriando-o para o novo leitor. (2011, p.16)

Assim, gerar condições para que o incompreensível se torne compreensível e, ademais, mobilize sensações no leitor são tarefas da tradução literária. O geneticista contempla o árduo trabalho do tradutor para que essa revelação poética se concretize. O resultado da tradução poética só recriará o novo para o leitor se o tradutor acreditar que a tradução é uma operação criativa. Se assim não o for, o ritmo, o calor, a história, o nuance e o contexto, mencionados pela autora, não necessariamente se farão presentes, pois uma transposição que cobre fidelidade excessiva poderá falhar no desvelar do invisível.

Se os escritos traduzidos passam a fazer parte de um novo universo literário, o tradutor interfere diretamente a literatura acolhedora. Sua função é clara: enriquecer ou influenciar um campo literário outro, não necessariamente previsto quando da criação primeira. A aproximação entre texto traduzido e texto *original*, ou entre escritor e tradutor, é natural: analisando-se o polissistema<sup>8</sup> receptor de ambos os textos, havendo texto a ser lido, há modificações na literatura local.

(...) o tradutor é também criador de novos textos, de novas obras que, uma vez terminadas, entram no polissistema literário de uma determinada cultura, influenciando-a e enriquecendo-a com a sua contribuição. Não é possível aceitar, portanto, a idéia de que literatura traduzida não seja literatura, ou de que o tradutor não seja um escritor. (ROMANELLI, 2013, p. 172)

Assim, a Crítica Genética, também inicialmente prevista para a análise dos manuscritos de um texto *original*, também pode expandir seus horizontes, analisando os manuscritos deixados pelo próprio tradutor. Se não há hierarquia de valor entre *original* e tradução, tampouco deve haver entre escritor e tradutor.

---

<sup>8</sup> A Teoria dos Polissistemas emerge, numa primeira fase, fundamentalmente com os estudos de Itamar Even-Zohar e mais tarde com Gideon Toury, Zohar Shavit e outros colaboradores do *Porter Institute for Poetics and Semiotics* da Universidade de Tel-Aviv de Israel.

### 1.3 A experiência da tradução

Traduzir o texto “Um time muito especial”, de Jane Tutikian, foi uma experiência. Transformei meu espaço de trabalho em um laboratório da escritura. Optei pela criação. Abri mão da fidelidade e da perfeição. E a tradução aconteceu.

Para orientar meu labor, utilizei múltiplos recursos. Não os escalonei pelo valor: todos – internet, dicionários, amigos nativos, professores, entre outros – auxiliaram durante o processo de escritura. As escolhas referidas aqui serão analisadas a partir das orientações dos professores Fábio Alves, Célia Magalhães e Adriana Pagano, disponíveis na obra “Traduzir com autonomia” (2006), e sob a ótica da Crítica Genética. Eis-las:

#### 1.3.1 Busca de subsídios externos e internos

Preparar-se para a tradução de uma obra implica a busca de subsídios. São variadas as fontes que se apresentam como apoio à prática tradutória. Há elementos externos ao texto que facilitam o processo.

*A consulta de textos paralelos na língua para a qual se traduz é apenas uma das estratégias apontadas como forma de se buscar apoio para o processo tradutório, a fim de garantir uma tradução bem-sucedida.* (ALVES, MAGALHÃES & PAGANO, 2006, p.39-40) A partir do reconhecimento da importância da referida busca, tratei de, após lida a obra de Jane, ler alguns textos literários destinados à faixa etária de leitores prevista para o texto. Uma vez que os leitores de “Um time muito especial” são pré-adolescentes, pesquisei por novelas de autores latinoamericanos contemporâneos à autora, cujos textos tivessem também o mesmo público-alvo e temática semelhante – a amizade, o futebol, os dramas da adolescência, o abandono. Tal atitude foi fundamental para imbuir-me da linguagem própria da literatura infanto-juvenil, embora, obviamente, sem desconsiderar as diferenças estilísticas entre os autores.

Li os seguintes textos:

- “La gran jugada”, da escritora argentina María Inés Falconi: Novela juvenil, conta a história de adolescentes que enfrentam um campeonato de futebol complicado. Além disso, precisam ajudar Maxi, o jogador

mais importante do time, que foi excluído do time por ser diferente. Dentre as tensões da adolescência, surgem os primeiros amores. A amizade é o pano de fundo da história.

- “Frin”, do escritor argentino Luis María Pescetti: Novela juvenil, conta a história de um menino que não é bom no futebol, gosta de ler e tem excelente senso de humor. Está vivendo as principais mudanças da adolescência, até encontrar o seu primeiro amor. Para resolver os conflitos da idade, conta com o apoio dos amigos.
- “No comas renacuajos”, do escritor colombiano Francisco Montaña: Novela juvenil que conta a história de cinco irmãos abandonados que tentam sobreviver sozinhos em um duro e indiferente centro urbano. Todas as portas fechadas pela vida eles tentam abrir com a força da união dos irmãos.

A leitura desses textos permitiu-me uma aproximação à linguagem própria do público-alvo da autora. Outro subsídio externo de extrema importância foi o dicionário. Como a oferta de dicionários é grande, optei por consultar sempre os mesmos:

- Dicionário monolíngue: Real Academia Española (RAE).
- Dicionário semi-bilíngue: Señas.
- Dicionário bilíngue: Santillana.

Ademais, *o tradutor conta com o recurso de consultar amigos, colegas de trabalho ou estudo e, quando possível, pessoas especializadas na área, que podem oferecer subsídios adicionais para resolver os problemas tradutórios.* (ALVES, MAGALHÃES & PAGANO, 2006, p. 46) Estes foram igualmente utilizados.

- A tradução foi feita com a co-orientação da tradutora e professora doutora Karina, do Instituto de Letras da UFRGS. Estabeleci um importante diálogo, primordial para a reflexão acerca de algumas decisões tomadas. A cada unidade de tradução, trocávamos correspondências eletrônicas ou reuníamos para discutir e repensar as escolhas feitas.
- O texto também foi lido, na íntegra – e não por unidades –, por uma professora de espanhol argentina, com quem troquei experiências e dividi incertezas e angústias.

- Por fim, foi lido por um adolescente uruguaio, a quem solicitei a leitura com o intuito de testar a recepção e os estranhamentos causados pela leitura.

A partir das apreciações feitas por esses leitores, ponderei as observações, adequiei-as aos meus princípios como criadora e efetivei ou não mudanças no texto traduzido.

Por fim, outro recurso bastante utilizado foi o acesso à rede mundial de computadores, grande banco de dados disponível ao tradutor.

[...] temos uma alternativa hoje essencial para o tradutor, a rede global da internet, que nos permite a consulta a bancos de dados relativamente atuais em praticamente todas as áreas do conhecimento. A internet nos oferece não só dicionários e enciclopédias on-line, como também o acesso a bancos de terminologia especializados e a artigos, resenhas e outros tipos de texto sobre a área que pesquisamos. (ALVES, MAGALHÃES & PAGANO, 2006, p.47)

Através da internet, tive acesso:

- ao dicionário *on line* da RAE;
- ao dicionário de sinônimos;
- ao banco de dados *Linguae*, ferramenta que mostra correspondências entre idiomas no campo do texto, o que permite análises contextuais;
- à pesquisa de recorrência vocabular e expressional no *Google*;
- às imagens oriundas de pesquisas, que muito facilitam em casos de dúvidas quanto ao uso de determinado vocábulo.

Tais subsídios externos revelaram-se cruciais para a reflexão crítica sobre a experiência tradutória. Além desses, fiz uso de subsídios internos, que se referem à *capacidade de nos lembrarmos dos fatos que já aprendemos, juntamente com a capacidade de estabelecer inter-relações entre eles, ou seja, a capacidade de produzir inferências, [esses] são os dois pontos de apoio interno de que dispomos.* (ALVES, MAGALHÃES & PAGANO, 2006, p.57) Não há, certamente, tradutor desprovido de memória. Foram inúmeros os momentos em que minha memória foi mobilizada para a busca de soluções. Desde uma expressão ouvida em uma aula, ou em minha vivência como intercambista na Espanha, até expressões ditas em filmes ou letras de música.

Ademais, as inferências fizeram-se presença em muitos momentos. Ambas as situações serão observáveis no capítulo destinado ao memorial de tradução.

### **1.3.2 As unidades de tradução**

Muitas vezes nos deparamos com itens lexicais desconhecidos, estruturas sintáticas incompreensíveis, ambiguidades semânticas de difícil solução. Esses acontecimentos modificam o ritmo sequencial do nosso trabalho como tradutores e nos levam a retroceder com o intuito de buscar explicações por meio de passagens já traduzidas e/ou a avançar no texto, deixando temporariamente de lado os problemas não solucionados. [...] Isso nos leva à constatação, ainda que intuitiva, de que trabalhamos tanto o texto de partida quando o texto de chegada por partes. Os Estudos da Tradução dão a essas partes o nome de UNIDADES DE TRADUÇÃO (UTs). (ALVES, MAGALHÃES & PAGANO, 2006, p. 29)

Após a leitura e releitura da obra de Jane, trabalhei com o capítulo como unidade de tradução, buscando não interromper o fluxo tradutório. As escolhas provisórias foram destacadas para posterior estudo, pesquisa e reanálise. A não interrupção do fluxo permitiu-me dar inicialmente mais atenção ao discurso; após, à forma e à correção. Terminada a escritura primeira de cada unidade, relia o capítulo, atentando especialmente aos itens destacados, procurando encontrar a melhor estratégia para solucionar dúvidas e adequar estruturas sintáticas. Assim, houve um bom ritmo de produção. Procurei iniciar o trabalho com outra unidade somente após *lapidar* a unidade anterior.

## **1.4 Memorial de tradução**

A tradução findou-se. Seguiram-se as revisões. Os leitores propuseram mudanças. Acatei-as ou as descartei conforme meus ideais. Dei por acabado o processo de tradução – é preciso pôr um ponto final, mesmo com a sensação de incompletude. Afastei-me. Distanciei-me. Não mais modifiquei a obra. Chegava a hora de analisá-la segundo a ótica do crítico.

Por muitas vezes, almejei modificar algo, porém me contive. O crítico precisa distanciar-se. Se assim não o fizer, estará impossibilitado de trabalhar. As reflexões que seguem iniciaram a ser feitas após um mês de findada a tradução. O distanciamento temporal foi fundamental para a análise genética. Destacarei os itens que mereceram atenção maior. A partir deste momento, uso a primeira pessoa do plural, pois a referida tradução foi resultado de um trabalho coletivo entre minha orientadora, minha co-orientadora, meus leitores e eu.

### 1.4.1 A escolha da linguagem

Ao observar os manuscritos, percebemos várias rasuras que se referiam à reflexão acerca da escolha da linguagem. Tais rasuras revelam um caminho abandonado.

- Óculos → gafas → anteojos
- Goleiro → ~~portero~~ → arquero

Trabalhar com uma língua falada em tantos lugares – 22 países têm o espanhol como língua materna – representa um desafio no que tange, principalmente, ao vocabulário. Há uma variedade imensa de vocábulos que nomeiam objetos, por exemplo, nos diferentes locais. Portanto, é preciso tomar uma decisão: a qual realidade aproximar-se?

A análise dos exemplos acima mostra que o caminho abandonado se referia à escolha pelo espanhol peninsular. Após refletir acerca da possibilidade de publicação da obra, realidade que envolve práticas editoriais e questões de fronteira, decidimos pelo espanhol hispanoamericano. Dentro do espanhol hispanoamericano, também há muita variedade. Portanto, optamos, no que se refere ao vocabulário, pelo espanhol hispanoamericano do cone sul, em especial da Argentina e do Uruguai. No que se refere à conjugação verbal, optamos pelo uso do *tú* como pronome de segunda pessoa do singular (e não pelo *vos*) e pelo uso de *ustedes*, onde os espanhóis usariam *vosotros*. Deste modo, vislumbrando a publicação da obra, pensamos em permitir sua circulação em mais países, uma vez que tanto o uso de *vos* quanto o uso de *vosotros* é particularidade de alguns países.



## 1.4.2 Nomes próprios

Embora pareça simples, a decisão sobre o que fazer com os nomes próprios requer reflexão. Mantê-los como aparecem na obra *original*? Buscar nomes próprios pertencentes ao universo hispanoamericano? Adaptar os nomes do *original*, fazendo atualizações fonéticas? Todas as escolhas mencionadas são possíveis, dependendo do que se pretende. Há, portanto, reflexão teórica para cada decisão tomada. A escolha tomada para praticamente todos os casos foi a de manter semelhança com o *original*, adaptando os nomes foneticamente. Pensamos em nomes que fossem possíveis na realidade receptora, mas claramente vinculados ao universo literário previsto por Jane Tutikian. Assim, temos a correspondência dos nomes modificados. Os demais permaneceram sem alterações:

- Montanha → Montaña
- Julinho → Julito
- Cláudia → Claudia
- Adélia → Adelia

Houve, porém, um nome que o manuscrito revela um percurso reflexivo maior:

- Lúcia → ~~Lueía~~ → ~~Lueia~~ → Lúcia

A adaptação mais esperada seria a substituição de Lúcia por Lucía, conforme sugere a primeira tradução. Porém, esse percurso decorreu, especialmente, da leitura da dedicatória feita pela autora. Ela escreveu: “Para Lúcia I.P.E. e as crianças de Roque Gonzáles, meu time do coração.” Ou seja, Lúcia não era apenas uma personagem fictícia mais, mas sim alguém que tinha uma existência que a autora desejou marcar. Então, pensamos ser importante manter a referência. Após essa decisão, pensamos em suprimir o acento, mas tal decisão poderia configurar erro e, igualmente, perderia o referente. Por fim, decidimos manter o nome próprio conforme o *original*, mesmo sabendo que tal escolha poderá causar estranhamento no leitor final. Isto se deve também a uma tentativa de educação do leitor. É importante que ele saiba que está lendo

uma obra traduzida, que pertence a outro universo, o qual ele poderá conhecer algum dia fisicamente, mas que a literatura também pode encarregar-se de apresentá-lo a ele.

### 1.4.3 Paula Tóller, Kid Abelha e os Abóboras Selvagens

A musa inspiradora do narrador-personagem é Paula Tóller. Além disso, há um trecho em que surge a referência aos *Abóboras Selvagens* (antigo nome do grupo do ao qual Paula Tóller fazia parte, antes de se chamar *Kid Abelha*). Tais referentes – juntamente com a paixão que o time tem por Sócrates, o jogador de futebol – situam a obra na década de 80. O que fazer com esses referentes musicais? Mantê-los, mesmo não se tratando de um grupo expressivo na hispanoamérica? Buscar um grupo latino cuja expressividade fosse semelhante ao brasileiro? O percurso foi o seguinte:

- Paula Tóller → ~~Julieta Venegas~~ → Paula Tóller
- Abóboras Selvagens → ~~Los Auténticos Decadentes~~ → Abóboras Selvagens

A preferência por manter os nomes da cantora e do grupo conforme o referente no *original* decorreu do seguinte: primeiramente, a opção escolhida tinha um problema de temporalidade. A cantora selecionada teve – e segue tendo – destaque na hispanoamérica em meados dos anos 2000. Portanto, haveria uma perda no que se refere ao momento histórico. Ademais, não haveria coerência entre a escolha feita pelo nome Lúcia, em lugar de Lucía, em que justamente optamos por manter o referente real e trabalhar a educação da leitura de texto traduzido e a expansão cultural do leitor. Por fim, há um trecho da obra com clara referência à música “Oito anos”, de Kid Abelha, referência esta impossível de ser recuperada caso substituíssemos o nome da banda.

MÚSICA “OITO ANOS”, DE KID ABELHA	TRECHO DA OBRA “UM TIME MUITO ESPECIAL” (p.58-59)
Por que você é Flamengo e meu pai Botafogo? O que significa “Impávido Colosso”? Por que os ossos doem enquanto a gente dorme? Por que os dentes caem? Por onde os filhos saem?	— Por que nem todo mundo tem uma vida igual? — Por que uns nascem sãos e outros são doentes? — Por que uns são felizes e outros infelizes? — Por que se vive? — Por que se morre?
Por que os dedos murcham quando estou no banho?	

<p>Por que as ruas enchem quando está chovendo?          Quanto é mil trilhões vezes infinito?          Quem é Jesus Cristo?          Onde estão meus primos?</p> <p>Well, well, well          Gabriel...          Well, well, well          Well</p> <p>Por que o fogo queima?          Por que a lua é branca?          Por que a Terra roda?          Por que deitar agora?          Por que as cobras matam?          Por que o vidro embaça?          Por que você se pinta?          Por que o tempo passa?</p> <p>Por que a gente espirra?          Por que as unhas crescem?          Por que o sangue corre?          Por que a gente morre?          Do que é feita a nuvem?          Do que é feita a neve?          Como é que se escreve reveillón?</p>	<p>— Por que há chuva com sol?          — Por que a gente gosta mais de umas pessoas do que de outras?          — Por que a gente diz que ama, se gosta?          — Por que as palavras e os números?          — Por que a gente chora com lágrimas?          — Por que...?          — Por que...?          — Por quê?</p>
--	--

A mistura de perguntas de cunho existencial a perguntas próprias do cotidiano marcam os dois textos, embora o segundo contenha mais questionamentos existenciais. Em conversa com a autora, a mesma confirmou a inspiração na música, o que reforçou a importância de manter o nome da cantora e do grupo, explicando, em nota de rodapé, de quem se trata.

#### 1.4.4 Popachem

Há uma personagem na obra que se chama Seu Adolpho. Ele era de origem alemã e falava com um sotaque alemão, conseqüentemente. O narrador conta que essa personagem não admitia coisas que chamava de *bobagem*, porém diz que a pronúncia dessa palavra era *popachem*. Eis o percurso de tradução:

- Popachem → ~~tontería~~ → popería

A primeira solução foi devido ao vocábulo mais recorrente em espanhol para a tradução de bobagem: *tontería*. Conversamos com uma professora de alemão, para

procurar indícios de quais pares fonológicos poderiam se trocados por um alemão nessa palavra. A solução primeira foi pela adaptação *tontegía*. Insatisfeitas com a solução, buscamos outro vocábulo em espanhol em que seria possível estabelecer uma troca de pares fonológicos mais semelhante ao *original*, visando à correspondência sonora. Chegamos à palavra *bobería* que, embora não seja tão comum no universo hispânico, manteria a troca de *b* por *p*. Assim, *popachem* aparece como *popería*.

#### 1.4.5 O estilo

A obra “Um time muito especial” é dotada de um estilo bastante particular, em especial no que se refere à colocação de algumas conjunções e à pontuação. Tais marcas configuram-se como características importantes da escritora as quais mantivemos, mesmo que os leitores falantes de espanhol como língua materna (tanto a professora argentina quanto o adolescente uruguaio) que consultamos tenham-nas recebido com estranhamento. Temos convicção de que os referidos elementos, embora não normativos, representam marcas de oralidade importantes para a significação do texto. Por isso, foram mantidos, como nos exemplos abaixo:

*O Dr. Celestino andava junto com o juiz. Assim: grudado: num mesmo passo: num mesmo gesto: para lá e para cá: que não com as mãos: que não com a cabeça.*

*Dr. Celestino andaba junto al árbitro. Así: pegado: en el mismo paso: en un mismo gesto: para allá y para acá: que no con las manos: que no con la cabeza.*

*Por um momento pensei que, talvez, ele não soubesse como dizer ou, se sabia, não sei e quase ajudei, bicha, mas.*

*Por un momento pensé que, tal vez, él no supiera cómo decir o, si lo sabía, no lo sé y casi le ayudé, maricón, pero.*

O uso de sucessivos dois pontos e a colocação de *mas/pero* ao final da frase representam marcas estilísticas fundamentais, que, segundo nossa ótica, tiveram de ser mantidas.

#### **1.4.6 A tradução das poesias**

Na obra, há várias poesias de autores consagrados. Traduzi-las significaria aprofundar-se na teoria da tradução de poesia, o que não foi o foco deste trabalho. Nosso foco foi a tradução de texto em prosa. Portanto, não trabalhamos com elementos como metrificacão e rima. Deste modo, optamos pelo seguinte: nos casos em que a poesia citada já havia sido traduzida, utilizamos a tradução já existente e publicada. Nos casos em que não havia tradução publicada ou em que não a encontramos, optamos por fazer uma tradução livre, mais literal. Em relação às canções, todas foram traduzidas, uma vez que não havia tradução já existente. O mesmo valeu para as cantigas de roda.

## **2 Documentos de processo**

Na sequência, encontra-se a cópia do livro traduzido<sup>9</sup>. Esta foi a versão utilizada durante a tradução. Nela, estão as rasuras, os riscos e as anotações que serviram de base para a análise genética. As marcas revelam o percurso da tradução, os avanços e os recuos, as dúvidas e as incertezas, os questionamentos e as possíveis respostas.

---

<sup>9</sup> Reprodução na íntegra autorizada pela autora.

O visual do time não é de impor muito respeito. Os uniformes foram improvisados e estavam bastante rasgados; os tênis, arrebitados. Os jogadores também não são dos mais comuns. O zagueiro é um garoto tão grande que o apelido é Montanha — o nome dele ninguém sabia, porque parecia não ter casa, era mudo e até havia quem achasse que fosse meio bobo. Há ainda uma menina como armadora no time, um goleiro miopo, um ala asmático. O lateral direito é o único que parece normal, todo arrumadinho. E o outro zagueiro não é mais que um sonhador e, por isso mesmo, inscreveu o time no campeonato mirim de futebol de salão da cidade. Mesmo chegando à final, o time é impedido de disputar a partida, acusado de estar fora do regulamento, pelo treinador do time adversário. Em determinados momentos, parece que o resto do mundo está contra eles. Mas é correndo riscos que a amizade e o carinho crescem entre eles, tornando-os um time realmente muito especial.

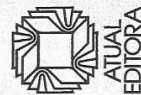
Leia também, de Jane Tutikian:  
*A cor do azul* (juvenil)

ENTRE  
LINHAS  
OZUJANDO  
NOVA EDIÇÃO

# Jane Tutikian

# Um time muito especial

Ilustrações: Daisy Startari

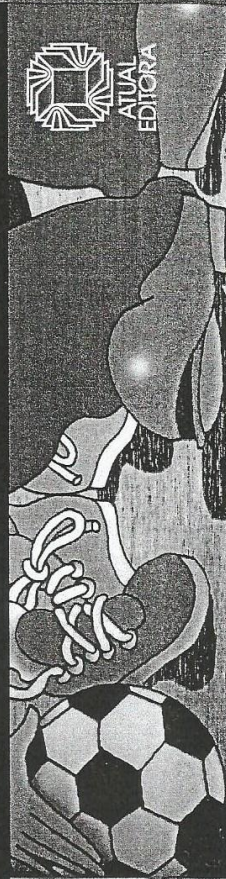


ATUAL  
EDITORA



ISBN 978-85-357-0305-4

9 788535 703054



ATUAL  
EDITORA



**A AUTORA**

**Nome completo**  
*Jane Fraga Tutikian*

**Local e data de nascimento**  
*Porto Alegre, RS,  
5 de maio de 1952*

**Cidade em que reside**  
*Porto Alegre*

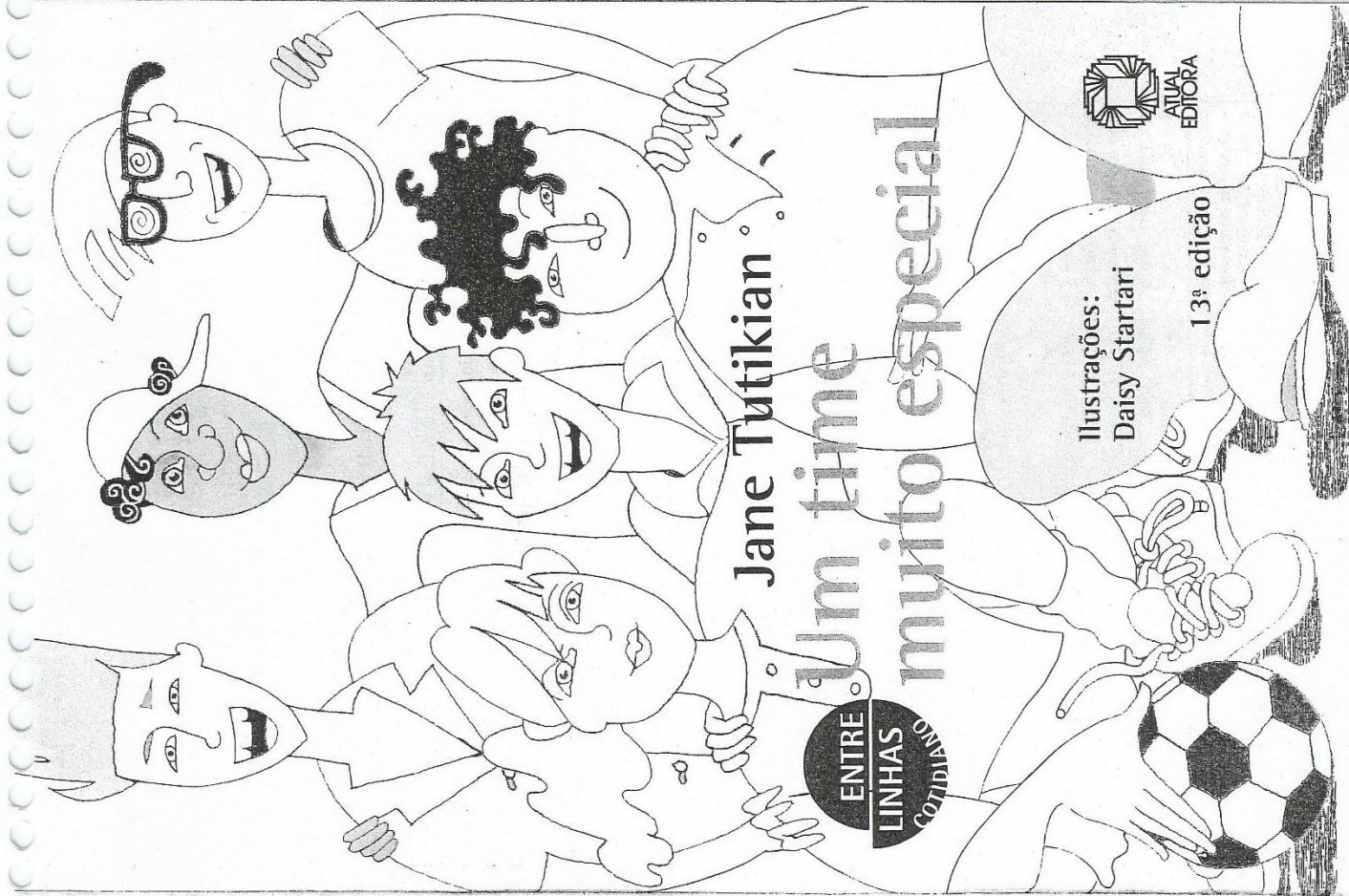
**Estado civil**  
*Casada*

**Filhos**  
*Cristiano e Fernanda*

**Profissão**  
*Professora universitária  
(UFRGS)*

**Formação acadêmica**  
*Doutorada em  
Literatura, pela UFRGS*

**Livros publicados**  
*10*



## Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix  
Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros  
Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira  
Revisão de texto • Pedro Cunha Júnior (coord.) / Edilene Martins dos Santos / Marcelo Zanon

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa  
Coordenação de arte • José Maria de Oliveira  
Diagramação • MZolezi  
Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura • Veio Libri  
Projeto de trabalho interdisciplinar • Lúcia Leal Ferreira  
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tutikian, Jane

Um time muito especial / Jane Tutikian ; ilustrações Daisy Startari. — 13. ed. — São Paulo : Atual, 2005 — (Entre Linhas)

Acompanha projeto de trabalho interdisciplinar, guia do professor.

ISBN 978-85-357-0305-4

1. Literatura infanto-juvenil I. Startari, Daisy.  
II. Título. III. Série.

02-5501

CDD-028.5

### Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Jane Tutikian, 1993.

SARAIVA S.A. Livrinhos Editores  
Av. Marquês de São Vicente, 1697 — Barra Funda  
01139-904 — São Paulo — SP  
Fone: (0xx11) 3612-3000

Fax: (0xx11) 3611-3308 — Fax vendas: (0xx11) 3611-3268  
www.editorasaraiva.com.br

Todos os direitos reservados.

ano: 2011 2010 2009 2008  
tiragem: 7 6 5 4

Visite nosso site: [www.atualeditora.com.br](http://www.atualeditora.com.br)  
Central de atendimento ao professor:  
(11) 3613-3030 Grande São Paulo  
0800-0117875 Demais localidades

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
Burlim Gráfica e Editora

# Sumário

— niente → tal

Um tal regulamento 5

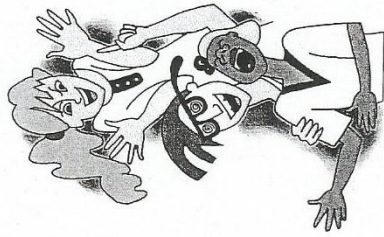
A descoberta da voz 13

O perigo iminente 29

Salve-se um amigo 43

Nem por ouro nem por prata 56

Um time muito especial 68



A autora 77

Entrevista 79

Traduzir?



LUCIA → LUCIA → LUCIA → LUCIA →

Um tal LÚCIA  
regulamento



gafas → anteios

Não posso dizer, hoje, que nosso time fosse o melhor, mas que era especial, ah! lá isso era!

A começar pelo goleiro o Ricardo, que enxergava quase nada e usava uns óculos de lentes grossas como fundo de garrafa. ??

Não tinha bola que não conseguisse pegar, mas, antes, quase matava a gente de susto: esperava que ela chegasse bem perto, tirava os olhos do rosto — porque, se quebrasse aqueles, não teria outros —, botava-os na cintura e aí, sim, defendia.

Isso se passava em milésimos de segundo, mas para nós, até que vissemos a bola presa no seu abraço, era como se o tempo parasse.

Assim:

agarrar / bloquear  
contêner

Na zaga, ficava o Montanha. Ele era enorme!

A gente que inventou esse nome para ele. Não falava com ninguém. Uns diziam que era mudo. Outros, bobo. Não importa! Era uma máquina de defesa! Um trator que levava pela frente o que quer que fosse para impedir o gol e abria um sorriso grande, meio debochado, cada vez que derrubava um.

→ goleador / chasquador / zumbador

MUR MONTANHA

Para a Lúcia I.P.E. e as crianças do Roqué Gonzáles, meu time do coração.

Handwritten notes and signatures in cursive script, including names like 'Dama', 'Montanha', and 'Ricardo'.

— És ainda muito moço — respondeu Athos — e as tuas lembranças amargas terão tempo de se trocarem em doces lembranças.”

Alexandre Dumas, Pai, em Os três mosqueteiros.

For se já  
há tradu-  
ção,

→ editora...

Cláudia era nosso pé. Armava cada jogada de enlouquecer ad-  
versário. Se não fosse pelo futebol, no qual era um cração, era por-  
que era bonita, danada!

O lateral esquerdo, o Julinho, era dos melhores.

Magrinho e bem preto, entrava na área com facilidade e marcava cada golaço de deixar a defesa adversária toda parada, procurando a bola perdida no horizonte, e ela, ali, descansando na rede, decerto vibrando com nossos gritos e abraços, decerto nos perdoando pelos nossos chutes, decerto procurando pelo Julinho. Não é verdade que a bola sempre procura os melhores jogadores? Ou será que os melhores jogadores é que sabem exatamente onde encontrá-la?

Julinho sempre sabia. Estava sempre no lugar certo na hora certa. Só que fazia interromper seguidamente o jogo e, às vezes, até no melhor momento, para usar a bombinha de respirar.

Acho que Carlos, o lateral direito, era o único como os outros. Sabe como é? Todo arrumadinho, toque certo, lado do pé, meio do pé, peito do pé. Explicava nossos erros, pedia calma, muita calma, e montava nossas jogadas ensaiadas. Sabia tudo. Até estudar em colégio particular estudava.

Eu, na outra zaga, não era mais do que um grande sonhador.

É. Acho que foi por isso mesmo que nos inscrevi no campeonato mirim de futebol de salão da cidade.

A gente passou bem pelas eliminatórias e pelas semifinais e, se no começo do campeonato as pessoas não acreditavam muito em nós, agora já nos olhavam com olhos de quem presente perigo.

E como era bom sentir isso!

Depois do almoço, antes que seu Adolpho abrisse o armazém e eu tivesse que começar as entregas, ficava sentado na calçada, assim, um tempão, só vendo a Cláudia, feito o Carlos Alberto erguendo a taça, o sorriso bobo do Montanha e os óculos molhados do choro do Ricardo — chorão como ele, só eu — e o Julinho interrompendo a

volta no campo para usar a bombinha e o Carlos imitando o Sócrates na entrevista da Gazeta da Cidade:

— A gente fez o que pôde. Foi resultado do esforço de todos, de muito treino e do apoio da torcida.

Eu até podia ouvir os gritos e assobios e palmas e ondas que vinham das arquibancadas.

O pessoal do coleginho tinha até faixas com o nosso nome escrito, e o nosso nome vibrava, dançava, pulava.

Pedaços de papel picado ficavam voando, voando no meio da poeira da cancha e do carnaval.

Só que...

O sonho explodiu feito balão de gás, quando não nos quiseram deixar entrar em campo na final.

O treinador do outro time, Dr. Celestino, que também era promotor na cidade, entrou com um recurso alegando que nosso time não estava de acordo com o regulamento.

Havia, sim, toda aquela torcida que eu tinha imaginado. O pessoal do coleginho e do Colégio Particular e até do Seminário estava todo lá. Tinha até faixas e uma bandinha, que não parava de tocar músicas de carnaval.

O papel picado vinha fluando de mansinho ao encontro da gente, mas.

Em vez da alegria do sonho, nós ficamos mesmo foi atordoados.

O juiz não nos deixava ultrapassar os limites amarelos da quadra e aquela gente toda gritando, gritando, gritando.

Foi Carlos a perguntar:

— Afinal, qual é o problema?

Só que não havia resposta.

O juiz, sem nos olhar muito, insistia, cheio de gestos de cabeça e de braços, que não jogaríamos, e o Dr. Celestino nos olhava de uma maneira estranha, enquanto o outro time aguardava dentro da cancha.

As pessoas foram se chegando em volta de nós. Uns empurravam. Outros riam. Outros viaavam.

Qual nome de cidade nacional? De qual país?

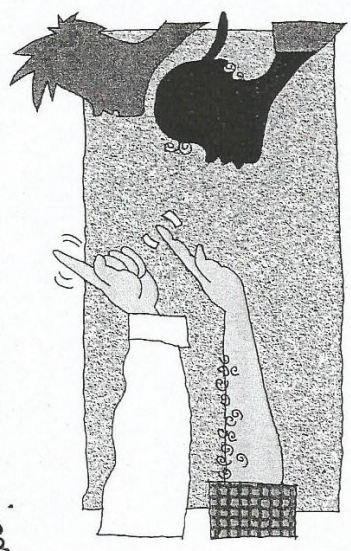
Havia quem quisesse dar no juiz - j-u-i-z eu nunca vou ser, pensei -, "seu filho da puta", mas havia também quem dissesse "deixa pra lá".

O juiz era o seu Arthur, gerente da agência do Banco do Brasil. Eu até gostava dele. Todas as quartas-feiras fazia a entrega do ar-mazém na sua casa e, então, ia mais tarde, quando sabia que ele estava tomando chimarrão no jardim, só para a gente conversar um pouco.

Ele sabia tudo de futebol, conhecia bem tudo quanto era jogador e ficava um tempão só falando na copa do tricampeonato. Além disso, eu espiava pela janela, tinha uma sala inteira cheia de livros e eu ficava pensando que lá, no meio deles, devia ter muitos de poesia e, então, ficava olhando, olhando e pensava que, um dia, ia ter coragem de pedir para ver de perto cada um daqueles livros, tocar, com a ponta dos dedos, tocar cada um deles como quem toca no maior tesouro do mundo e, talvez, até pedir algum emprestado para levar para a minha casa e tudo.

Um dia, quando tivesse coragem. Agora não.

Quando tiver coragem, talvez, até pedir algum emprestado para levar para a minha casa e tudo. O Dr. Celestino andava junto com o juiz. Assim, guardado: num mesmo passo: num mesmo gesto: para lá e para cá: que não com as mãos: que não com a cabeça.



Qual o nome da cidade?

E, se, por um momento, o seu Arthur parou e nos olhou e, por um momento, demonstrou que poderia ceder quando balançou a cabeça, afinal são apenas crianças, para que tanto rigor, se tornássemos um pouco mais flexível o regulamento e se. O Promotor não permitiu e a voz dele era a única que, feito trovão, mais forte do que os outros, conseguíamos ouvir.

- Onde já se viu goleiro de óculos?

Ele perguntava como se estivesse fazendo um discurso para toda a plateia que, na verdade, só queria saber do jogo.

Caminhava de um lado para o outro. Agia como se, com gestos largos, como se estivesse num tribunal.

No meio do barulho, as pessoas nos olhavam como se fôssemos, não réus, mas raros.

- E este bobo que nem sabe quem é?

O Montanha fechou os olhos com força e enrugou a testa como se estivesse fazendo um grande esforço para não avançar no Dr. Promotor. Colocamos, todos, a mão no seu ombro.

Por quê? Não sei e naquela hora não havia muito para pensar sobre o que se fazia ou deixava de fazer. Talvez porque nos mesmos tenhamos nos sentido bobos. Talvez para defendê-lo. Talvez para nos certificarmos de que ele não avançaria. Mas. Talvez, muito mais, para dizermos que, para nós, afinal, ele era o Montanha e sabia que era o Montanha.

- E esta menina? Jogando futebol como um homem em vez de estar em casa brincando de fazer comidinhas para as bonecas! Onde está sua mãe que não enxerga isso? - Isso era as roupas de menino que usava para jogar. Também, não queria que a Cláudia jogasse de sapato alto, não é? - Você não tem mãe, menina?

Sabia que não por perto.

Toda a cidade tinha comentado quando a dona Laura decidiu ir embora, principalmente as senhoras do Clube do Chá da Prefeitura, que passaram um bom tempo, tardes inteirinhas, fazendo suposições de como ela tinha fugido com um homem, embora ninguém tivesse certeza de que ela tinha fugido com alguém.

Dona que existem estes clubes em outros países: PESQUISA

O professor do noturno, sem explicação nenhuma, deixou a cidade no mesmo ônibus de dona Laura.

Cláudia ficou doente. Só chorava. Não comia.

Seu Adolpho dizia que a mulher havia morrido. Mas, quando se perguntava por que, não sabia responder e também chorava e não comia.

As pessoas ficaram preocupadas com eles. Todos os dias, o Padre dava uma passadinha no armazém e conversava um pouco. Rezava por eles. O Promotor também ia.

O Dr. Celestino estava cansado de entrar e sair do armazém e perguntar como ele estava e como estava a menina. Estava cansado de saber.

• melindrosa / delicada

Desta vez nos juntamos à Cláudia, que olhou para um lado e para o outro com aquele perfil de boneca louca e fengosa que tinha e piscou uma lágrima e disse um palavrão tão feio, mas tão feio que todos os que estavam por perto disfarçaram e fingiram não ter ouvido.

Definitivamente, o Dr. Celestino não sabia com quem estava lidando! Houve, depois, risos e aplausos e pedidos de bis, mas ela não repetiu e, no meio do perigo, a gente teve que rir juntos.

Mas ele não se abalou, não:

— E este asmático requitico? Tem atestado médico para jogar?

De nada adiantara o Julinho ter respirado fundo e levantado os ombros.

O buraco da crise — era assim que ele dizia: fica um buraco no meu ar —, o buraco da crise já se tinha aberto e, quase sem poder, ele tratava de tirar a bombinha cinza de Aerolin do elástico da cintura do calção. Nessas horas, ele ficava quase azul.

— E este meio, meio, meio... — entre um meio e outro, aquele gesto feminino da mão dobrada.

O meio era eu.

Por um momento pensei que, talvez, ele não subesse como dizer ou, se sabia, não sei e quase ajudei, bicho! mas, Tive uma vontade enorme de rir e ri.

No meio de todo aquele tumulto e as pessoas gritando e batendo e empurrando, mal consegui me olhar. Assim: meus pés, minhas per-

*Tem se existe em outros países? não acho!  
bula para ver Competição / Balbutando / ver  
nome fantasia? AIROMIR > AEROLIN*

nas, meu corpo e meus braços magros e pequenos e mal consegui olhar para o meu time todo feio e desarmado e pobre e.

Os tênis que arranjamos para o Montanha ficaram sem bico porque os dedos gordos e sujos não cabiam dentro deles.

A camiseta do Julinho estava muito mais para vestido com aquela magreza toda.

Nossos números havíamos pintado, nós mesmos, com aquarela e tinham ficado uma droga. Pior: agora, uma droga escorrida de tanto suor.

A camisa do Ricardo, de goleiro, era justa e curta e tinha lá uns enfeites pequeninhos de florzinhas. Era a única preta que tínhamos conseguido, a blusa da mãe do Carlos.

Dava, mesmo, uma vontade danada de rir, mas nosso time era o que nós éramos e a vontade de rir não era de deboche, não, era só de tanto carinho.

Por entre uma fresta, entre braços e ombros que, vez que outra, se tocavam, pude ver aquele outro time no meio da quadra.

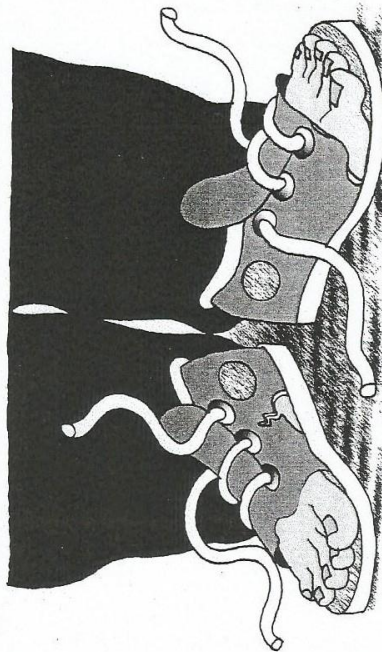
Era todo arrumadinho! Até de meia tudo igual! Até de tênis tudo igual!

Eles festejavam a vitória de um jogo que nem tinha sido jogado.

Isso me fez pensar em coisas que o seu Adolpho me dizia e eu fingia não levar a sério. Será que a vida é mesmo assim? — me perguntei. —

Será que os vencedores nem sempre são os que vencem?

Não!



Não queria pensar assim. Isso era pensamento para o seu Adolpho, que já estava velho. Se acreditasse nisso, as coisas todas ficariam muito difíceis. Viver ficaria difícil e tudo o que eu queria acreditar era que teria uma chance de luta e de busca e de esforço e de trabalho e, da luta e da busca e do esforço e do trabalho, a vitória.

Teria sonhos maiores do que aquele jogo e não queria, por nada deste mundo, eu não queria destruí-los antes de se fazerem sonhos.

No olho do Promotor, na alegria do outro time, no *sem jeito* do seu Arthur, na torcida indo embora, entre braba e divertida, eu descobri que, claro, estávamos mesmo fora do regulamento.

Claro, tínhamos mesmo grandes diferenças.

Embora olhasse em volta e até procurasse aflito, a gente não tinha alguém que fosse grande e falasse por nós. Pensei no seu Adolpho, na dona Lúcia I.P.E., no pai do Carlos...

Não. Ninguém.

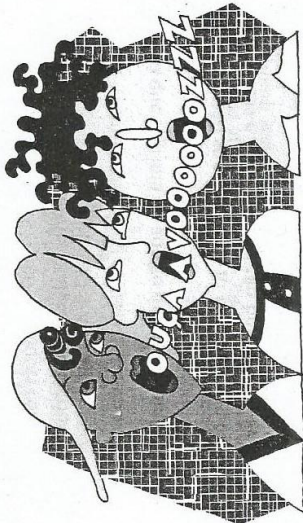
Naquela hora, tínhamos só o nosso coração e ele, meio machucado, nos chamou tanto para perto um do outro que saímos do Ginásio da Prefeitura, mesmo sem ter sido de propósito, saímos abraçados, os seis, deixando para trás, ainda, gritos, discussões, risadas, música, barulho.

Na tristeza dos nossos onze, doze anos, a gente não entendia muito o que tinha acontecido, mas.

Sentíamos forte, aqui dentro do peito, que o jogo já não valia mais muito: nós, o time, é que valíamos mais.

12

La descubria de El deseo-  
brimiento  
A descoberta  
da voz



Foi aí que a gente descobriu mesmo o valor da amizade, embora esse negócio de ficar falando em valor, de ficar medindo e pesando coisas que são sempre maiores, porque são sentimentos, sempre me irrita um pouco e, depois, a nossa amizade, a gente sabia disso mais do que qualquer pessoa, valia muito mais do que o valor.

Quer apostar?

Instituto de  
Previsión del  
Estado

Essa história do jogo nos deixou muito mais unidos. Pela manhã, íamos para o colégio e como só tinha uma turma de cada série no colégio — como todo mundo o chamava, porque o Particular era grande —, frequentávamos, todos, a quinta série da professora Lúcia.

Para a Diretora, ela era a Lúcia I.P.E., de Instituto de Previdência do Estado, porque estava sempre se queixando de alguma dor, ou no estômago, ou na cabeça, ou de cansaço.

13

A verdade é que ninguém poderia nos agüentar mesmo, assim, juntos, sem nenhuma dor.

A Cláudia era a pior da classe. Embora soubesse menos, sempre achava que sabia mais e discutia parelho com a professora e, aí, não havia o que não dissesse, de tanto desaforo.

Teve até um dia em que a dona Lúcia I.P.E. começou a chorar, na aula mesmo, e, então, ficou um silêncio geral e eu fiquei com muita pena dela, porque lágrima de adulto dói muito mais do que lágrima de criança.

Por que será que lágrima de adulto dói muito mais do que lágrima de criança?

Talvez porque não se pode pegá-lo no colo, com carinho, e oferecer balas e pirulitos e uma história tão bonita e divertida que o faça esquecer o choro.

Talvez porque lágrima de adulto seja de uma outra natureza: seja, ela mesma, portadora de sua própria e imutável história, do seu próprio e imutável sentimento.

Talvez... Eu não sei. Só sei que a gente fica sempre tão impotente, tão sem saber o que dizer quando um adulto chora! Isso vai passar, vai passar...

Eu não queria nem olhar.

Eu sentava, sempre, perto da janela.

Não conseguia ficar preso numa sala, por muito tempo, principalmente quando a aula era de Matemática, porque os números não me atraíam, porque os resultados tinham que ser os mesmos, para todo o mundo, porque colocavam limites para um sonhador como eu.

As palavras, sim.

Com as palavras eu criava, mentia, ganhava e perdia. Com elas eu mudava coisas e descobria gente e lugares. Eu me transformava e crescia.

Com elas construía mundos grandes e pequenos, fetos e bonitos, que, às vezes, precisavam sair pela janela para encontrar qualquer coisa ou qualquer pessoa do mundo de verdade.

É que as palavras são magias rápidas, instantâneas: P O N T E S, mesmo quando dizem o contrário do que querem dizer.

Não havia nada na janela e eu fiquei pensando no que não queria olhar, na lágrima azul do olho azul da dona Lúcia.

•

Não agüentei, pedi que ela não chorasse mais, que a Cláudia não achava mesmo aquilo tudo o que tinha dito, embora eu nem soubesse mais o que tinha dito, não é Cláudia?

Ela fez que sim com a cabeça e pediu desculpas.

•

Cláudia era assim mesmo.

Tinha um jeito delicado, uma voz meiga e, de repente, nem combinava com ela o modo como ficava braba e por qualquer coisinha partia logo para a briga. Mas durava só aquele tempinho. Assim: como uma grande explosão. Logo depois, ela agia como se nada tivesse acontecido.

Cansara de fazer assim comigo e, quando eu pensava que estava de mal comigo para toda a vida, já tinha passado e, então, era a maior amiga que alguém poderia desejar.

A gente podia contar com ela para tudo. Era uma malcriada de coração grande.

Pronto! Que lá estou eu, de novo, medindo coisas, lá estou eu medindo o coração.

•

Mas, então, a dona Lúcia I.P.E. chorou muito mais.

Com uma mão na cabeça e a outra que massageava o estômago, disse que tinha dedicado sua vida às suas crianças e que nós éramos, para ela, os filhos que nunca teria.

Um monte de gente chorou junto com ela, mas.

De nervoso, entre um chiado e outro e já meio azul, o Julinho riu, porque o Julinho sempre ria quando ficava nervoso.

Dona Lúcia ficou mais braba ainda, disse para Cláudia que se a turma não a respeitava mais era por sua culpa e saiu.

Ficamos todos calados.

*discutir? escarpelar*

No olho de cada um, um tanto de medo.

Tinha gente com a cabeça deitada em cima da carteira. Outros com o olhar molhado e vazio. Outros, ainda, querendo matar a Cláudia e escarpelar o Julinho.

Sabíamos que aquela saída da professora significava tempestade próxima, e porque éramos, nós mesmos, o nosso bote salva-vidas, Julinho, Ricardo e Cláudia vieram para bem perto de mim e da janela. Lá fora, eu não encontrava nada.

Nossos olhos eram corações batendo de modo desordenado.

Não demorou muito para que dona Adélia, a Diretora, invadesse a sala marchando, porque ela sempre marchava quando estava braba e, depois de um olhar de cão furioso para a turma, daqueles que, pronto para atacar, rosna até pelos olhos, deteve-se em nós quatro.

Ricardo, Cláudia, Julinho e eu, quanto mais nos olhava, nos sentíamos murchar na cadeira, feito desenho animado.

Pedi que Cláudia a acompanhasse.

Eu queria ter ido junto.

Por um momento pensei em olhar para a Diretora, sem medo. Pensei em levantar e colocar a mão no ombro da Cláudia e dizer que era responsável por ela — afinal, era assim que me sentia —, mas. Um ar gelado me atravessou o estômago. Uma respiração ligeira e difícil. Os joelhos tremendo. O coração tremendo.

A janela.

Quantas coisas, ainda, tinha querido fazer na minha vida e não fiz por falta de coragem?

Dona Lúcia I.P.E. voltou e continuou a aula como se nada tivesse acontecido.

A gente só notava que tinha acontecido alguma coisa porque, vez que outra, dava um longo suspiro e colocava as mãos no estômago.

Muito tempo depois, Cláudia entrou na sala de cabeça baixa e com os olhos inchados.

Desprotegida.

Pegou os livros e saiu sem dizer nada.

Os números começaram a dançar na minha frente e veio uma vontade de vomitar que só controlava olhando pela janela. Por que eu não era o Super-Homem? Por que eu não podia fazer mais do que realmente podia?

Julinho teve que sair mais cedo por causa de uma crise de asma e saiu mal, sem olhar para ninguém.

Ricardo, com os olhos franzidos, tentando enxergar o que estava escrito no quadro-negro, não parava de morder a alça dos óculos.

Ficou em mim um vazio que não sabia explicar.

Sabe quando uma tristeza grande vai tomando, aos poucos, vai tomando conta da gente e termina engolindo a gente inteiro?

Sabe quando o ilimitado da janela passa a terminar na própria madeira apodrecida e cheia de cupim da janela?

E os vidros quebrados são somente vidros quebrados?

Era assim.

Tudo e nada.

Queria ter ido junto e queria ter ficado. Tinha medo de não poder fazer nada.

Às vezes, quando eu pensava no mundo, assim como ele é, com as coisas ruins que tem, porque ele não é só bonito, eu tinha medo de não poder fazer nada.

Um vazio, apenas.

Quando o sinal tocou, sai correndo, nem passei em casa nem nada, embora estivesse morrendo de fome, e fui direto para o campinho onde a gente jogava.

Já estavam todos lá.

Cláudia tinha os olhos inchados e o nariz vermelho.

Montanha, Ricardo, Julinho e Carlos pareciam estar chegando de um enterro, que enterro é sempre triste.

Perguntei, logo, por quanto tempo era a suspensão, e o Ricardo, com os olhos franzidos e os óculos na mão, respondeu baixinho, de cabeça baixa, que para sempre.

Pensei que não tivesse ouvido bem e insisti na pergunta, mas já irritado o Julinho gritou:

— Para seeeeeemmmmmpppppprrrrrrreeeee!

*ponderar as letras*

Para sempre é muito tempo!, pensei.

Para sempre pode ser do tamanho de uma vida independente do tamanho da vida!

Para sempre é alguma coisa que a gente perde no tempo. Assim:

um túnel sem fim, quando para sempre é ~~nunca~~ mais, como um branco, um vácuo,

— Para sempre, sempre? — perguntei de novo.

Fiquei pensando no nosso último jogo e uma bola trancou na minha garganta. Aquela coisa de querer pedir socorro e esperar que alguém faça alguma coisa. Sem pedir. Sem ninguém fazer.

— Tu já contaste na tua casa? — arrisquei.

— Meu pai me mata!

— Mas e se ele fosse no coleginho falar com a Diretora?

— Não! Ele me mata! — Cláudia estava muito aflita, mas.



*quem fala quem faz quem*  
*ATAES*  
*TONOLÓGICOS*

Matava mesmo!

eu Adolpho era um alemão grande e forte, com cara de brabo, que não admitia o que chamava de bobagens e, a tudo o que se falava, exclamava bobagem!, com **b** que era um **p** e o **g** que era um **ch**.

Quem o imitava bem era o Julinho. Ficava assim: *popachem. B.* se ele usava seu tom de voz mais grave, o melhor era *sair de perto*.

Eu sabia bem o que esperava Cláudia em casa por todos os xingões e os tapas de que me esquivava nos dias em que trabalhava na entrada do armazém, mas.

Sabia, também, que, quando passasse o ataque de raiva, seu Adolpho choraria junto com a filha, como criança grande, se sentia culpado, lamentaria a partida da dona Laura, choraria mais ainda e, depois, guardaria Cláudia num grande abraço, só para ele, tentando protegê-la do que ele entendia ser a vida.

— Vamos dar um jeito, vamos sim. Isso tudo é uma grande bobagem — diria.

Eu gostava disso nele.

Embora brigasse comigo e, às vezes, eu tivesse vontade de mandá-lo para aquele lugar mesmo, virar as costas e ir embora, sentia, às vezes, que ele me protegia e gostava disso.

Nos dias em que estava bem e tinha pouco movimento no armazém, ele apoiava os dois braços no balcão, colocava a cabeça à frente das língüças dependuradas no fio de arame e perguntava:

*E daí, guiri?*  
*Eu vibrava!*

*Buscar uma palavra bem marcada = PIBE*

Sentava num caixote e ficávamos conversando durante muito tempo. Falávamos sobre tudo: futebol; minha mãe; não vê o trabalho que ela passa, a coitada! Tu precisa ajudar em casa, hem?; o coleginho;

está tudo cada vez mais difícil, mais trabalho e menos dinheiro para quem não tem estudo, não me venhas com bobagens porque tem que estudar; meu futuro — isso era uma coisa com que ele realmente se preocupava. Quanto a escrever livros, ficava pensativo; não dizia



nem que sim nem que não. Talvez porque essa fosse uma porta do mundo à qual não tivera, nunca, acesso.

Mas o que ele mais gostava mesmo era de falar das mulheres.

Quando dizia "gostosa", então, aí seu sorriso se alargava e a dentadura de cima começava a dançar na boca.

Terminávamos, sempre, rindo muito quando atribuía qualidades às partes do corpo das que passavam na calçada.

Bundas e seios jamais escapavam até que a sua mão de dedos grandes e unhas sujas cortava o ar:

— Vamos deixar de bobagem que, com este jeito de sono aí, estás me saindo um grande de um [malandro]!

Era hora de trabalhar.

*distúrgo?*  
*liberón*

Já há alguns dias que ele vinha me prometendo que, quando chegasse a hora, me levaria à "Casa das Moças". Era como se fosse uma responsabilidade que tinha tomado para si e tomado a sério.

Eu, embora não visse a hora de que a hora chegasse, ficava muito nervoso de pensar numa mulher nua à minha frente e me olhando e sorrindo com uma boca muito vermelha no meio daquele cabelo crespo oxigenado e me chamando vem e eu não sabendo o que fazer, vem, assim, de não saber nem o que falar! e não sabendo, mesmo, começar aquilo, vem, e as mãos dela, de unhas grandes e roxas, me tocando, me agarrando, vem, se é que eu é que tinha que começar.

Tinha visto num filme e era assim. Talvez, na realidade, na realidade, não fosse, mas o fato é que eu precisava falar com ele sobre isso antes de ir lá, até porque os meus sonhos com a Kid Abelha — Uau! (A Paulinha!) — de biquini e tudo na beira de uma praia deserta, à noite, apenas o barulho do mar e de uma fogueira, que ardia lentamente na parada do tempo e só nós dois — os Abóboras Selva — gens eu tinha deixado fora de cena —, e só nós dois nos olhando, muito perto um do outro, nos aproximando sem pressa nenhuma, mais e mais, mais e mais, sempre terminavam aí e eu acordava ansioso e suado.

Claro que não ia contar para ele sobre mim e a Kid Abelha, mas a gente precisava falar antes de me levar lá.

*Autênticos?*  
*Decadentes?*

Só que com a Cláudia não queria arriscar.

Eu ficava olhando para ela enquanto uma mistura de sentimentos tomava conta de mim.

*O que fazer?*  
*JULIETA VENGÇA*

Minha relação com ela era totalmente diferente da relação que tinha com a Kid Abelha.

Era como se a Cláudia fosse minha.

*KID VENGÇA*  
*Idade ???*

Eu sabia tudo dela! Às vezes sabia o que estava pensando e até o que ia dizer e, se fechava os olhos, não importava onde estivesse, se fechava os olhos, podia vê-la direitinho, cabelo, olho, boca, nariz, corpo, perna, pé e gostava de vê-la sorrindo para mim.

Eu ficava assim um tempão vendo-a sorrir para mim e, às vezes, até podia ouvir sua voz. Sem dizer nada. Apenas a voz no meu ouvido.

A verdade é que eu gostava dela.

Nem sei bem quando é que isso começou, mas era uma coisa muito forte dentro de mim.

Eu gostava dela.

Só não tinha coragem de contar nem para ela nem para ninguém.

Já pensara em falar sobre isso com o seu Adolpho, podia inventar que era uma outra menina do coleginho e tudo, mas acho que, se ele descobrisse quem era, matava era a mim!

Queria namorar com ela, pegar a sua mão, dar um beijo na boca — Uau! beijar na boca! Dava até vontade de imaginar como seria —, mas.

Por mais que quisesse, não sabia como fazer e, se sabia, não conseguia.

Primeiro teria que vencer a mim mesmo numa luta para a qual sentia que não estava, ainda, preparado. Essa coisa de ser tímido sempre me atrapalhou demais.

Só de ensaiar:

— Cláudia, eu gosto de ti — sentia o sangue subir para o meu rosto e me deixar todo vermelho e com uma enorme sensação de fracasso.



Às vezes, eu não gostava nem um pouco de mim.

E ela, ali, precisando que eu pegasse a sua mão com carinho e que emprestasse o meu ombro para chorar mais um pouco e que lhe desse um abraço e que dissesse que eu mesmo iria falar com a dona Adélia e não disse nada.

Tremia da cabeça aos pés e me odiava e odiava a dona Adélia e a dona Lúcia e todo o resto.

No futebol, meu abraço, depois de um gol, era sempre o mais longo.

Coube a Carlos a decisão.

— Eu acho que não adianta nada a gente ficar aqui chorando. Precisamos fazer alguma coisa.

Carlos tinha mesmo um jeito de herói.

Eu achava isso o máximo nele. Já tinha pensado, até, que ele era como eu queria ser.

Quando crescesse, decerto seria presidente da República.

Eu? Queria ser poeta.

Teria, antes, que ter a coragem de pedir para entrar na biblioteca do seu Arthur. Com certeza lá tinha livros ainda melhores e mais interessantes do que os da biblioteca do coleginho. Não! Falar assim me faz sentir meio culpado. Com certeza lá encontraria outros livros que ainda não tinha lido.

Na próxima entrega das compras, talvez. Chegaria como quem não quer nada. Mesmo querendo tudo.

Ele haveria de querer falar do nosso último jogo, se justificar, mas eu diria que estava tudo certo e que nosso time não estava de acordo com o regulamento mesmo e que a gente nem conhecia este tal de regulamento, mas já tinha passado. E, aí, num só fôlego, eu diria que só o que não passa são os livros.

Ele, certamente, me olharia admirado.

Eu, então, falaria dos poetas e da poesia.

Ele, então, mais surpreso ainda, me perguntaria:

— Mas tu gostas de poesia?

E eu, dizendo que sim, recitaria, emocionado, Fernando Pessoa:

VERSAO DA INTERNET (?)

O poeta é um fingidor

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama coração!

Fernando Pessoa — Autopsicografia. In: *Poesias*. Lisboa: Ática, 1970. p. 237.

CONFIAVEL

Jalovici

Kawane

FERNANDO PESSOA

VERSAO DA INTERNET (?)

LIVRO

COMPRAS

OK!

Nota de

redação em

lit. Inf. Juu?

8 P.A.?

Claro! Fernando Pessoa seria minha chave de acesso à biblioteca sonhada!

E eu já me via acarinhando a lombada dos livros. Abrindo, ao acaso, abrindo em uma página qualquer e lendo um verso, dois, como quem quer, devagar, absorver tudo, guardar para sempre, num pratinho, mais do que de alma, completo, também físico.

Seria assim. Depois da entrega, sentiríamos os dois no jardim. Seu Arthur tomando chimarrão. E falaríamos dos livros que lemos, dos versos que ficaram dos mundos que descobrimos, descobrindo sentimentos.

*Bem marcado!*

O Montanha olhou um olhar de o quê?

Incrível isso de como os olhos das pessoas falam do coração!

A gente pode até mentir com a voz, mas com os olhos... eles fogem na hora da mentira. Eles contam tudo.

Acho que só eles guardam a palavra inteira e tudo o que a gente sente.

Eles até choram...

Os olhos do Montanha falam mais do que qualquer um de nós, que falamos.

— Eu vou até a casa da professora Lúcia — disse Carlos. Montanha olhou que ia também.

Julinho e eu levantamos junto com o Ricardo.

Cláudia pediu ajuda para levantar.

Saímos, os seis, abraçados do campo.

Na porta da casa, o Julinho estava branco, o Montanha inchado, eu tremendo, a Cláudia chorando.

Só o Ricardo, apesar de ter os óculos na mão e ele fazia assim diante de qualquer situação difícil, e o Carlos pareciam bem.

Eles bateram juntos.

A professora se mostrou surpresa quando nos viu, mas nos fez entrar.

Do meio da sala apertada e escura, não pude deixar de notar que estava abatida, de olheiras marinho embaixo do olho azul e tudo.

Decerto sentia como sente uma mãe que expulsa o filho de casa, pensei.

Mãe expulsa?

Antes que ela perguntasse por que estávamos lá, Carlos começou a falar.

Ele tinha jeito para isso.

Mostrou que não tinha sido de coração e nem tão grave, até por que não tinha sido uma briga diferente das outras brigas que tivera com a menina — e apontava Cláudia, que fazia sua melhor cara de vítima enquanto o ar do orador se tornava mais grave e, se o Julinho e eu tínhamos vontade de rir, também não podia esconder meu olhar de admiração que, um dia, talvez, Carlos fosse um advogado de defesa muito importante. Essa coisa de vocação de que já ouvira falar.

Veza que outra, com os olhos muito franzidos, Ricardo puxava um coro a que seguíamos compenetrados:

— Por favooooooooooooooooooooo!

— Por favooooooooooooooooooooo, professorssssssssssssora!

E foi simplesmente o máximo quando o Carlos concluiu:

— Pedimos e esperamos, sinceramente, que a senhora reconsidere, dona Lúcia.

— Por favooooooooooooooooooooo!

— Por favooooooooooooooooooooo, professorssssssssssssora!

Primeiro, ela ficou parada, pensando, olho azul meio distante e quem sabe para dentro dela mesma, brigando, disfarçadamente, brigando com uma lágrima que teimava em chegar.

Depois.

Um depois que para nós seis foi quase uma eternidade, começou a falar sobre o gesto bonito e sobre essa coisa de solidariedade, olhando sempre para o Montanha e o Carlos, provavelmente porque eles não faziam parte da nossa turma, no coleginho, mas.

Então foi decisiva:

CONTAR

CANTAR

— A gente tem que aprender, desde cedo, que tem de arcar com a responsabilidade por aquilo que faz. Eu aprendi quando era muito jovem e, se foi doloroso, não me tirou pedaço, ao contrário, me fez amadurecer. Agora chegou a vez da Cláudia, tanto eu avisei, tanto eu falei, mas ela não descobriu, ainda, que não se pode sair por aí desrespeitando e magoando as pessoas por nada.

Com medo, olhei para a Cláudia. Pensei que começaria tudo de novo, que ela fosse responder, mas. Acho que já tinha aprendido, sim, a lição. Não colocou as mãos na cintura. Não cuspiu no chão. Não passou o pé em cima. Não mandou longe. Aliás, não disse sequer uma palavra.

— Agora chegou a vez da Cláudia aprender — continuou dona Lúcia. — Não queria que tivesse sido preciso ser essa a lição.

Caminhou para a porta, abriu e disse, ainda, que para ela também estava sendo difícil.

Embora nos indicasse o caminho para a porta, não nos mexemos.

• Não estávamos dispostos a sair dali daquele jeito.

Nós não estávamos felizes, ela não estava feliz e se ninguém estava feliz, por que, afinal, tinha que ser assim?

Qual é a graça de viver, se a gente não vive para ser feliz?

Ninguém dizia nada.

Ela, porque já tinha encerrado o assunto.

Nós, porque não tínhamos mais o que dizer.

Ficamos assim:

• O silêncio estava pesado demais, só o que se ouvia era o chiado do Julinho, que não parava de olhar para os seus pés, com medo de rir.

• Não tinha adiantado a gente ter lutado pela gente?

26

Foi, então, que o Montanha começou a emitir um som rouco e difícil como um bicho, enquanto — com gestos grandes e brutos — dizia coisas que não conseguimos decifrar, embora entendêssemos que ele, simplesmente, queria que a Cláudia ficasse bem e ficasse na escola.

A professora, assustada, pedia que ele se acalmasse, caminhando de um lado para outro, como quem não sabe o que fazer, tropeçando no sofá floreado.

Só que pedir não adiantava.

Cláudia o abraçou. Nunca tínhamos visto o Montanha daquele jeito!

O que ele emitia eram os sons mais tristes e aflitos que eu jamais ouvira em toda a minha vida de quase 13 anos. Peguei sua mão.

Ele só parou quando dona Lúcia segurou-lhe o rosto, com as duas mãos, pediu por favor, ela faria o que ele quisesse, e o que ele queria nós todos sabíamos.

A lição era não magoar e já tínhamos, todos, aprendido. Disse que falaria com a dona Adélia para que pudéssemos começar tudo de novo.



27

Abraçamos dona Lúcia I.P.E., que parecia exausta. Abraçamos a Cláudia, que parecia não acreditar. Só não abraçamos o Montanha porque, de repente, ele não estava mais lá.

Naquele noite, eu, que era um eterno esfomeado, não quis nem jantar nem nada.

Minha mãe ficou preocupada, não tinha almoçado!, pensou em febre, em gripe, em garganta, essas coisas todas que as mães pensam primeiro quando notam que os filhos não estão bem. E mãe sempre nota.

Disse, apenas, que estava muito cansado e estava.

Ela me abraçou, falou qualquer coisa sobre matar, de novo, o banho e as "roscaas" pretas no meu pescoço e a cor dos meus joelhos e dos meus pés e do "cascão" atrás da orelha e me colocou na cama, de calção e tudo, em cima do lençol branco que, afinal de contas, mãe é mãe, ora!

Quando apagou a luz, disse que me amava.

— Eu também.

E fechei os olhos.

Fiquei pensando no último jogo, quando ninguém falou por nós e, então, pensei no Montanha e no que tinha acontecido e foi uma sensação estranha a de me dar conta de que tínhamos, sim, voz. Ainda que feita dos sons mais estranhos, voz.

## O perigo iminente



No dia seguinte, encontramos o Montanha dormindo na entrada do colégio.

Como não pensei que ele tivesse ido para lá? Afinal, era onde ele sempre estava, quando não estava conosco, e, nos recreios, ficava com o rosto mais feio, ainda, marcado pela tela que separava o pátio da rua, olhando e rindo um riso aparentemente vazio.

A gente, que já tinha se acostumado com ele lá, nem estranhava mais. Pensando bem, foi assim que ele entrou na nossa vida: com o rosto prensado contra a tela, na hora do recreio, apenas olhando e rindo um riso aparentemente vazio.

No início, a gente bem que ficou com um pouco de medo. — Puxa! Que medo não tem pouco nem muito, é medo, mesmo, e só! — Príncipe palmente as meninas, que, em grupos pequenos e que depois iam aumentando, chegavam devagarinho, devagarinho, perto da cerca e, aí, saíam correndo com aqueles gritinhos ridículos que só elas sabem dar.

E, então, começaram as conversas:

— Eu acho que é um maloqueiro.

?!? Cochuro  
MALANDRIN

pronto. Ele estava pronto para atravessar os meses de frio que tinhamos pela frente.

E, naqueles dias de outono, em que o sol ainda é muito quente, o Montanha, já preparado, andava, com as bochechas em cor de brasa, suando como torneira que a gente esquece aberta.

Então, ele não nos largou mais, depois daquele dia, e começou a nos acompanhar ao campinho.

Às vezes, ele até chegava primeiro e, quando a bola rolava, ficava parado olhando, olhando.

Não sei o que se passava na sua cabeça, mas era estranho o jeito como ficava atento.

Acho que foi por pura gozação que o Ricardo perguntou se ele queria jogar e lhe passou a bola.

O pobre do Montanha, pego de surpresa, ficou enlouquecido de felicidade. Os olhos dele, sim, é que eram duas bolas e o seu sorriso, de tão grande, começou a tomar conta de nós.

Depois de comemorar, no ar, um gol que ainda não tinha feito, ele carregou a bola como um verdadeiro craque, deixando a gente com cara de bobo.

Agora, o Montanha era dos nossos.

Não ficava, nunca, sem comida e, quando estava muito difícil, a Cláudia e eu dávamos um jeito de distrair seu Adolpho e tirar do armazém um pão com lingüiça, que era o que ele mais gostava.

Às vezes, a gente não resistia, porque ele comia de um jeito como se nos dissesse tão bom com os olhos e com a boca e com as mãos, e a gente terminava comendo com ele.

Mas não era só isso o que se dividia, não.

Quando ele me ajudava nas entregas do armazém — e tinha que ficar me esperando lá na esquina para o seu Adolpho não ver porque não queria mais empregados: “Já tenho tu para me atrapalhar o bastante com tuas bobagens” — quando ele me ajudava nas entregas do armazém, fazia questão de levar sempre o mais pesado e ficava todo contente quando eu dizia que ele era muito forte. Eu dividia com ele o dinheiro da entrega e até a gorjeta.

*sem vontade = bom gosto*  
— Eu acho que é um louco! — gritinhos nervosos.

— Ai! Meu pai disse para não chegar perto.

— É mesmo, minha mãe disse que é muito perigoso até contou a história de um que roubou uma guria lá em São Paulo.

— Ai que medo!

E os gritos se confundiam com risinhos nervosos e palhinhas rápidos no mesmo lugar, para começarem tudo de novo: reunirem-se em grupos, chegarem devagarinho perto da cerca e saírem correndo...

Me dá até vontade de rir. Imagina! A gente ficou com medo do Montanha!

Ele era diferente de nós. Meio gordo, meio sujo, as roupas velhas, meio grande... Pronto! Lá estou eu medindo de novo! Ele não era meio gordo, não: era gordo. Não era meio sujo: era sujo. Não era meio grande: era grande.

E não dizia nada, só ria.

Depois, ele foi deixando de ser novidade. As meninas pararam com aquela história que já estava ficando chata e a gente foi mesmo se acostumando com ele.

Todo o mundo que passava pela tela lhe dava um pedaço de merenda. Ele aceitava tudo.

Teve um dia, desses em que o inverno começa a querer mostrar sua cara cinza e triste, que o Julinho trouxe um casaco que tinha sido do seu avô e deu para o Montanha.

Era um casaco horrível, sabe?, daqueles de fatiota cheirando a defunto, além disso, era enorme, mas.

O Montanha vestiu logo e, com os olhos, mostrou logo que tinha gostado, enquanto, com poucos gestos, nos fazia entender que era quentinho, quentinho.

Bom, aí, a gente é que ficou louco de contente e procurou outras coisas em casa.

Umás calças compridas do pai do Carlos, as botas de borracha da mãe do Ricardo, uma camisa do irmão do Julinho, um cinto meu, um blusão, todo embolotado na barriga, do seu Adolpho e

Geralmente gastávamos as duas partes em gibis que, aos domingos, trocávamos na porta do cinema.

para → ~~ABRIL~~ <sup>COMICS</sup> ~~JUSTIÇAS~~  
Eu gostava mesmo era de gíbi antigo.  
Eu gostava do Fantasma.

Aquela roupa que ele usava. Aquela caverna misteriosa. O trono e o anel da caveira. Os pigmeus. Tudo despertava em mim uma mistura de medo e curiosidade e prazer.

Acho que é isso o que as pessoas chamam de fascínio.

O Fantasma me fascinava.

Às vezes, esquecia de tudo e ficava pensando que eu era ele e andava pela floresta montado no meu cavalo branco e com meu cachorro Capeta, enquanto milhares de olhos, dos pigmeus — eram sempre os olhos do Julinho —, me acompanhavam e eu procurava a Diana.

Quando a encontrava, ela era a Cláudia e, sempre, no final, eu a levava para a caverna da boca da caveira e a gente casava e tudo. Acho que eu achava muito triste morar sozinho lá. E ficávamos, os dois, na sala do trono, com as tochas de fogo presas às paredes nos iluminando.

Então, um arrepio percorria meu corpo e o meu estômago, e o meu sexo se modificava e eu tratava de dormir como podia.

A professora Lúcia I.P.E. perguntou pelo Montanha, de onde ele era? quem eram seus pais? onde morava?

Nós quatro, Ricardo, Julinho, Cláudia e eu, nos olhamos surpresos. Nunca tínhamos pensado nisso antes e não soubemos responder como ela queria.

Ele tinha vindo da tela que separa o pátio da escola da rua, simplesmente, era um dos nossos e nós cuidávamos dele, simplesmente isso. O nome verdadeiro?

Era o que tínhamos dado e nos bastava.

Aliás, nem sempre os nomes dizem tudo das pessoas e, então, é preciso modificar um pouco.

Quer ver?

O Júlio, por exemplo, não era Júlio, era Julinho. O Carlos não era só Carlos, precisava ser alguma coisa assim como Carlos Eduardo, Carlos Augusto, sei lá! A Cláudia, uau!, a Cláudia sim era bonita e tinha um rosto tão delicado quanto o nome. Era Cláudia, sim, mas, quando a gente começasse a namorar, eu já tinha decidido: ia se chamar Claudinha.

E o Montanha?

Puxa! Nenhum outro nome seria melhor para chamá-lo do que Montanha!

No dia do aniversário do Ricardo, a gente fez ele tomar banho e tudo e arranjou umas roupas "novas" para ele ir à festa, assim: de calça jeans e tudo, mas por mais que a gente o enfeitasse e que ele lambesse, com a palma das mãos, aquele cabelo crespo, ele não deixava de ser o Montanha.

Dona Lúcia mandou para ele uma caixa de bombons, que comemos todos sentados no meio do campinho.

Foi nesse dia que o Carlos chegou com a notícia de que ouvira o Dr. Celestino fazendo perguntas ao seu pai sobre aquele menino bobo, amigo do seu filho, que anda largado por aí.

— Não se pode deixar, estamos sendo coniventes com a sua marginalidade, o que, talvez, possa representar, futuramente, alguma periculosidade — ele disse com a voz grave, imitando o Promotor.

— E o que é isso? — perguntou a Cláudia.

— Isso o quê?

— Isso que ele disse.

— Quer dizer que ele anda atrás do Montanha, não é? — respondeu o Julinho, perguntando.

— É — concordou Carlos.

— Mas para fazer o quê? — insistiu a Cláudia.

— Bom, o que ele quer fazer com o Montanha, eu não sei muito bem, mas eu acho que o meu pai concordou com ele — disse meio chateado, desviando os olhos.

Era assim que Carlos fazia quando estava contrariado, não conseguia parar por muito tempo num mesmo lugar e não conseguia olhar no rosto da gente, ficava olhando para os lados e, então, parava de falar. Às vezes, não dava nem tempo para se saber o que tinha acontecido. Às vezes, o porquê era só uma palavrinha a mais que se tivesse dito e que o magoava assim.

Não tinha remédio, fosse o que fosse, não tinha remédio, o melhor mesmo era deixar passar.

Presentiti tristeza no caminho:

- Teu pai disse o quê?
- Nada, com ele eu me entendo.
- Eu sei, mas alguma coisa ele deve ter dito para tu achares que ele concorda com o Promotor.
- Nada, eu já disse que com ele eu me entendo — repetiu olhando para o lado.

Agora, não adiantava mais perguntar nada porque ele não falaria mais.

O que o Dr. Celestino poderia estar querendo?

Por mais que eu pensasse sobre isso, não conseguia achar uma resposta, tudo o que me vinha à cabeça era aquele dia do jogo:

- E este bobo que nem sabe quem é?
- E este meio, meio, meio...?

Não, meu coração não me enganava, aquele homem engomado devia estar preparando alguma coisa.

Ele era mau, a gente já tinha sofrido isso.

Ele era como o Dr. Silvana, arquiinimigo do Capitão Marvel. Tinha aquele olhar de mau atrás dos óculos e as mãos se esfregando, uma na outra, como quem está pensando, pensando, pensando e.

→ Serenidade da Sincronicidade Espiritual  
→ NÃO → Livros sobre brincadeiras → NÃO

Ricardo, com os olhos na cintura, propôs um parafítico. Julinho e Cláudia aceitaram. **MOTIVOS**

Quanto a mim, procurei, preocupado, p Montanha, mas ele piscou o olho, levantou os ombros dizendo não liga e fomos brincar. Carlos foi embora para casa.

Risos para um lado. Pernas para o outro. Palavrões. Abraços. Puxões. Cansaço. Suor.

- Me salva!
- Parafítico.
- Não podes mais te mexer!
- Peguei.

— Não pegou não que eu vi.

— Um, dois, três. Salvei.

— Ah! não vale!

Vale.

— Não vale. Assim não brinco mais.

— Tem gente roubando.

— Ah! Brinca.

Risos de novo.

Parafítico!

Braços estendidos. Mãos se tocando.

Despreocupação. Preocupação infantil: o jogo.

— Me salva!

— Aqui!

— Ih! Já não enxergo!

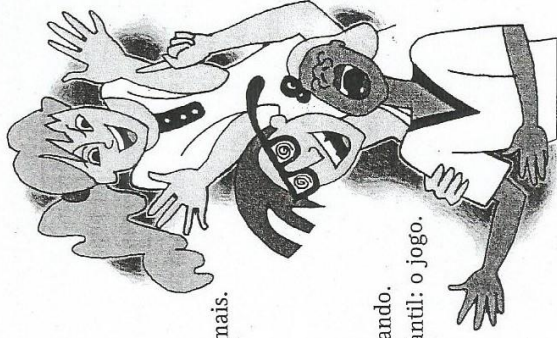
— Sou eu! Aqui!

— Me salva!

— Eu salvo.

Um dia, pensei, respirando cansado o cheiro da noite — porque nenhum cheiro é mais gostoso que o cheiro da noite úmida —, um dia vou transformar tudo isso num poema que vai ser o melhor de todos.

Não. O melhor de todos queria escrever para Cláudia. Queria falar das estrelas e de um sonhador.





Sempre que alguém me perguntava o que eu queria ser quando crescesse e eu respondia:

— Poeta — esse algué[m] ria.

Tinha vontade de saber por que, mas não dizia nada, apenas ria junto.

Na verdade, nada do que arriscavam:

— Por que não médico?

— Acho que tu darias um bom advogado! — nada do que pudessem dizer me faria mudar de idéia.

As palavras estavam dentro de mim, e eram daquelas que o Poetinha definiu assim:

Palavras que dizem  
Sempre um juramento  
Para que precisem  
Dele, eternamente.<sup>2</sup>

*Li que este livro  
está traduzido au  
espanhol mas  
não encontro para  
compra!*

Entre essas palavras e os meus sonhos havia uma intimidade quase mágica.

O mundo? Ah! Palavras, juramento e sonhos enormes! O mundo eu transformaria, transformando cada folha branca quando com a delicadeza de um homem e a força da mulher fizesse nascer, dela, a primeira palavra.

Tinha, já, cadernos e cadernos de poemas, mas que eu saberia, mais tarde, seriam apenas poemas de infância.

Os outros, os do livro, estes sim viriam depois e, com paciência, olhando e sentindo o que acontecia em volta e o que acontecia comigo, eu os ia regando de imaginação com traços suaves de vida, às vezes doloridos, às vezes não.

Eu os ia escrevendo dentro de mim.

*Traduzir!  
Colocar nota*

Uma vez, dona Lúcia me mostrou um texto de uma escritora no qual ela dizia que primeiro era preciso sonhar, depois, acreditar no sonho e, depois, ainda, lutar pelo que se acredita.

<sup>2</sup>Vinícius de Moraes — O poeta. In: *Para viver um grande amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 59.

Havia dias em que, diante de uma redação minha, na sala de aula, dona Lúcia embarcava no meu sonho e sorriava comigo.

Não sei de momentos em que mais acreditasse.

Via meus livros futuros na estante do seu Arthur.

Depois daquele dia, lá na casa dela, dona Lúcia não deixou nunca de perguntar por aquele “nosso amiguinho” e de mandar alguma “coisinha” — ela falava muito “inho” e “inha”, como se tudo fosse deste tamanhinho. Essas coisas de mulher! — para ele e não se cansava de dizer que gostaria que nos visitasse na escola.

Eu bem que dava os recados para o Montanha, mas, embora pudesse sentir que ficava contente, ele apenas sorria, não me mostrava nunca que iria. Bem.

Aconteceu.

No fim da aula, dona Lúcia nos chamou, o Julinho, o Ricardo, a Cláudia e eu, e nos contou que havia chegado na cidade e estava hospedada na casa do Dr. Celestino uma assistente social.

Eles tinham conversado bastante e ela estava à procura do Montanha.

— Por quê? — eu logo perguntei. De novo, a sirene do perigo disparou no meu coração.

— Calma, gentinha! Eu ainda não posso dizer para vocês. Recebi apenas o aviso de que me fará uma visitinha hoje à tardinha. Quem sabe se a gente conversasse depois?

Odeio o depois quando o agora é que é urgente!

Combinei com o pessoal, no campinho, logo depois do almoço. Sabia que o seu Adolpho ficaria furioso comigo.

Era dia de entrega!

Mas fazer o quê?

A gente, às vezes, precisa definir o que é mais importante e o mais importante para mim, embora o trabalho fosse importante, o mais importante para mim era o Montanha.

Em casa, perguntei para a minha mãe o que era uma assistente social. Ela respondeu mais ou menos que era uma pessoa que cuidava das pessoas pobres.

Fiquei pensando se Deus não podia, ele mesmo, se encarregar disso.

Amava Deus, mas Ele era um mistério tão grande que não conseguia definir, dentro de mim, o que amava. Se era o fato de Ele ter criado a vida. E quando pensava nas plantas todas e nos animais e nos homens e na maneira como tudo tinha sido organizado no princípio, era tomado por um encantamento que só podia explicar pelo que existia, sim, e de que eu era uma parte, pequena, é verdade, a testemunhar. Armava-se, dentro de mim, uma grande fábula que começava por "era uma vez" e que, se não terminava em "foram felizes para sempre", era porque as coisas, simplesmente ou tristemente, tinham caminhado mal e Ele não tinha podido impedir. Os homens não matam os homens e os animais e já não estão, também, estragando a água, o ar e o céu?

Não sabia se o que amava eram as histórias que ouvia na aula de religião e quase chorava. O nariz escorria e eu disfarçava, quando pensava Nele caminhando, todo machucado, com aquela enorme cruz nas costas para depois ser pregado como um boneco. Não queria ter vivido naquela época! Não queria ter sabido de tudo isso! Mas, às vezes, ficava pensando que diferença? Que diferença, se o João, o velho docente da frente da igreja, continuava lá e, certamente, morreria lá?

Não sabia se o que eu amava era o olhar complacente que tinha naquela imagem do altar grande, sempre a perdoar, perdoar, perdoar. Queria que não perdoasse tanto!

Sabia, apenas, que o amava e que, quando estava em perigo, quando sentia que o mundo ia mesmo estourar na minha cabeça para não sobrar nada mesmo, podia pensar Nele e, ainda que fosse a última pessoa em cima da terra, poderia sempre pensar Nele e pensava. No meu pensamento, Ele não me deixava sozinho.

Às vezes, discutia com Ele, até dizia que Ele tinha sido injusto e tudo o mais e, quando a discussão era das feias, então brigava para valer, de ficar de mal mesmo e até dizer não acredito mais, mas depois.

Depois, até esquecia de fazer as pazes.

Depois, era como se nada tivesse acontecido.

Eu? Sozinho?

N - U - N - C - A !!!!!!!!!!!!!!!!

O Montanha, decerto, também não.

Estávamos, todos, tão sérios e compenetrados, no campinho, que mais parecia preleção antes de partida de campeonato oficial.

Como não sabíamos o que a tal da assistente social queria, mas sabíamos que era coisa do Dr. Celestino e, portanto, não podia ser boa, decidimos esconder o Montanha, pelo menos até que alguém nos dissesse o que, realmente, estava acontecendo.

— Acho que o quartinho do armazém é um bom lugar — sugeriu a Cláudia.

— Mas e o seu Adolpho?

— Ele fica escondido atrás das caixas e o pai não vai notar, ora!

— Eu acho que pode não dar certo — ponderou o Carlos. — E se o seu Adolpho descobrir, por acaso, que ele está lá e pensar que está roubando alguma coisa?

— Não vai pensar, não — pulou a Cláudia.

— E se pensar? — insistiu o Carlos.

Na verdade, ele era sempre o certinho da turma.

Tudo o que fazia, fazia prevenindo consequências. Pensava em coisas em que nunca pensávamos. E eu achava isso demais!

De vez em quando eu me perguntava, e até já tinha conversado sobre isso com o Ricardo, como é que o Carlos podia ser nosso amigo. Ele era tão diferente!

Morava numa casa bonita, andava bem-vestido, era muito educado, vivia lendo e estudando, nunca tinha rodado!

Tão ao contrário da gente!

E o ~~melhor~~ de tudo é que ele conseguia ser tudo isso sem ser, sabe, sem ser bundinha <sup>???</sup> pelma?

Mas foi assim, simplesmente: ele foi chegando, dando palpíte, se metendo na vida da gente e pronto.

— Ó, Montanha, não é para se botar a comer as coisas do depósito do armazém! Vê lá, hem? — brincou o Ricardo.

O Montanha apenas ergueu os ombros, enquanto deu um grande sorriso.

Existe sorriso pequeno? Acho que não, apenas breve.

Ele parecia despreocupado. Não sei até que ponto tinha consciência de que poderia estar em perigo.

Ele era assim mesmo, sempre, a não ser naquele dia lá, com a dona Lúcia. Para ele, tudo estava bom.

— Vamos fazer o seguinte: o Montanha hoje fica lá no quartinho, pelo menos até a gente falar com a professora, depois — ah! que pressa eu tinha de viver que me fazia odiar ter de ficar adiando as coisas! —, depois, a gente vê o que faz.

— Eu posso falar com a minha mãe e, por uns tempos, ele pode ficar lá em casa — disse o Julinho, mas, como não houvesse muita convicção no seu tom de voz, a Cláudia logo perguntou:

— Ela deixa por uns tempos?

— Bom, eu acho que não muito, mas um pouco deixa.

— Depois a gente vê como é que faz. Vamos começar pelo armazém que, por enquanto, é mais seguro — disse eu — e não vamos falar nada para o seu Adolpho agora, certo?

O Montanha olhou para cada um de nós, para saber opinião por opinião. Parou no Carlos que, embora contrariado, concordou.

Entramos pelo armazém fazendo barulho, como sempre.

Seu Adolpho ficou brabo, como sempre:

— Ei! Ei! Que algazarra é esta?

— Não é nada, pai, vamos só pegar uma coisa lá dentro.

E fomos entrando.

Era um corredor comprido e estreito, que terminava na cozinha. Depois, havia uma área onde se amontoavam caixas, pás, um carrinho de mão, uma bicicleta velha e enferrujada.

Coisas velhas e tristes sob uma parrêira que já começava a amarelar e a perder suas folhas, de uva.

Lá no cantinho, a porta do esconderijo, um quartinho de madeira muito malfeito, por certo pelo seu Adolpho mesmo.

Mal cheguei à porta da cozinha e senti uma mão enorme, feito os tentáculos enormes de um polvo enorme, tentando pegar minha orlelha, que tratei logo de proteger, me esquivando e me colocando, ligeiro, em posição estratégica: do outro lado da mesa.

Não podia, nunca, deixar de rir nestas ocasiões.

Primeiro, ele ficava furioso. E enquanto rodeávamos em volta da mesa, num bailado grosseiro, para lá e para cá, faz que vai e volta, me dava um longo sermão sobre responsabilidade.

— Está pensando que o trabalho é brincadeira?, seu moleque de uma figa!

— E os fregueses? Tu te esqueces dos fregueses? São eles que me dão o dinheiro para te pagar, seu mal-afortadado, seu, seu, seu moleque!

— O que eu vou dizer para os fregueses que ficaram em casa esperando as compras? Que tu estavas ocupado com as tuas bobagens? Hem? Hem?

— Ah! Se eu te pego, te dou o que te falta para aprenderes a ter responsabilidade. Ah, se eu te pego, tu vais ver.

Não pegava. Não pegara nunca!

Depois.

Depois, já todo vermelho e suado e ofegante, colocava a mão sobre o lado esquerdo do peito e com a respiração difícil dizia:

— Está bem, guri, desta vez eu vou deixar assim, mas na próxima eu te despeço, ouviu?

Já tinha ouvido isso tantas vezes!



Como não dissessemos nada, continuou:

— Como é que vai ser quando ele ficar maiorzinho? Cada um de vocês vai terminar achando seu caminho e seguindo sua vida. E ele?

•  
Naquele momento, não queríamos pensar em nosso caminho e muito menos que ele pudesse, algum dia, tornar-se diferente para cada um de nós.

Acho que não queríamos saber nada dessas coisas de futuro — ele que acontecesse, se tivesse mesmo que acontecer! —, porque nos perdemos não estava em nossos planos.

Precisávamos, mesmo, era saber do agora.

Só não tínhamos, mesmo, era coragem de perguntar pelo agora.

— Mas e se ele é feliz vivendo assim como vive? — arrisquei.

— E quem sabe se ele não seria mais feliz vivendo de outra maneira? Ela respondeu com outra pergunta que sabia que nenhum de nós poderia responder e nos deixou pensando enquanto foi até a cozinha:

— Sirvam-se, trouxe uma jarriinha de chazinho de mate bem geladinho e umas rosquinhas de polvilho bem fresquinhas.

Julinho e Ricardo aceitaram. Nós, não.

— E depois — continuou —, nós nem sabemos seu nome nem de onde ele veio nem como ou porque veio...

— Mas isso não tem importância nenhuma, ora! A gente não se importa não é?

Julinho e Ricardo aceitaram mais chá e mais rosquinhas.

— Eu sei que isso não importa para vocês. São amigos e a amizade basta, não é?

Concordamos, que sim, todos, imediatamente.

— Pois eu fico feliz e muito orgulhosa de que vocês pensem assim. Só que...

•  
Pronto! Sempre tinha um *só que* no meu caminho, e o *só que* sempre mostrava que não era bem assim.

— ... só que, neste momento, há um outro lado que não podemos deixar de considerar: o lado do Montanha.

— Como assim? — perguntou o Ricardo.

— Eu acho que ser amigo é pensar na gente e no outro também.

— Mas é o que temos feito, puxa! — respondeu a Cláudia.

— Será? Será que, ao contrário, nós não estamos pensando pelo Montanha e não deixando que ele mesmo pense? Será que assim nós estamos respeitando o nosso amigo?

Antes que alguém pudesse responder e eu duvidado que alguém pudesse responder porque aquele monte de "será" nos tinha pego assim de supetão, ela continuou:

— Acho que, talvez, se nós pudéssemos saber realmente quem ele é e de onde veio, encontraríamos a melhor maneira de ajudá-lo.

•  
Fiquei pensando se poderíamos mesmo ajudá-lo melhor e, olhando para a Cláudia, o Julinho, o Ricardo, o Carlos e para mim mesmo, todos com cara de assustados, de não poder fazer nada, senti um cansaço enorme: descobri que não.

Nessas horas, quando ficava assim, me sentindo uma droga de homem, queria ter uma janela por perto, como se pudéssemos vir dela todos os superpoderes.

•  
— Mas tem mais: e se os pais estão procurando por ele e pensam que aconteceu alguma coisa mais grave? E se aconteceu? E se aconteceu com os pais dele?

Definitivamente, aquela conversa era muito mais do que eu podia agüentar.

•  
E se ele for um ladrão de banco ou um assassino? Pensei — ah! abençoada imaginação que me tirou dali, e maldita imaginação que me fez ver o Montanha chegar numa supermoto-espacial, feito *Lex Luthor*, estacionar diante da Prefeitura Municipal e roubar, do Banco do Brasil do seu Arthur, uma sacola cheia de dólares.

O Dr. Celestino se colocou à sua frente:

— Seu caminho está no fim, Lex Montanha Lut...

Nem terminou de falar porque o Montanha disparou à sua enorme arma de raio laser e fugiu naquela noite, que clareava a noite com a sua supervelocidade, deixando a cidade quase fantasma do medo que ali plantara, sob o eco de sua risada assustadora, de bobo.

Julinho e Ricardo não paravam de comer, dali a pouco não sobrava nem mais o prato!

Aquilo já estava me dando nos nervos.

Será que não sabem que tem sempre uma hora de parar?

Não. Não sabiam e, se soubessem, não conseguiriam: era qualquer coisa mais do que fome.

— Bem... — disse Carlos.

Não gostava quando ele dizia *bem*, parecia sempre que ele ia puxar um *não há o que fazer*.

— Bem — disse Carlos —, essa tal de Areta veio buscá-lo, é isso? — É.

Uma sensação de abatimento total caiu, de uma vez só, sobre nós.

— Mas vai levar para onde? — consegui perguntar.

— Para uma casa grande onde ele vai ter roupa limpa, comida, estudos, onde vai conviver com outros meninos assim como ele, até que dona Areta encontre seus pais.

— E se não encontrar? Ele vai ficar lá para sempre?

— Não, para sempre não. Vai ficar até os 18 anos, até que tenha condições de trabalhar e se sustentar.

Pronto! Lex Montanha Luther havia sido preso.

A tela do coleção se transformava em intransponíveis barras de ferro.

Ele era prisioneiro de uma linda mulher loura com perfil sedutor de boneca sedutora, mas.

Não ficaria ali por muito tempo. Ah! Não ficaria mesmo!

Seu bando viria salvá-lo.

Acho que essa era a principal idéia a não me deixar sofrer naquela hora.

Em qualquer outra, eu já estaria quase chorando e me achando um derrotado e tudo mais.

Só que, agora, seu bando, que era o meu bando, viria salvá-lo.

— Bem — repetiu Carlos —, eu acho que isso tudo é muito complicado. Só tinha uma rosqinha no prato, Julinho e Ricardo não tiravam o olho dela.

— Como assim? — perguntou a professora.

— Se não quiser ir, ele vai à força?

— Não é bem assim — ela o tranquilizou.

— Claro que não é! — insistiu a Cláudia e nos olhamos cúmplices.

— Acho que ele só vai mesmo é se quiser.

— Também não é bem assim — insisti, por sua vez, dona Lúcia.

— Então, como é que é? — perguntou, já agitado, o Julinho.

— Creio que dona Areta vai conversar com ele com muita calma e mostrar que ele poderá ter uma vida melhor do que esta que está levando.

— D - u - v - i - d - o ! — disse a Cláudia, com uma pontinha de ironia.

— Para conversar, é preciso achar — retrucou o Julinho, mas, aí, da bem, o Ricardo o fez ficar quieto, pisando no seu pé. E não dissemos mais nada.

Da rua, ainda pudemos ouvir um *pensem bem sobre o que conversamos*.

Essa tal de Areta era uma feiticeira espacial. Já tinha usado seus ultrapoderes para converter dona Lúcia I.P.E.

A noite vinha chegando e nós não dizíamos nada um para o outro.

De repente, as palavras tinham sumido. Era como se tivéssemos sido convocados para nossa maior luta, mas nosso exército era formado apenas por quatro meninos magrelos e uma menina desafortada, enquanto nosso inimigo era muito mais e maior do que um Dr. Celestino ou uma assistente social. Era um monstro enorme, muito maior do que se podia imaginar: a organização do mundo adulto.

Ele tinha garras de um tal poder que dificilmente poderíamos, quatro meninos magrelos e uma menina desafortada, alcançar.

Nessas horas, eu queria crescer logo.

Queria sim, embora, de vez em quando, tivesse um pouco de medo disso, sobretudo quando via minha mãe chorando, chorando, chorando sem dizer por que, que adulto nunca diz por que, quando chora, para a gente.

Também tinha medo quando encontrava seu Adolpho encostado na porta do armazém com o olhar perdido.

Era sinal de que a tarde que teríamos pela frente seria uma tarde triste.

Decerto o que passava pela sua cabeça, quando estava assim, era toda a sua vida. Uma infância difícil de que, vez que outra, falava: no meio da guerra, de um mundo aparentemente destruído, de tristeza, de fome, de frio, de saudade da gurizada, que ia para a frente de batalha e não voltava mais, dos pais.

Às vezes, quando cochilava debruçado no balcão, gritava e acordava suado.

E quando a gente perguntava o que tinha acontecido, ele simplesmente dizia:

— Bobagem. Coisa de velho, guri. *Marcado*

Essa coisa de velho sempre me emocionou muito.

Sei lá! Ficar olhando um velhinho, não o seu Adolpho, mas um velhinho de verdade, com a mão trêmula, levar à boca porções bem pequenas de alimento e um mastigar lento, arrastado, sempre me deixava meio deprimido.

Achava bonito, porque ele trazia marcada em si mesmo a história de um tempo que tinha sido seu: seu nascimento, sua infância, sua juventude, sua vida, mas também achava triste porque, com certeza, o melhor do seu tempo já tinha passado.

Queria poder saber, agora, qual seria o melhor do meu tempo para que pudesse vivê-lo da forma mais completa e feliz possível. Não.

Talvez fossem tempos pequenos espalhados dentro do meu tempo grande e, talvez, dentro do seu tempo grande o velhinho tenha, ainda, tempos pequenos em que seja feliz!

Bastava que tivesse por perto as pessoas que amava porque como a minha mãe sempre dizia:

— Importante são as pessoas, o resto, se der, a gente compra ou faz.

Importante era o Montanha.

Sentamos na borda da calçada, em frente da minha casa, e ficamos assim, sem dizer nada, até que a minha mãe gritou lá de dentro que era hora de dormir.

Naquela noite não dormi direito.

Pessoas entravam e saíam dos meus sonhos sem que eu pudesse segurá-las para mim.

Na aula, sentamos todos juntos, embora estivéssemos proibidos de sentar assim.

Cláudia ao meu lado. Ricardo e Julinho na nossa frente. Perguntei, baixinho, à Cláudia, se havia visto o Montanha no esconderijo.

Ela disse que sim.

Tinha conseguido levar cobertor, um copo de leite e pão para ele, à noite, e, agora de manhã, quando fora deixar o café, estava dormindo. Perguntei se ele tinha reclamado de ter que ficar escondido. Ela respondeu que não:

— Ele até parecia contente! — cochichou.

Era difícil de saber o que realmente se passava dentro do Montanha. Ele sempre parecia até contente!

Embora não estivéssemos perturbando, não conseguimos prestar atenção na aula.

Dona Lúcia ficava falando, falando, falando e a gente não ouvia nada do que dizia.

O Ricardo não parava de desenhar na classe, passando o lápis sempre no mesmo lugar.

Era um amigo, o Ricardo.

Estava sempre pronto para tudo e, raramente, perdia o bom humor. Sabe aquele tipo de pessoa que acorda rindo e vai dormir rindo? Ricardo era assim.

Tinhamos crescido pegados, nossas casas eram coladas e, desde bem pequenos, a gente entrava e saía como se fosse uma só. Passávamos nosso tempo todo juntos.

Quando eu não estava no armazém, jogávamos, caminhávamos, brincávamos, falávamos.

Às vezes, ele ficava por ali, me esperando. Como quem não quer nada, examinava as mercadorias, botava as mãos nos bolsos, contava o dinheiro, tornava a guardar... até que o seu Adolpho descobria do que se tratava e, então, não perdoava mesmo. Mandava o Ricardo embora porque aquele era um local sério de trabalho sério. Ninguém estava ali para bobagens.

Ricardo estava começando a fazer um sucesso enorme com as mulheres.

Acho que porque, atrás das lentes grossas, mostrava os olhos de um verde que elas gostavam e, ao contrário de mim, partia logo para a conquista.

Sempre tinha uma novidade para contar e contava de um jeito que eu nunca sabia até que ponto poderia acreditar; afinal, dizia que todas as meninas do coleginho — menos a Cláudia, é claro! — eram apaixonadas por ele.

Já havia acontecido de eu achar que alguém estava olhando para mim e esticar o peito e esboçar um sorriso e me dar conta, meio chateado, de que era para o Ricardo, que vinha logo atrás.

Dona Lúcia dizia que ele era meigo e a gente ria:

— Hum!!! Homem meigo!!!

Mas acho que era isso. Um certo ar de ternura desprotegida que agradava às mulheres.

Por mais que eu tentasse fazer aquela cara de olhos franzidos — e ele me ajudava na tentativa —, ficava muito mais para engraçado do que para charmoso.

A gente tinha combinado de ir a uma reunião dançante da Igreja qualquer sábado, e até se arriscar a dançar e tudo, se eu tivesse coragem e não ficasse tão nervoso.

E se eu for tirar uma menina para dançar, eu vou dizer o quê? E se ela disser que não? E se as minhas pernas não acompanharem o ritmo? E se eu tropeçar no pé dela? E se a minha mão demonstrar tudo o que estiver tremendo? E se ela quiser conversar? Vou perder o ritmo? E se eu não tiver assunto? E se ela me pedir licença antes da primeira música terminar? E se?

Mas o que queríamos, mesmo, era conseguir beijar alguém na boca. Uau!

A gente ficava discutindo qual seria o melhor jeito para se dar o melhor beijo. Essas coisas de parar de respirar ou não — Ricardo teimava que embaçaria os olhos —, fechar ou não fechar os olhos, abrir ou não abrir muito a boca, encostar ou não a língua, o tempo que deveria durar e tudo o mais.





Houve um dia, entretanto, em que o Ricardo e eu estávamos passando pela praça e o vimos aos socos e pontapés com três alunos do Colégio Particular.

Naquela época, ele mal tinha chegado à cidade e ainda não frequentava o colégio.

Conseguimos separá-los, mas, de tanta raiva, o Julinho ficou, por muito tempo, chorando e respirando difícil. E o pior é que ele é quem tinha começado tudo.

Era sempre assim!

No futebol, então, nem se fala!

As brigas só não eram brigas feias porque a gente já nem ligava mais.

Acho que a dona Adélia também não.

Há muito que ela lhe vinha dando uma última oportunidade todas as vezes em que ele ia para a secretaria, na hora do recreio, por causa de briga. E isso acontecia seguidamente.

Ele só se acalmava por uns tempos quando sua mãe era chamada no colégio.

Ah! Ai, sim!

Ele se acalmava porque ela pegava na sua orelha e quase o levantava na frente de todo o mundo e, em meio aos gritos dele, gritava que ainda o educaria, se não fosse por bem, seria por mal e, a julgar pelo que se via, do mal Julinho tinha medo.

Apesar de brigaço como era, Julinho era um bom sujeito. Era companheiro, não tinha o que não aceitasse fazer conosco, sobretudo se fosse um desafio e, além disso, tinha uma coisa curiosa que nenhum de nós tinha: um amigo invisível.

No começo, a gente até que estranhou um pouco, mas, depois, ficávamos pensando, pelos gestos e risadas do Julinho, que o seu amigo devia ser muito mais forte e interessante do que todos nós juntos, pois ficavam horas e horas falando e trocando socos no ar.

Isso, quando não estavam vivendo grandes aventuras — geralmente na selva, com grandes e ferozes animais e tudo — que só pertenciam a eles mesmos.

Dona Lúcia teve que interferir quando ele insistiu que me arrebatava e eu, que já estava meio descontrolado mesmo, levantei:

— Vem.

Ela nos mandou sentar e perguntou se realmente queríamos brigar.

Fiquei pensando se queria brigar com o Julinho e descobri que não. Gostava dele. Era meu amigo.

Acho que ele pensou a mesma coisa, porque dissemos juntos:

— Não!

E o meu amigo abriu um grande sorriso branco, no meio daquela cara bem preta, a que respondi com outro e um aperto de mão.

A gurizada toda aplaudiu.

Dona Lúcia se emocionou.

Mas a Cláudia arriscou baixinho, no meu ouvido:

— Depois, lá na rua.

Respondi que aquilo era assunto resolvido e sentei.

Tinha vontade de fechar os olhos e ficar bem quieto, longe de todo o mundo.

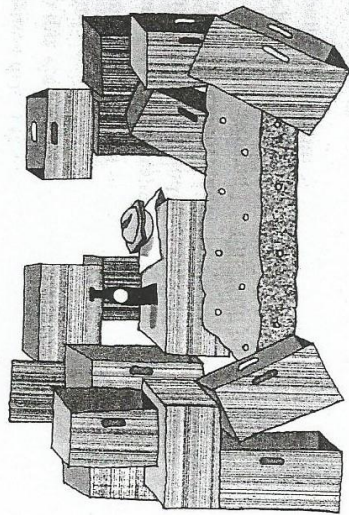
Tinha vontade de abrir a janela, criar asas e sair voando em direção a lugar nenhum, apenas voando, voando, voando. Assim:

Como se o infinito de que o céu é feito, apenas ele, com seu azul transparente para que apareça outro azul e depois outro azul e depois outro e mais outro e assim infinitamente, pudesse me preencher.

De repente, a bola do choro trancou na minha garganta e eu precisava disfarçar uma lágrima que insistia em cair.

Manhã difícil aquela! Foi um alívio para todos quando a sineta anunciou que já era meio-dia, que ela já tinha terminado.

# Nem por ouro nem por prata



Não podíamos mais ficar fugindo do assunto e, na verdade, não tínhamos feito outra coisa, desde que conversáramos com a dona Lúcia. Queriam levar o Montanha. — Isso era o fato e ele não dependia da nossa vontade.

Logo depois do almoço, já estávamos todos no campinho. Agitados, é verdade, mas com muita vontade de falar sobre o que estava acontecendo e, principalmente, decidir o que nós poderíamos fazer.

Assim que chegou, Carlos perguntou para Cláudia como estava o Montanha.

— Eu acho que muito bem. Quando levantou da mesa, o pai foi direto para o armazém e eu pude levar um prato de comida para ele. Estava contente. Até arrumou um pouco as caixas. Ah! E tem outra:

o pai resolveu guardar, lá nos fundos, um colchão velho que ficava embaixo do guarda-roupa e o Montanha ficou com uma cama muito boa. Ele bem que está gostando!

— Mas seu Adolpho não o viu? — perguntei meio intrigado.

— Acho que não, ora! Se tivesse visto, já teria posto o Montanha porta a fora.

— Ele sabe o que está acontecendo? — perguntou o Carlos.

— Sabe. O Dr. Celestino — Cláudia não pode resistir a uma careta — Ah!, o Dr. Celestino esteve lá no armazém, ontem, e eles conversaram por um bom tempo.

— O que ele disse? — foi a vez do Julinho perguntar.

— Quem?

— O teu pai.

— Ele não disse nada de mais, ora! Só que a gente tinha que ajudar o guri e que precisava muito falar com a dona Lúcia.

— Falar o quê? — insistiu o Julinho.

— Ah! Eu não sei. Com certeza essas coisas de adultos. Coisas deles. Também não posso adivinhar, puxa!

Nos olhamos, todos, achando o que não tínhamos coragem de achar.

— E se a gente fosse falar com o seu Adolpho? Talvez ele pudesse nos ajudar — tentei.

— Não! — reagiu Carlos.

Como nós esperássemos mais do que um não, ele continuou:

— É melhor não. Vamos deixar, pelo menos por enquanto, as coisas como estão.

— Por quê? — perguntou a Cláudia.

— É simples, vamos pensar um pouco: se ele souber, pode não deixar que o Montanha continue lá e, se isso acontecer, vamos escondê-lo onde? Logo, logo, o Dr. Celestino e a assistente social o encontram e adeus amigo.

— Espera aí! Seu Adolpho não vai fazer isso se a gente explicar tudo para ele. Isso eu garanto. — E garantia mesmo!

— Eu acho que também garanto — disse a Cláudia.

Gostava quando ela concordava comigo. Me fazia importante. Me tornava mais forte.

- Vamos lá, gente! Seu Adolpho é a única pessoa que pode nos ajudar, a única!
- Mas tem o outro lado - ponderou o Carlos -, se ele souber que o Montanha está lá, na casa dele, e concordar com isso, ele vai se tornar nosso cúmplice.

Não havia nada que eu mais quisesse do que ter o seu Adolpho como cúmplice.

Na verdade, acho que, há muito tempo, ele era meu cúmplice e eu nem tinha me dado conta!

Cresci olhando para ele e querendo ser como ele, aquele alemão grande e forte, cheio de histórias para contar, e que parecia saber tudo da vida.

Se alguém devia me ensinar coisas, queria, sempre, que fosse ele.

Vibrava quando tinha paciência - não era sempre que tinha - e se dispunha a me ouvir falar do meu jeito de ver e viver as coisas, do meu mundo de criança que começava a descobrir que, além da minha realidade, havia uma outra em que a minha fantasia teria de procurar seu espaço por alguma brecha muito pequena; da minha dificuldade de começar a unir as pontas; do meu quem sou eu? e nasci para quê?; do meu sentir em relação a tudo o que conhecia e o medo do que desconhecia; o engraçado; o triste; o curioso. E, então, ia emendando uma na outra assim: umanaoutraumananaoutraumananaoutra, minhas histórias, quase sem parar, sem respirar.

Ríamos.

Emocionávamo-nos.

Brigávamos.

Era para ele que entregava os meus por quês:

- Por que nem todo o mundo tem uma vida igual?
- Por que uns nascem sãos e outros doentes?
- Por que uns são felizes e outros infelizes?
- Por que se vive?
- Por que se morre?
- Por que há chuva com sol?

- Por que a gente gosta mais de umas pessoas do que de outras?
- Por que a gente diz que ama, se gosta?
- Por que as palavras e os números?
- Por que a gente chora com lágrimas?
- Por que...?
- Por que...?
- Por quê?

Às vezes, eu sentia que o deixava em situações complicadas - e confesso que isso até me dava certo prazer -, mas, como raposa velha e experiente, quando não encontrava saída, me contava a história de alguém que tivesse vivido ou visto alguma coisa semelhante à situação que eu colocara e deixava que eu mesmo formulasse meus porquês.

Mas.

Quando eu chorava - e fazia de tudo para não chorar na frente dos outros porque não queria que me achassem um fraco, mas -, quando chorava, naqueles dias meio cinza, sabe, aqueles em que tudo fica sendo um bocado triste, uma grande droga mesmo, ele não sabia o que fazer para me alegrar.

Se falar não bastasse, ele, então, mudava a técnica.

Ora fazia malabarismos com três, quatro, cinco, seis, depois sete laranjas, até que uma delas se desmanchasse no chão e, no inesperado, a gente se desmanchasse de rir.

Ora fazia desaparecer, na minha frente, ovos e balas para reaparecerem em outro lugar.

De repente, saía um chicle do meu bolso, da minha orelha, das minhas calças, sei lá!

Ele era um mágico e a sua magia produzia seus maiores efeitos dentro de mim: primeiro no coração, depois no meu contato com o mundo, na minha vida.

Lembro uma vez em que a gente fez uma pecinha de teatro com a professora da segunda série e foi apresentar na praça, na feira do livro.

Toda a cidade estava lá, mas enxergar o seu Adolpho, assim, de repente, e de terno e gravata e tudo, no meio de todas aquelas pessoas! Puxa! Enxergar seu Adolpho me fez querer ser o melhor e por muito tempo achei que fui, apesar da pequenez da minha fala:

*Parce a música de Kid Abelha*  
*Ver com 58*  
*same =>*

“Conta-nos, conta-nos, fada! A magia é de encantar.”

— Bem — seu Adolpho me disse —, um grande ator precisa mesmo começar por alguma coisa, não é?

No ano seguinte, a pecinha era minha, eu tinha escrito e, como tinha escrito, fui logo dizendo para a professora que queria ser o Pedro, o personagem principal.

Cláudia, Ricardo e eu passamos um tempão ensaiando texto, gestos, expressão, tudo. E sabíamos tudo. Só que...

No dia da apresentação, ali, bem ali em cima do palco, me deu um branco, daqueles que fazem a gente esquecer tudo e eu não conseguia lembrar a minha fala.

Ficamos os três mudos. Parados, no meio da cena, assim:

De vez em quando, a Cláudia me pisava o pé para ver se eu continuava, mas eu não sabia o que dizer. Às vezes, não saber o que dizer parece sina!

As pessoas, primeiro, ficaram em silêncio.

Depois, começaram a rir. — Eu queria morrer!

Depois, então, aplaudiram. — Eu queria sumir!

Dona Adélia subiu ao palco e explicou que seus jovens atores estavam muito nervosos, se desculpou e foi a vez da apresentação do Colégio Particular, enquanto nós três, escondidos em baixo do palco armado no meio da praça, não conseguíamos parar de chorar.

Ricardo e Cláudia, de brabos comigo. Eu, de infeliz.

Hoje, fico pensando que o que me fez esquecer o texto foi ter ficado olhando para as pessoas e procurando pelo meu amigo. Ele não estava.

Pensando bem, eu sempre queria ser o melhor para o seu Adolpho.

Acho que, no fundo, no fundo, o que eu queria mesmo era que ele se orgulhasse de mim.

— E daí que seja nosso cúmplice? — perguntou o Julinho.

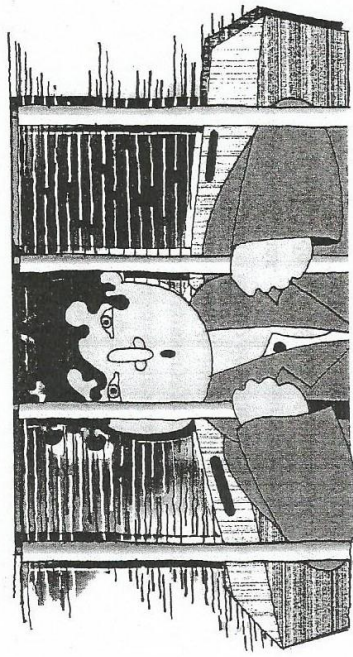
— Dai — continuou o Carlos —, como ele é adulto e o Montanha está escondido na sua casa, os outros podem entender que seja um seqüestro.

Quando disse “seqüestro”, Carlos tinha uma voz bem baixa e um tom grave.

Uau! S-e-q-ü-e-s-t-r-o produziu um efeito dentro da gente que emudecemos. Cada um tinha, estampada no rosto, uma expressão diferente. Do medo ao fascínio. Da realidade à aventura. Foi o Ricardo a interromper as fantasias:

— Ah! Que é isso? — perguntou já rindo. — Que seqüestro se o Montanha não está preso nem nada, se pode sair de lá à hora que quiser?

— É — disse Carlos irritado. Não gostava de que a gente risse quando estava falando sério. — E será que o Montanha sabe que pode sair de lá quando quiser?



Não sabíamos exatamente o que o Montanha sabia.  
As vezes ele parecia mesmo um bobo, às vezes não.  
— Pelo sim, pelo não, acho que não podemos colocar seu Adolpho em perigo! — pulei.  
A Cláudia concordou.

— Mas acho, também, que a gente deve ir até lá e falar com o Montanha, contar bem direitinho tudo o que está acontecendo — disse o Carlos.

— Tudo bem — concordou, em parte, o Ricardo —, mas não vamos contar a conversa que tivemos com a dona Lúcia, certo?

- Por quê? — perguntou o Julinho.
- Porque ela tem razão, ora!
- Como assim? — perguntou de novo.

— Nós escondemos o Montanha sem perguntar para ele se queria. Talvez a gente esteja, mesmo, impedindo que ele tenha uma vida melhor, com essas coisas que a gente tem e tudo.

— Ah! Pára! A gente não tem nada! — riu o Julinho. — Só o Carlos...

- Cala a boca! — mandou o Carlos.
- Vem calar, então.

— Calma! Deixa eu terminar o que estou pensando — retomou a palavra e a ordem o Ricardo. — Vocês já tentaram trocar de lugar com ele?

Paramos, todos, pensativos.

Que droga ele ter tocado na conversa com a dona Lúcia I.P.E.!  
Agora, cada um de nós estava dividido.

Sabíamos que ele tinha o direito de decidir se queria ou não falar com a assistente social, mas.

Sabíamos, acima de tudo, que não queríamos perder o Montanha. Desde que o escondêramos na casa do seu Adolpho, faltava alguém no nosso dia e esse alguém era ele.

Não tínhamos vontade de brincar, de rir, de nada, a única vontade era de que o Montanha ficasse conosco.

Nosso rei mandou pedir...

O Montanha eu não dou

Nem por ouro

Nem por prata

Nem por sangue da lagarta.<sup>4</sup>

Queríamos que surgisse, de repente, de algum de nós, um e se mágico, milagroso.

Esperávamos um pelo outro e esse e se não surgia.

O pensamento, que sempre fora nossa parte mais livre, que podia ir a lugares que até nem se conhecia e trazer e levar e inventar o tempo e, agora, ele também estava amarrado.

Sentados no chão, na areia vermelha do campinho, tínhamos os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos aparando a cabeça.

Foi então que Carlos propôs que fôssemos ver o Montanha.

Só aí eu me dei conta de como tínhamos medo de fazer isto: ir ver o Montanha!

No caminho, éramos nossos próprios heróis.

Andávamos como a SWAT, cuidando dos bandidos. Todos os que encontrávamos na nossa frente eram absolutamente suspeitos.

Em manobras complicadas, passávamos, um pelo outro, e avançávamos mais um pouco, mais um pouco, um, depois outro.

Assim: olhando para os lados.

Assim: rolando pelo chão.

Assim: encostados nas paredes.

<sup>4</sup>Marré. Passeio cantado. Brincadeira infantil.

Perigo! Alarmes tocando em nossa cintura. Perigo! Perigo! Perigo!  
— Onde?

— Ali.

Ali era o escritório do Dr. Celestino e passar pela frente do escritório do Dr. Celestino exigia grande esforço.

Precisávamos estar atentos! Era nosso maior inimigo e, além disso, se a tal de dona Areta estivesse lá, o perigo seria ainda maior.

Carlos fez um sinal e o Julinho foi.

Abaixou-se para passar em frente da janela, mas, quando chegou diante da porta, o único jeito foi arrastar-se.

Não.

Não havia ninguém na sala de espera, mas deveríamos ser rápidos. Mais rápidos do que um supersônico.

Agora!

A um sinal dele, passamos correndo e corremos como loucos até conseguirmos dobrar a esquina.

Julinho teve que usar a bombinha para respirar.

Já conseguíamos avistar o armazém.

A música da SWAT tocava em nossos ouvidos assim:

... Todo o cuidado ainda era pouco, por isso continuamos nossas manobras de guerra até a porta.

Agora, precisávamos ~~disfarçar~~, até o ~~casaco~~ precisávamos disfarçar e fomos entrando como quem não quer nada.

Como estávamos quietos e diga-se de passagem, extremamente cansados, seu Adolpho não reclamou. Fomos entrando.

Ficamos assustados quando encontramos o Montanha num cantinho, atrás das caixas, tomando um refrigerante e comendo um sanduíche de queijo e salami e tudo.

A Cláudia logo perguntou de onde ele havia tirado aquilo, e, apenas rindo, nos fez entender que seu Adolpho havia preparado para comer, mas tinha vindo buscar algumas caixas e esquecera o lanche lá.

Pensei no perigo se ele voltasse para pegar, mas, no balcão, não me pareceria preocupado com isso e, depois, quanto mais olhava para o Montanha e a alegria dele, da Cláudia, do Ricardo, do Carlos e do Julinho, mais ficava emocionado.

Rimos, nos abraçamos, nos empurramos, quase caímos, rimos.

Nem por ouro nem por prata

Nem por sangue da lagarta.<sup>5</sup>

Depois veio o silêncio.

Amontoados entre as caixas, Cláudia me fazia sinal para começar, eu fazia para o Ricardo, que fazia para o Carlos, que fazia para o Julinho, que, não tendo para quem fazer, fazia para o Montanha, que não entendia nada e ria como um bobo e se começava tudo de novo.

Desta vez, foi o Ricardo quem falou, mas, nem bem começara, já tirara os óculos e franzira os olhos para tentar segurar uma vontade, que vinha vindo, de chorar.

Começou falando da chegada da dona Areta, a assistente social, depois falou da conversa que tivemos com a dona Lúcia I.P.E. e aquilo dele poder ter uma vida melhor e tudo o mais, mas quando chegou na hora em que quis falar sobre o que a gente estava sentindo diante da possibilidade dele ir embora, aí ninguém agüentou mais.

O primeiro a chorar foi o Montanha. O Julinho já estava com a bombinha de Aerolin na mão, o Ricardo diminuiu mais, ainda, os olhos, porque logo incharam, a Cláudia disparou a dizer palavrão, merda! por que tinha que ser assim?, o Carlos ficou sério, quieto, enquanto as lágrimas rolavam. Eu? Ficava só tentando disfarçar. Ora passava a mão nos olhos. Ora no nariz e limpava nas calças.

Agora estava feito.

O Montanha já sabia de tudo. Era dele a decisão.

Ficamos parados. Esperando.

Seu Adolpho gritou, lá de dentro, para que a Cláudia cuidasse um minutinho do balcão porque precisava dar uma saída rápida.

<sup>5</sup>Marré. Passio cantado. Brincadeira infantil.

Eu não sei, ainda, por que as coisas acontecem...

Se elas têm que acontecer assim mesmo...

Só sei que nós éramos amigos e amigo é coisa séria.

A gente queria estar junto. Brincar junto, contar coisas, olhar coisas, descobrir e viver coisas junto, crescer junto.

Eu pensava que nós conseguiríamos isso assim para sempre. Acho que porque não tínhamos, ainda, descoberto, no nosso tempo, o tempo do depois. Ele era irreal, como se pudesse existir apenas no sonho e, no sonho, poderíamos fazer o que quiséssemos, e queríamos sempre o que fosse melhor para nós, e o melhor para nós era termos o Montanha por perto.

Ah! Que ser amigo é difícil! — começava a descobrir. É bom por que nos faz feliz, mas também é triste quando nos é doloroso.

Ficava muito deprimido quando a gente brigava, mas, agora, estava descobrindo um sentimento novo, ou seja, o de perder alguém: o sofrer. Seria isso também aprender um pouco mais da vida?

Acho que sim. E, dentro de mim, os sentimentos se misturavam de novo. Olhando para o Montanha, ficava pensando — com certeza era o meu diabo a cantar na minha orelha —, ficava pensando se deveria, mesmo, ter falado, se não bastava termos deixado escondido por mais um tempo, pelo menos até que a dona Areta cansasse e fosse embora. Era a única maneira de salvá-lo para nós!, mas.

Não! — o diabo se apagou na minha orelha — Não. Talvez o que eu realmente não soubesse, ainda, é que éramos mais, muito mais amigos do que pensávamos.

Agora, ele poderia decidir o que queria. Entregávamos-lhe nosso sofrimento, porém, em contrapartida, ele poderia salvar-se para si e isso deveria, de alguma maneira, talvez com o tempo, talvez ao amadurecermos mais, isso deveria nos fazer felizes.

Volte, volte cavaleiro  
escolherei quem quiser.<sup>6</sup>

<sup>6</sup>Marré. Passeio cantado. Brincadeira infantil.

Tarde demais!

Sem que esperássemos, seu Adolpho e dona Lúcia invadiram o quartinho.

Ao contrário do que se supunha, não estavam, nem um pouco, surpresos de que o Montanha estivesse lá.

Pensei no cobertor, no colchão, na comida. Ai! Como pude ser tão burro? Como pude pensar que o seu Adolpho não sabia de nada? Sabia todo o tempo e até ajudara!

Carlos tentou logo explicar, mas.

Seu Adolpho disse que não precisava. Sabia que o Montanha estava lá desde o início e, hoje, quando viera até a cozinha para ver o que estava acontecendo conosco, o porquê do silêncio, ouvira, sem querer, o Ricardo falando, por isso fora chamar dona Lúcia, que, visivelmente emocionada, não parava de dizer que se orgulhava da gente.

Não queríamos que se orgulhasse.

Nosso coração só queria ouvir do Montanha que ele ficaria, poderíamos encontrar outro esconderijo e tudo e deixar que o assunto fosse esquecido e tudo voltar a ser como era.

Seu Adolpho me tocou no ombro:

— Estás pensando bobagem, não é?

Eu não disse nada, mas ele insistiu:

— Não te preocupa, filho, agora vai ficar tudo bem.

Que mania têm os adultos de dizer que tudo vai ficar bem justamente quando tudo está infinitamente ruim!

Eu não queria conversar e ele entendeu.

Nenhum de nós queria conversar.

Queríamos apenas a resposta do Montanha. A decisão do Montanha, que a nossa conhecíamos de cor.

Às vezes o coração diz sim, finge que aceita, quando deveria dizer não.



# Um time muito especial



Não consegui dormir naquela noite e acho, na verdade, que nenhum de nós conseguiu.

Havíamos deixado o Montanha com a dona Lúcia e o seu Adolpho e não sabíamos de mais nada.

Eu só queria que o dia clareasse!

Abri a janela, apesar do frio, e fiquei olhando para o céu, aquela escuridão imensa que foi tomando conta de mim e me deixando cada vez mais só, mais só, como se fosse possível ser mais.

Acho que era assim que o Carlos Drummond de Andrade estava se sentindo quando escreveu "A bruxa":

Nesta cidade do Rio,  
de dois milhões de habitantes,  
estou sozinho no quarto,  
estou sozinho na América.

E aquela outra parte? Procuo o livro, dentro do meu guarda-roupa, o livro que o seu Adolpho me deu, na última feira.

Aquela outra parte:

De dois milhões de habitantes!  
E nem precisava tanto...  
Precisava de um amigo,  
desses calados, distantes,  
que lêem verso de Horácio  
mas secretamente influem  
na vida, no amor, na carne.  
Estou só, não tenho amigo,  
e a essa hora tardia  
como procurar amigo?

E nem precisava tanto  
Precisava de mulher  
que entrasse neste minuto,  
recebesse este carinho,  
salvasse do aniquilamento  
um minuto e um carinho loucos  
que tenho para oferecer?

Fechei o livro, fechei os olhos, que a solidão no meio de uma noite triste é assim mesmo: dói.

A companhia do poeta, ainda que não me fizesse menos só, já não me deixava ser único. Em algum lugar...

Noite, noite, noite, fazer o quê, além de esperar?

Felizmente a Kid Abelha veio me ver.

Bastou que girasse um botão e ela estava ali, na minha janela, devagarinho, me olhando bem dentro do olho, cantando, só para mim, com aquela boca bem vermelha e aqueles cabelos de um louro quase branco, no meu radinho de pilha:

Mas isso é menos do que tudo  
que tudo o que eu preciso.

<sup>7</sup>Carlos Drummond de Andrade — A bruxa. In: *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 63.

Agora você vai embora.  
E eu não sei o que fazer.  
Ninguém me ensinou na escola.  
Ninguém vai me responder.<sup>8</sup>

Definitivamente aquela mulher me compreendia e tudo o que eu queria, naquela hora, era ter por perto alguém que me compreendesse.

Talvez eu fosse mesmo um sujeito complicado.

Dona Lúcia dizia que era uma questão de sensibilidade.

Na verdade, às vezes, a realidade não me servia exatamente como era. Queria outra realidade — palavras como justiça, igualdade, liberdade, horizonte, infinito, vida, amor começavam a aparecer de repente, devagar, como se vindas de dentro de mim, começavam a aparecer no meu mundo e começavam, me transformando, a querer transformá-lo — queria, sim, outra realidade, só não sabia, ainda, nem tentar mudá-la nem conviver pacificamente com ela.

Queria que alguém me ensinasse, talvez o seu Adolpho, e por mais que, durante toda a minha vida, lhe tenha cobrado isso, só hoje me dou conta de que as pessoas só podem ensinar até aqui:

. O depois — este estranho limite sem marcas — pertence única e exclusivamente a cada um de nós.

A penugem, entre as espinhas, do meu rosto dizia que a barba não ia demorar.

A vontade que eu tinha era de encostar o meu rosto no da Paula Toller, ali, do outro lado da janela, e ficar assim por muito tempo, de olho fechado, escutando a sua voz macia no meu ouvido, mas.

O locutor da rádio Gazeta nos interrompeu para dizer que amanhã teríamos chuva no final do período e a Kid Abelha não voltou mais.

Minha mãe não me deixou ir ao coleginho.

<sup>8</sup>Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, *Educação sentimental*.

Com a mão na minha testa, me achou com cara de cansado, amarelo e muito abatido.

— Estás enjoado? E a garganta? Alguma coisa dói? A cabeça?

— Não. Não. Não. Não. — Nada que dissesse seria convincente o bastante para que me deixasse ir.

Ela decidira que deveria ficar na cama e eu, certamente, ficaria, ainda que profundamente curioso e infeliz.

Já se ia metade da manhã quando Ricardo, Carlos e Julinho chegaram. Eles não estavam muito diferentes de mim.

Nos acomodamos do jeito que deu, em cima da cama, e ficamos esperando a Cláudia, decerto ela teria alguma novidade.

Cláudia chegou brigando porque não avisamos que não iríamos à aula. Tentei explicar, mas ela não queria ouvir, não querer ouvir era bem do jeito dela mesmo!

Só quando se acalmou, depois que todos pedimos cinco mil desculpas, é óbvio, é que conseguimos perguntar pelo Montanha.

Ela, ainda se fazendo de difícil, disse que seu Adolpho e dona Lúcia tinham ficado conversando com ele durante muito tempo. Não sabia o quê. Precisara atender no balcão. Mas seu Adolpho havia dito que ele decidira, mesmo depois de toda a conversa, ficar lá, no quartinho.

— O quê? — Foi um grito só. Vibramos!!! O Montanha decidira ficar no quartinho!

A gente nem podia acreditar!!!

O Ricardo atirou o travesseiro para cima e o Julinho se pôs a pular em cima da cama, como um macaco.

Foi uma gritaria! Por mais que eu pedisse que parassem, porque a minha mãe podia entrar no quarto, eles não me ouviam.

O Carlos ria sozinho e eu, com as duas mãos na cabeça, parecia que ia explodir de felicidade. Era demais!

A gente só parou quando a Cláudia gritou mais alto que, hoje, pela manhã, dona Areta iria conversar com o Montanha.

Não foi um banho de água fria: foi uma avalanche: toneladas e toneladas de neve desabaram sobre as nossas cabeças.

Será que, se a gente conseguisse somar todos os tempos, os de alegria seriam maiores do que os de tristeza?

Às vezes pensava que sim. Às vezes pensava que não. Agora, pensava que não.

— E se nós fizéssemos alguma coisa para impedir? — sugeriu Carlos. Mas.

Nos olhamos que não havia o que fazer, afinal, tínhamos ou não tínhamos dado ao Montanha o direito de escolha? E isso, por acaso, para cada um de nós, não significava ser mais amigo do que amigo?

Não demorou muito para que minha mãe entrasse no quarto para nos dizer que tínhamos visita:

— Seu Adolpho, dona Lúcia, uma senhora chamada Areta e o Montanha estão na sala.

Nosso coração disparou feito metralhadora e, perdidos em um *e agora?*, nem sequer conseguíamos nos mexer.

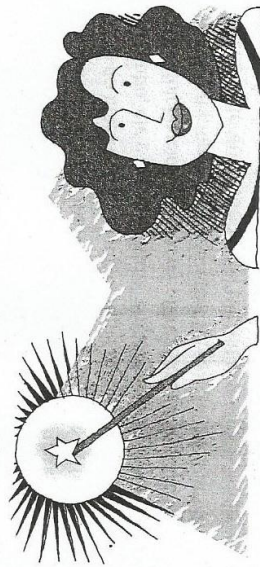
— Vocês vão ficar parados aí como estátuas? — ela perguntou. — Querem falar com vocês!

Fomos saindo, um a um, sem muita pressa e, principalmente, sem muita coragem.

Seu Adolpho foi logo resmungando com a Cláudia porque ela deveria estar no coleginho.

Depois, deu um cascudo leve na cabeça de cada um de nós:

— São uns malandros! — disse com uma voz muito terna, de pai. Dona Lúcia parecia muito tranqüila e nos beijou, um a um, antes de apresentar dona Areta.



Uau! Que mulher! Ao contrário de tudo o que tínhamos feito dela, a assistente social era uma mulher jovem e muito bonita! Era difícil parar de olhar para dona Areta!

O Montanha, por sua vez, estava com a sua roupa de inverno, aquela que tínhamos conseguido e, engraçado, pela primeira vez, senti pena de que ele estivesse com aquela roupa de inverno.

Ele ria, como se estivesse contente, e senti um aperto aqui dentro do peito porque ficou parado ao lado deles: não veio para o nosso lado, como costumávamos fazer.

— Vocês sabem o que vim fazer aqui? — foi dona Areta que começou a falar.

— Levar o Montanha — respondeu, contrariado, o Julinho.

— Eu não diria exatamente assim, diria apenas que vim para ajudar o Montanha... — ela respondeu com muita calma.

A Cláudia, com um olhar de quem queria vê-la pelas costas, interrompeu de um modo muito ríspido:

— Olha aqui, dona, nós já sabemos de tudo. A senhora vai levá-lo para uma vida melhor. Não precisa repetir o que a dona Lúcia I.P.E. já disse — havia raiva e mágoa na sua voz.

A professora fez um sinal para que Cláudia escutasse, enquanto seu Adolpho agarrou, com força, seu braço.

Só dona Areta parecia não se importar com aquela reação:

— Isso mesmo. Entre outras coisas, vamos até tentar descobrir o que é que há com o nosso amiguinho que não consegue falar.

— Nem precisa! A gente gosta dele assim mesmo — insistiu a Cláudia —, a gente entende tudo o que ele quer dizer, não é, Montanha?

O Montanha fez que sim com a cabeça e ela continuou:

— Além do mais, dona, a senhora fique sabendo que ele não é nosso seu amiguinho, ele é nosso-nosso — e apontou para nós — amigo.

Aí, seu Adolpho não agüentou mesmo e, enquanto ria, disfarçadamente, para dona Areta, apertava com mais força o braço da Cláudia.

— Bem, acho que poderíamos ser todos amigos, já que gostamos de uma mesma pessoa, não é?

O Montanha começou a chorar, dona Lúcia, também, tinha os olhos cheios de lágrima.

— Quando se gosta de alguém — dona Areta continuou —, quando se gosta de alguém, nossa maior preocupação é justamente ver esse alguém bem, não é verdade?

A gente era obrigado a concordar com ela quando a questão era colocada dessa maneira! E era o que fazíamos, apenas balançando a cabeça, que sim, é verdade.

Pensando bem, até que era uma pessoa simpática! Ou pelo menos estava se esforçando para isso.

— E como é que a gente vai ver se a senhora vai levá-lo embora? — perguntou a Cláudia, com as mãos na cintura.

Decididamente ela estava pronta para a guerra!

O Julinho, ao meu lado, teve que usar a bomba de asma, mesmo assim, não achava jeito de ficar quieto. Quem olhasse de longe, pensaria que ele estava dançando ou com vontade de ir ao banheiro.

Os olhos do Ricardo, não sei como, vieram parar no bolso do meu casaco do pijama.

Carlos nem piscava, poderia jurar que já estava apaixonado pela assistente social e querendo ir no lugar do Montanha.

— E se nós considerássemos assim: se nós considerássemos apenas que o Montanha vai comigo por algum tempo e, se houver alguma possibilidade ou assim que houver possibilidade, o Dr. Celestino prepara toda a documentação para que ele possa ficar com a dona Lúcia?

— Ficar como? — perguntou o Carlos sem tirar os olhos da boca da assistente social.

— Morar com a professora Lúcia, que poderá vir a se tornar responsável por ele.

— Morar aqui? — perguntou o Julinho.

— É. Aqui — ela disse sorrindo.

O Julinho deu um grito e começou a pular no mesmo lugar.

O Ricardo queria os olhos, que não estava enxergando nada.

O Carlos, de um pulo só, se agarrou ao pescoço da dona Areta.

Cláudia começou a dar socos no Montanha e a me empurrar, até que todos nos abraçamos ao Montanha.

Era como se tivéssemos feito nosso maior gol, conquistado nosso melhor campeonato! Foi uma festa!

Dona Lúcia I.P.E. chorava e o seu Adolpho disfarçava, emocionado:

— Estes meninos! Não param de fazer bobagem.

Minha mãe insistia em que precisava ir até a cozinha para passar um cafezinho e trazer uma limonada para as crianças.

Foi cafezinho, foi limonada, foi bolo de milho, foi riso, foi choro, foi abraço, foi beijo, foi encontro, foi lembrança de como conhecemos o Montanha, foi o contar toda a história do nosso time, foi a descoberta dessa superforça que é amizade.

— Se ela existe, existe, já, muito mais do que meia vitória, o resto é só questão de trabalho.

Foi o que disse o seu Adolpho e nós, todos, aplaudimos.

Perguntei se estava virando filósofo e ele ficou brabo. Alcançou minha orelha e nós rimos, reconhecendo o velho amigo.

É. As coisas, agora, estavam como tinham de ser.

Logo depois da festa, dona Areta começou as despedidas.

Pensando bem, ela não era, não, uma feiticeira espacial.

Pelo menos, naquela hora, tinha mais um jeito de fada de historinha de criança pequena e tudo o mais.

Como é que a gente muda assim?

Como é que, de repente, do não gostar se faz o gostar?

Será que o gostar vem, mesmo, do conhecer?

•  
Não posso dizer, hoje, que tenha sido uma despedida triste, embora a gente sempre ache que as despedidas são tristes... Nem mesmo quando o Montanha embarcou no fuca branco de dona Areta.

Acho que a gente não tinha descoberto, ainda, que, às vezes, as pessoas são passageiras na vida da gente.

•  
Ao dobrar a esquina, ouvimos o grito rouco e seco do Montanha, enquanto uma mão grande fazia sinais complicados que talvez quisessem dizer:

"Eu vou voltar, esperem por mim, eu vou voltar."

Eu nunca vou esquecer essa cena! Pensei.

Olhei para a Cláudia e, meio envergonhado — não, meio não, esse negócio de ficar medindo coisas assim como sentimentos, eu já disse, sempre me deixou irritado. O sentimento existe ou não existe e pronto! — olhei para a Cláudia e envergonhado sorrimos: a gente estava de mãos dadas.

Não sabíamos desde quando e isso não era o mais importante. Continuamos assim.

Seu Adolpho viu e fingiu que não viu. Por certo, mais tarde, nos pegaria para uns conselhos. Ouviríamos.

Ricardo, Carlos e Julinho trocaram sorrisos maliciosos e não conseguiram conter um *ai, hem!*, a que não respondemos. Nossas mãos, nervosas, não queriam se perder.

De tarde, quando deixamos o campinho, saímos todos abraçados, como sempre fazíamos depois de um jogo, só quê.

Agora, o Julinho e o Ricardo estendiam o braço deixando um espaço grande entre os dois.

Era o lugar do Montanha, no nosso time, e, por muito tempo, foi assim.

ENTRE  
LINHAS

## Títulos da coleção

Ladrões de histórias

João Anzanello

Carrascoza

Rita está crescendo

Telma Guimarães

Castro Andrade

O segredo da casa  
amarela

Gisela Laporta Nicoletis

Um time muito especial

Jane Tuikian

Nó na garganta

Mirna Pisky

O fantasma que  
dançava no escuro

Luci Guimarães

Watanabe

Férias de arrepiar

Graziela Bozano Hezel

Guerra no Pantanal

Antônio de Pádua e  
Silva

O Rei da Rua

Jorge Fernando dos

Santos

### **3 A tradução**

A seguir, o resultado do processo de criação/tradução. É preciso pôr um ponto final e publicar. É preciso conviver com o incompleto e com as soluções tomadas. Esta é a obra com que conviverei. Este é o resultado de minha trajetória.

## Un equipo muy especial

## Índice

Un tal reglamento

El descubrimiento de la voz

El peligro inminente

Que se salve a un amigo

Ni por oro ni por plata

Un equipo muy especial



Para Lúcia I.P.E. y los  
niños de Roque Gonzáles,  
mi equipo del corazón.

<<- Sois joven - respondió Athos - y vuestros amargos recuerdos tienen tiempo de cambiarse en dulces recuerdos.>>

Alejandro Dumas, Padre, en

*Los tres mosqueteros*

## Un tal reglamento

No puedo decir, hoy, que nuestro equipo fuera el mejor, pero que era especial, ¡ah!, eso lo era.

Comenzando por el arquero, Ricardo, que veía casi nada y llevaba unos anteojos de lentes gruesos como culo de botella.

No había pelota que no consiguiera agarrar, pero, antes, casi nos mataba a nosotros de tanto susto: esperaba que llegara muy cerca, se sacaba los anteojos de la cara – porque, si se quebraran aquellos, no tendría otros -, los ponía en la cintura y, entonces, sí, atajaba.

Todo eso pasaba en milésimos de segundo, pero, para nosotros, hasta que viéramos la pelota prendida en su abrazo, era como si el tiempo parara. Así:

\*

En la zaga, estaba Montaña. ¡Él era enorme!

Nosotros le inventamos este nombre. No hablaba con nadie. Unos decían que era mudo. Otros, tonto. ¡No importa! ¡Era como una máquina de defender! Un tractor que llevaba por delante todo lo que fuera para impedir el gol y mostraba una gran sonrisa, un poco burlador, cada vez que derrumbaba a alguien.

Claudia era nuestro peón. Armaba cada jugada que los ponía locos a los adversarios. Si no fuera por el fútbol, en el cual era un crackón, era porque ¡era bonita la chica!

El lateral izquierdo, Julito, era de los mejores.

Delgadito y muy negro, entraba al área con facilidad y hacía cada golazo de dejarle a la defensa adversaria toda inmóvil, buscando la pelota perdida en el horizonte, y ella, allí, descansando en la red, a lo mejor vibrando con nuestros gritos y abrazos, a lo mejor perdonándonos por nuestros tiros, a lo mejor buscándole a Julito. ¿No es verdad que la pelota siempre busca a los mejores jugadores? ¿O será que son los mejores jugadores quienes saben exactamente dónde encontrarla?

Julito siempre sabía. Estaba siempre en el sitio correcto en la hora correcta. Lo único es que interrumpía muy a menudo el partido y, a veces, incluso en el mejor momento, para usar el inhalador.

Creo que Carlos, el lateral derecho, era el único como los otros. ¿Sabes cómo es? Todo arregladito, pase correcto, lado del pie, medio del pie, pecho del pie. Explicaba nuestros errores, pedía calma, mucha calma, y armaba nuestras jugadas ensayadas. Sabía todo. Incluso estudiar en un colegio privado estudiaba.

Yo, al otro lado de la zaga, no era más que un gran soñador.

Sí. Creo que fue justo por eso que nos inscribí en el campeonato infantil de fútbol sala de la ciudad.

\*

Nosotros salimos bien en las eliminatorias y en las semifinales y, si al comienzo del campeonato la gente no apostaba mucho en nosotros, ahora ya nos miraba con ojos de quien presiente peligro.

¡Y qué bueno era sentir eso!

\*

Después del almuerzo, antes que Señor Adolpho abriera el almacén y yo tuviera que empezar las entregas, me quedaba sentado en la acera, así, por mucho tiempo, solo veía a Claudia, cómo Carlos Alberto erguía el trofeo, la sonrisa boba de Montaña y los anteojos mojados de lágrimas de Ricardo – llorón como él, solo yo – y Julito, que interrumpía la vuelta a la cancha para usar el inhalador, y Carlos, que imitaba a Sócrates en la entrevista a la *Gaceta de la Ciudad*:

– Nosotros hicimos lo que pudimos. Fue el resultado del esfuerzo de todos, de mucho entrenamiento y del apoyo de los hinchas.

Yo incluso podía oír los gritos y silbos y palmas y olas que venían desde las tribunas.

La gente del colegito llevaba hasta carteles con nuestro nombre escrito, y nuestro nombre vibraba, bailaba, saltaba.

Trocitos de papel cortado seguían volando, volando en el medio del polvo de la cancha y del carnaval.

Solo que...

\*

El sueño explotó hecho globo de gas, cuando no nos dejaron entrar en la cancha en la final.

El entrenador del otro equipo, Dr. Celestino, que también era fiscal en la ciudad, presentó un recurso en la justicia alegando que nuestro equipo no estaba conforme al reglamento.

Había sí todos aquellos hinchas que yo había imaginado. La gente del colegito y del Colegio Privado e, incluso, del Seminario estaba toda allí. Había hasta carteles y una bandita, que no paraba de tocar músicas de carnaval.

El papel cortado venía flotando mansamente en dirección de la gente, pero.

En vez de la alegría del sueño, nosotros nos pusimos perturbados.

El árbitro no nos dejaba pasar los límites amarillos de la cancha y toda aquella gente gritaba, gritaba, gritaba.

Carlos preguntó:

– Por fin, ¿cuál es el problema?

Solo que no había respuesta.

El árbitro, sin mirarnos mucho, insistía, haciendo gestos con la cabeza y los brazos, que no jugaríamos, y el Dr. Celestino nos miraba de una forma rara, mientras el otro equipo esperaba ya en la cancha.

Las personas llegaban alrededor de nosotros. Unos empujaban. Otros se reían. Otros abucheaban.

Había quien quisiera pegarle al árbitro – á-r-b-i-t-r-o yo nunca voy a ser, pensé -, <<hijo de puta>>, pero había también quien dijera <<déjalo>>.

\*

El árbitro era Señor Arthur, gerente de una oficina del Banco Nacional.

Incluso me gustaba el señor Arthur. Los miércoles hacía entrega del almacén en su casa, y, entonces, iba más tarde, cuando sabía que él tomaba el mate en su jardín, solo para que charláramos un rato.

Él sabía todo de fútbol, les conocía bien a todos los futbolistas y hablaba por mucho tiempo sobre la copa del tricampeonato.

Además, yo espiaba por la ventana, había un salón entero lleno de libros y yo pensaba que allá, entre todos, debía haber muchos de poesía y, entonces, me miraba, miraba y pensaba que, un día, iba a tener coraje de pedirle para ver, desde cerca, cada uno de aquellos libros, tocarlos, con la punta de los dedos, tocarlos cada uno como quien toca el tesoro más grande del mundo y, tal vez, incluso pedirle alguno prestado para llevarlo a mi casa y todo.

Un día, cuando tenga coraje. Ahora no.

\*

Dr. Celestino andaba junto al árbitro. Así: pegado: en el mismo paso: en un mismo gesto: para allá y para acá: que *no* con las manos: que *no* con la cabeza.

Y, sí, por un momento, Señor Arthur paró y nos miró y, por un momento, demostró que podría ceder cuando balanceó la cabeza, en fin son nada más que niños, por qué tanto rigor, si volviéramos un poco más flexible el reglamento y *si*. El Fiscal no permitió y la voz de él era la única que, como trueno más fuerte que los otros, conseguíamos oír.

– ¿A quién se le ocurre un arquero de anteojos?

Él preguntaba como si hiciera un discurso para toda la platea que, en verdad, solo quería saber del partido.

Caminaba de un lado a otro. Accionaba como si, con amplios gestos, como si estuviera en un tribunal.

En medio del ruido, las personas nos miraban como si fuéramos, no reos, y sí raros.

¿Y este bobo que no sabe tampoco quién es?

Montaña cerró los ojos con fuerza y se arrugó la frente como si hiciera un gran esfuerzo para no abalanzarse contra Dr. Fiscal.

Pusimos, todos, la mano en su hombro.

¿Por qué? No sé y, en aquella hora, no había mucho que pensar sobre qué hacer y qué no hacer. Tal vez porque nosotros mismos nos hayamos sentido bobos. Tal vez para defenderlo. Tal vez para que nos certificáramos que él no abalanzaría. Pero. Tal vez, mucho más, para que dijéramos que, para nosotros, en fin, él era Montaña y sabía que era Montaña.

¿Y esa chica? ¡Jugando al fútbol como un hombre en lugar de estar en casa jugando de hacer comiditas a sus muñecas! ¿Dónde está su madre que no ve eso? – Eso eran las ropas de chico que usaba para jugar. Total, no quería que Claudia jugara de tacones, ¿no? – ¿No tienes madre, chica?

\*

Sabía que no por cerca.

Toda la ciudad había comentado cuando doña Laura decidió irse, principalmente las señoras del Club de Té de la Intendencia, que pasaron mucho tiempo, tardes enteritas, haciendo suposiciones de cómo se había huido con un hombre, aunque nadie estuviera seguro de que ella había huido con alguien.

El profesor del nocturno, sin explicación alguna, dejó la ciudad en el mismo autobús que doña Laura.

Claudia se puso enferma. Solo lloraba. No comía.

Señor Adolpho decía que la mujer se había muerto. Pero, cuando se preguntaba por qué, no sabía responder y también lloraba y no comía.

Las personas se preocuparon con ellos. Todos los días, el Cura hacía una pasadita rápida por el almacén y charlaba un poco. Rezaba con ellos. El Fiscal también iba.

Dr. Celestino estaba cansado de entrar y salir del almacén y preguntar cómo él estaba y cómo estaba la niña. Estaba cansado de saberlo.

\*

Esta vez nos juntamos con Claudia, que miró para un lado y para el otro con aquel perfil de muñeca rubia y melindrosa que tenía y parpadeó una lágrima y dijo una palabrota tan fea, pero tan fea que todos los que estaban cerca disfrazaron y simulon no haberla oído.

Definitivamente, Dr. Celestino no sabía con quien estaba tratando.

Hubo, después, risas y aplausos y pedidos de bis, pero ella no repitió y, en medio del peligro, nosotros tuvimos que reír juntos.

Pero él no se quebrantó, no:

– ¿Y este asmático raquítico? ¿Tiene certificado médico para jugar?

De nada sirvió a Julito haber respirado hondo y levantado los hombros.

El agujero de la crisis – era así que él decía: queda un agujero en mi aire -, el agujero de la crisis ya se había abierto y, casi sin poder, él trataba de sacar el inhalador gris de Aerolin del elástico de la cintura del pantalón corto. En estas horas, él se ponía casi azul.

– Y este medio, medio, medio... - entre un medio y otro, aquel gesto femenino de la mano doblada.

El medio era yo.

Por un momento, pensé que, tal vez, él no supiera cómo decir o, si lo sabía, no lo sé y casi le ayudé, maricón, pero. Tuve unas ganas enormes de reír y reír.

En medio a todo aquel lío y de las personas que gritaban y batían y empujaban, mal conseguí mirarme. Así: mis pies, mis piernas, mi cuerpo y mis brazos delgados y pequeños y mal conseguí mirar a mi equipo todo feo y desarreglado y pobre y.

Las zapatillas deportivas que conseguimos para Montaña perdieron las puntas porque los dedos gordos y sucios no cabían dentro de ellas.

La camiseta de Julito más parecía un vestido con lo delgado que estaba.

Nuestros números los habíamos pintado, nosotros mismos, con acuarela y habían quedado una porquería. Peor: ahora, una porquería escurrida, de tanto sudor.

La camiseta de Ricardo, el arquero, era muy ajustada y corta y tenía unos adornos pequeñitos de florcitas. Era la única negra que habíamos conseguido, una blusa de la madre de Carlos.

Daba, de verdad, una gana enorme de reír, pero nuestro equipo era lo que éramos nosotros, y la gana de reír no era de burla, no, era de tanto cariño.

Por entre una rendija, entre brazos y hombros que, vez y otra, se tocaban, pude ver el otro equipo al medio de la cancha.

¡Era todo arregladito! ¡Hasta de calcetines todos iguales! ¡Hasta de zapatillas todas iguales!

Ellos conmemoraban la victoria de un partido que no se había jugado. Eso me hizo pensar en cosas que Señor Adolpho me decía y yo fingía no tomarlas en serio. ¿Será que así es la vida? – me pregunté. - ¿Será que los vencedores no siempre son los que vencen?

¡No!

No quería pensar así. Eso era pensamiento para Señor Adolpho, que ya estaba viejo. Si creyéramos en eso, las cosas se pondrían muy difíciles. Vivir sería difícil y todo lo que yo quería creer era que tendría una oportunidad de lucha y de búsqueda y de esfuerzo y de trabajo y, de la lucha y de la búsqueda y del esfuerzo y del trabajo, la victoria.

Tendría sueños más grandes que aquel partido y no quería, por nada de este mundo, yo no quería destruirlos antes de que se hicieran sueños.



En la mirada del Fiscal, en la alegría del otro equipo, en el desaliento de Señor Arthur, en los hinchas yéndose, entre bravos y divertidos, descubrí que, claro, estábamos, de hecho, fuera del reglamento.

Claro, teníamos, es cierto, grandes diferencias.

Aunque mirara alrededor e incluso buscara, afligido, nosotros no teníamos a alguien que fuera grande y hablara por nosotros. Pensé en Señor Adolpho, en doña Lúcia I.P.E, en el padre de Carlos...

No. Nadie.

Aquella hora, teníamos solo nuestro corazón y éste, medio lastimado, nos llamó tanto para que nos acercáramos uno del otro que salimos del Gimnasio de la Intendencia Municipal, aunque sin hacerlo de propósito, salimos abrazados, los seis, dejando atrás, todavía, gritos, discusiones, risas, música, ruido.

En la tristeza de los once, doce años, no entendíamos muy bien lo que había pasado, pero.

Sentíamos fuerte, acá dentro del pecho, que el partido no valía mucho más: nosotros, el equipo, es que valíamos más.

El descubrimiento de la voz

Fue en este entonces que descubrimos, de verdad, el valor de la amistad, aunque eso de hablar en valor, de medir y pesar cosas que son siempre mayores, porque son sentimientos, siempre me enoja un poco y, además, nuestra amistad, lo sabíamos más que cualquier otra persona, valía mucho más que el valor.

\*

¿Quieres apostar?

\*

Esta historia del partido nos dejó mucho más unidos. Por la mañana, íbamos al colegio y, como había un solo grupo de cada año en el colegito – como todo el mundo lo llamaba, porque el Privado era grande -, frecuentábamos todos el sexto año de la profesora Lúcia.

Para la Directora, ella era Lúcia I.P.E., del Instituto de Previsión del Estado, porque siempre se quejaba de algún dolor, o en el estómago, o en la cabeza, o de cansancio.

La verdad es que nadie podría aguantarnos, así, juntos, sin ningún dolor.

Claudia era la peor de la clase. Aunque supiera menos, siempre pensaba que sabía más y discutía parejo con la profesora y, entonces, no había lo que no dijera, de tanto descaro.

Hubo un día incluso en el que doña Lúcia I.P.E. empezó a llorar, en la clase mismo, y, entonces, hubo un silencio general y me dio mucha pena por ella, porque lágrima de adulto duele mucho más que lágrima de niño.

\*

¿Por qué será que lágrima de adulto duele mucho más que lágrima de niño?

Tal vez porque no se puede tomarlo en los brazos, con cariño, y ofrecerle caramelos y chupa-chups y una historia tan bonita y divertida que lo haga olvidar el llanto.

Tal vez porque lágrima de adulto sea de otra naturaleza: sea, ella misma, portadora de su propia e inmutable historia, de su propio e inmutable sentimiento.

Tal vez... no lo sé. Solo sé que nos ponemos siempre tan impotentes, ¡tan sin saber qué decir cuando un adulto llora! Eso va a pasar, va a pasar...

Yo no quería ni mirar.

\*

Me sentaba, siempre, cerca de la ventana.

No conseguía quedarme preso en un aula, por mucho tiempo, principalmente cuando la clase era de Matemáticas, porque los números no me atraían, porque los resultados tenían que ser los mismos, para todos, porque ponían límites para un soñador como yo.

Las palabras, sí.

Con las palabras yo creaba, mentía, ganaba y perdía. Con ellas yo cambiaba cosas y descubría gente y lugares. Me transformaba y crecía.

Con ellas construía mundos grandes y pequeños, feos y lindos, que, a veces, necesitaban salir por la ventana para encontrar cualquier cosa o cualquier persona del mundo de verdad.

Es que las palabras son magias rápidas, instantáneas: P U E N T E S, incluso cuando dicen lo contrario de lo que quieren decir.

No había nada en la ventana y me puse a pensar en lo que no quería mirar, en la lágrima azul del ojo azul de doña Lúcia.

\*



No aguanté, pedí que ella no llorara más, que Claudia no pensaba de verdad todo aquello que había dicho, aunque yo ni supiera más lo que había dicho, ¿no es cierto, Claudia?  
Ella hizo que sí con la cabeza y pidió perdón.

\*

Así era Claudia.

Tenía un gesto delicado, una voz amable, y, de repente, ni combinaba con ella el modo como se ponía brava y por cualquier cosita peleaba. Pero duraba solo aquel ratito. Así: como una gran explosión. Luego, ella accionaba como si nada hubiera pasado.

Siempre hacía así conmigo y, cuando yo pensaba que estaba enojada conmigo para toda la vida, en seguida, ya no lo estaba y, entonces, era la mayor amiga que alguien podría desear.

Nosotros podíamos contar con ella para todo. Era una malcriada de corazón grande.  
¡Listo! Yo, de nuevo, midiendo cosas, midiendo el corazón.

\*

Pero, entonces, doña Lúcia lloró mucho más.

Con una mano en la cabeza y la otra que masajeaba el estómago, dijo que había dedicado su vida a los niños y que éramos, para ella, los hijos que no tendría nunca.

Un montón de gente lloró junto a ella, pero.

De nervioso, entre un chillido y otro y ya un poco azul, Julito rió, porque Julito siempre reía cuando se ponía nervioso.

Doña Lúcia se volvió más molesta todavía, dijo a Claudia que si el grupo no la respetaba más era por su culpa y salió.

Nos callamos todos.

\*

En el ojo de cada uno, un tanto de miedo.

Había gente con la cabeza tumbada sobre el pupitre. Otros con la mirada mojada y vacía. Otros, todavía, querían matarle a Claudia y escarpelar a Julito.

Sabíamos que aquella salida de la profesora significaba tormenta cercana, y porque éramos, nosotros mismos, nuestro bote salvavidas, Julito, Ricardo y Claudia vinieron para muy cerca de mí y de la ventana.

Allá afuera, yo no encontraba nada.

Nuestros ojos eran corazones latiendo de modo desordenado.

\*

No tardó mucho para que doña Adelia, la Directora, invadiera el aula marchando, porque ella siempre marchaba cuando estaba enfadada y, después de una mirada de perro rabioso al grupo, de aquel que, listo para atacar, gruñe hasta por los ojos, se detuvo en nosotros cuatro.

Ricardo, Claudia, Julito y yo, cuanto más nos miraba, más marchitábamos en la silla, hechos dibujos animados.

Pidió que Claudia le acompañara.

Yo quería haber ido junto a ella.

Por un rato, pensé en mirarle a la Directora, sin miedo. Pensé en levantarme y poner la mano en el hombro de Claudia y decir que era responsable por ella – porque era así que me

sentía -, pero. Un aire frío me atravesó el estómago. Una respiración rápida y difícil. Las rodillas temblaban. El corazón temblaba.

La ventana.

¿Cuántas cosas, todavía, había querido hacer en mi vida y no las hice por falta de coraje?

\*

Doña Lúcia I.P.E. volvió y continuó la clase como si nada hubiera pasado.

Nosotros solo percibíamos que había pasado algo porque, una y otra vez, suspiraba profundamente y ponía las manos en el estómago.

Mucho tiempo después, Claudia entró en el aula con la cabeza baja y con los ojos hinchados.

Desprotegida.

Tomó los libros y salió sin decir nada.

Los números comenzaron a bailar delante de mí y me vinieron unas ganas de vomitar que solo controlaba mirando por la ventana. ¿Por qué yo no era el Superhombre? ¿Por qué yo no podía hacer más de lo que realmente podía?

Julito tuvo que salir más temprano por causa de una crisis de asma y salió mal, sin mirarle a nadie.

Ricardo, con los ojos fruncidos, intentando ver lo que estaba escrito en la pizarra, no paraba de morder la patilla de los anteojos.

\*

Restó en mí un vacío que no sabría explicar.

¿Sabe cuando una tristeza grande nos va llenando, poco a poco, nos va llenando y termina por engullirnos enteros?

¿Sabe cuando el ilimitado de la ventana pasa a terminar en la propia madera podrida y llena de termitas de la ventana?

¿Y los vidrios rotos son solamente vidrios rotos?

Así era.

Todo y nada.

Quería haber ido junto y quería haberme quedado. Tenía miedo de no poder hacer nada.

A veces, cuando yo pensaba en el mundo, así como él es, con las cosas malas que tiene, porque él no es solo bonito, yo tenía miedo de no poder hacer nada.

Un vacío, tan solo.

\*

Cuando sonó la alarma, salí corriendo, no pasé en casa ni nada, aunque tenía mucha hambre, y fui directamente a la canchita donde jugábamos.

Ya estaban todos allá.

Claudia tenía los ojos hinchados y la nariz roja.

Montaña, Ricardo, Julito y Carlos parecían llegar de un entierro, que entierro siempre es triste.

Pregunté inmediatamente por cuánto tiempo era la suspensión, y Ricardo, con ojos fruncidos y los anteojos en la mano, respondió bajito, de cabeza baja, que para siempre.

Pensé que no había escuchado bien e insistí en la pregunta, pero ya enojado Julito gritó:

– ¡Para siiiiiieeeeeemmmmmpppppprrrrrrreeeeee!

\*

¡Para siempre es mucho tiempo!, pensé.

¡Para siempre puede ser del tamaño de una vida no importa el tamaño de la vida!

Para siempre es alguna cosa que perdimos en el tiempo. Así:

, como un blanco, un vacío,

un túnel sin fin, cuando para siempre es nunca más.

– ¿Para siempre, siempre? – pregunté de nuevo.

Pensé en el último partido y una pelota trancó en mi garganta. Aquella cosa de querer pedir socorro y esperar que alguien haga alguna cosa. Sin pedir. Sin que nadie lo haga.

– ¿Ya contaste en tu casa? – arriesgué.

– ¡Mi padre me mata!

– Pero, ¿y si él fuera al colegito hablar con la Directora?

– ¡No! ¡Él me mata! – Claudia estaba muy afligida, pero.

\*

¡Mataba de verdad!

Señor Adolpho era un alemán grande y fuerte, con cara de bravo, que no admitía lo que llamaba boberías y, para todo lo que se hablaba, exclamaba ¡bobería!, con la *b* que era una *p*.

Quien le imitaba bien era Julito. Decía así: *popería*. Y si él usaba su tono de voz más grave, lo mejor era alejarse.

Yo sabía bien lo que esperaba Claudia en casa por todos los insultos y guantazos de los que me esquivaba en los días en que trabajaba en la entrega del almacén, pero.

Sabía, también, que, cuando pasara el ataque de rabia, señor Adolpho lloraría junto a la hija, como niño grande, se sentiría culpable, lamentaría la partida de doña Laura, lloraría todavía más y, después, guardaría a Claudia en un gran abrazo, solo para él, intentando protegerla de lo que él entendía que era la vida.

– Vamos a encontrar una salida, claro. Todo eso es una gran bobería – diría.

\*

Me gustaba eso en él.

Aunque peleara conmigo y, a veces, yo tenía ganas de mandarle a aquel lugar, darle las espaldas e irme, sentía, a veces, que él me protegía y le gustaba eso.

En los días en que estaba bien y había poco movimiento en el almacén, él apoyaba los dos brazos en la barra, ponía la cabeza delante de las longanizas colgadas en el hilo de metal y preguntaba:

¿Y entonces, pibe?

¡Yo vibraba!

Me sentaba en un cajón y charlábamos por mucho tiempo.

Hablábamos sobre todo: fútbol; mi mamá: ¡no ves el trabajo que ella pasa, la pobre! Tú necesitas ayudar en casa, ¿eh?; el colegito: está todo cada vez más difícil, más trabajo y menos dinero para quien no estudia, no me vengas con boberías porque tienes que estudiar; mi futuro – eso era una cosa con la que él realmente se preocupaba. Sobre escribir libros, se ponía pensativo, no decía ni que sí ni que no. Tal vez porque esa fuera una puerta del mundo a la cual no había tenido, nunca, acceso.



Pero lo que a él más le gustaba era hablar sobre las mujeres.

Cuando decía <<buena>>, entonces, su sonrisa se agrandaba y la dentadura postiza de arriba comenzaba a bailar en la boca.

Acabábamos, siempre, riendo mucho cuando atribuía calidades a las partes del cuerpo de las que pasaban por la acera.

Culos y senos jamás escapaban hasta que su mano de dedos grandes y uñas sucias cortaba el aire:

– ¡Vamos a dejar de boberías que, con esta cara de tonto, estás mostrándote muy bribón!  
Era hora de trabajar.

\*

Ya hacía algunos días que él me prometía que, cuando llegara la hora, me llevaría a la <<Casa de las Chicas>>. Era como si fuera una responsabilidad que él había asumido y la llevaba en serio.

Yo, aunque no veía la hora de que la hora llegara, me ponía muy nervioso solo por pensar en una mujer desnuda delante de mí y mirándome y sonriendo con una boca muy roja en el medio de aquel pelo rizado oxigenado y llamándome ¡ven! y yo sin saber qué hacer, ¡ven!, así, de no saber ni qué hablar. Y sin saber de verdad cómo comenzar aquello, ven, y sus manos, de uñas grandes y moradas, tocándome, agarrándome, ¡ven!, si es cierto que soy yo el que debería empezar.

Había visto en una película y era así. Tal vez, en realidad, en realidad, no fuera, pero la verdad es que yo necesitaba hablar con él sobre eso antes de ir allá, incluso porque mis sueños con *Kid Abelha*<sup>10</sup> - ¡Ah! ¡Paulita! – en biquini y todo en la orilla de una playa desierta, por la noche, tan solo con el ruido del mar y de una hoguera, que ardía lentamente en la parada del tiempo y solo nosotros dos – Los *Abóboras Selvagens*<sup>11</sup> yo había dejado afuera de la escena -, y solo nosotros dos mirándonos, muy cerca el uno del otro, acercándonos sin prisa alguna, más y más, más y más, siempre acababan ahí y yo me despertaba ansioso y sudando.

---

<sup>10</sup> N.T.: Grupo musical brasileño, cuya cantante principal se llama Paula Tóller.

<sup>11</sup>N.T.: Grupo musical brasileño de la década de 80, compuesto por Paula Tóller, George Israel y Bruno Fortunato. El grupo se llamaba *Kid Abelha e Os Abóboras Selvagens*. Hoy día se llama solamente *Kid Abelha*.

Claro que no le iba a contar sobre Kid Abelha y yo, pero nosotros necesitábamos hablar antes de que me llevara allá.

\*

Solo que con Claudia no quería arriesgarme.

Me quedaba mirándola mientras una mezcla de sentimientos me invadía.

\*

Mi relación con ella era totalmente diferente de la que tenía con Kid Abelha.

Era como si Claudia fuera mía.

\*

¡Yo sabía todo de ella! A veces, sabía lo que pensaba e incluso lo que iba a decir y, si cerraba los ojos, no importaba donde estuviera, si cerraba los ojos podía verla perfectamente, pelo, ojo, boca, nariz, cuerpo, pierna, pie y me gustaba verla sonriéndome.

Yo me quedaba así por mucho tiempo viéndola sonreírme y, a veces, incluso podía oír su voz. Sin decir nada. Tan solo la voz en mi oído.

La verdad es que yo la quería.

No sé bien cuándo eso empezó, pero era una cosa muy fuerte dentro de mí.

Ella me gustaba.

Solo que no tenía coraje de contarle ni a ella ni a nadie.

Ya había pensado en hablar sobre eso con señor Adolpho, podía inventar que era otra chica del colegio y todo, pero pienso que, si él descubría quien era, ¡me mataba a mí!

Quería ponerme de novio con ella, tener su mano, darle un beso en la boca - ¡Ah! ¡besar en la boca! Me mareaba solo con imaginar cómo sería -, pero.

Por mucho que quisiera, no sabía cómo hacer y, si sabía, no conseguía.

Primero, tendría que vencerme a mí en una lucha para la cual sentía que no estaba, todavía, listo. Esa cosa de ser tímido siempre me estorbó demasiado.

Solo de ensayar:

– Claudia, me gustas tú – sentía la sangre subir a mi cara y dejarme todo rojo y con una enorme sensación de fracaso.

A veces, no me gustaba nada yo mismo.

\*

Y ella, allí, necesitando que yo tomara su mano con cariño y que le prestara mi hombro para que llorara un poco más y que le diera un abrazo y que dijera que yo mismo iría a hablar con doña Adelia y no dije nada.

Temblaba de la cabeza a los pies y me odiaba y odiaba a doña Adelia y a doña Lúcia y todo lo demás.

En el fútbol, mi abrazo, tras el gol, era siempre el más largo.

\*

Le tocó a Carlos la decisión.

– Pienso que de nada sirve que nos quedemos acá llorando. Necesitamos hacer algo.

\*

Carlos tenía de verdad facha de héroe.

A mí eso me parecía genial. Ya había pensado, incluso, que él era como yo quería ser.

Cuando creciera, probablemente sería presidente de la República.

¿Yo? Quería ser poeta.



\*

Tendría, antes, que tener coraje de pedir para entrar en la biblioteca de Señor Arthur. Seguramente allá había libros mejores todavía y más interesantes que los de la biblioteca del colegio. ¡No! Hablar así me hace sentir un poco culpable. Seguramente allá encontraría otros libros que no había leído todavía.

En la próxima entrega de compras, tal vez. Llegaría como quien nada quiere. Aunque quería todo.

Él querría hablar sobre nuestro último partido, justificarse, pero yo diría que estaba todo correcto y que nuestro equipo de verdad no estaba de acuerdo con el reglamento y que no conocíamos este tal reglamento, pero que ya había pasado. Y, entonces, de golpe, yo diría que lo único que no pasa son los libros.

Él, seguramente, me miraría admirado.

Yo, entonces, hablaría de los poetas y de la poesía.

Él, entonces, todavía más sorprendido, me preguntaría:

– ¿Pero a ti te gusta la poesía?

Y yo, diciéndole que sí, recitaría, emocionado, a Fernando Pessoa:

El poeta es un fingidor.

Finge tan completamente

que llega a fingir que es dolor  
el dolor que de veras siente.

Y los que leen lo que escribe,  
en el dolor leído sienten bien,  
no los dos que él tuvo  
mas solo el que ellos no tienen.

Y así en los raíles  
gira, entreteniéndolo la razón,  
ese tren de cuerda  
que se llama corazón.<sup>12</sup>

¡Claro! ¡Fernando Pessoa sería mi clave de acceso a la biblioteca soñada!

Y yo ya me veía acariciando el lomo de los libros. Abriendo, por acaso, en una página cualquiera y leyendo un verso, dos, como quien quiere, despacio, absorber todo, guardar para siempre, en un placer, más que de alma, completo, también físico.

Sería así. Después de la entrega, nos sentaríamos los dos en el jardín. Señor Arthur tomando el mate. Y hablaríamos de los libros que leemos, de los versos que permanecieron, de los mundos que descubrimos, descubriendo sentimientos.

\*

Montaña miró con una mirada de ¿qué?

\*

Increíble eso de ¡cómo los ojos de las personas hablan del corazón!

Nosotros podemos mentir con la voz, pero con los ojos... ellos huyen en la hora de la mentira. Ellos cuentan todo.

---

<sup>12</sup> PESSOA, Fernando. Autopsicografía. In: *Poesía antología mínima*. Traducción de Miguel Ángel Viquiera. Barcelona: Río Nuevo, 1996.





Nadie decía nada.

Ella, porque ya había acabado el asunto.

Nosotros, porque no teníamos más qué decir.

Nos pusimos así:

. El silencio estaba demasiado pesado, solo lo que se escuchaba era el chillido de Julito, que no paraba de mirar a sus pies, con miedo de reír.

\*

¿No había funcionado que nosotros hubiéramos luchado por nosotros?

\*

Fue, entonces, que Montaña empezó a emitir un sonido ronco y difícil como un bicho, mientras – con gestos grandes y brutos – decía cosas que no conseguíamos descifrar, aunque entendiéramos que él, simplemente, quería que Claudia se pusiera bien y permaneciera en el colegio.

La profesora, asustada, pedía que él se calmara, caminando de un lado al otro, como quien no sabe qué hacer, tropezando en el sofá floreado.

Solo que pedir no servía.

Claudia lo abrazó. ¡Nunca le habíamos visto a Montaña de aquella manera!

Lo que él emitía eran los sonidos más tristes y afligidos que jamás había oído en toda mi vida de casi 13 años. Tomé su mano.

Él solo paró cuando doña Lúcia le agarró la cara, con las dos manos, pidió por favor, ella haría lo que él quisiera, y lo que él quería nosotros todos sabíamos.

La lección era no disgustar y ya habíamos, todos, aprendido. Dijo que hablaría con doña Adelia para que pudiéramos comenzar todo de nuevo.

Abrazamos a doña Lúcia I.P.E., que parecía exhausta.

Abrazamos a Claudia, que parecía no creerlo.

Solo no abrazamos a Montaña porque, de repente, él no estaba más allá.



\*

En aquella noche, yo, que era un eterno hambriento, no quise cenar ni nada.

Mi madre se puso preocupada, ¿no había almorzado!, pensó en fiebre, en gripe, en garganta, esas cosas que todas las madres piensan primero cuando perciben que los hijos no están bien. Y madre siempre percibe.

Dije, tan solo, que estaba muy cansado y lo estaba.

Ella me abrazó, dijo cualquier cosa sobre huir, de nuevo, de la ducha y las <<roscas>> negras en mi cuello y el color de mis rodillas y de mis pies y del <<casarón>> detrás de la oreja y me puso en la cama, de pantalón corto y todo, sobre la sábana blanca que, al fin y al cabo, ¡madre es madre, pues!

Cuando apagó la luz, dijo que me amaba.

– Yo también.

Y cerré los ojos.

Me puse a pensar en el último partido, cuando nadie dijo nada por nosotros y, entonces, pensé en Montaña y en lo que había pasado y fue una sensación rara la de darme cuenta de que teníamos, sí, voz. Aunque hecha de los sonidos más raros, voz.



## El peligro inminente

Al día siguiente, lo encontramos a Montaña durmiendo en la entrada del colegio.

¿Cómo no se me ocurrió que él hubiera ido para allá? Al fin, era donde siempre estaba, cuando no estaba con nosotros, y, en los recreos, se ponía con la cara más fea todavía, marcada por el vallado que separaba el patio de la calle, mirando y sonriendo una sonrisa presuntamente vacía.

A nosotros, que nos habíamos acostumbrado con su presencia ahí, ya no nos parecía raro. Pensándolo bien, fue así que él entró en nuestra vida: con la cara prensada contra el vallado, en la hora del recreo, tan solo mirando y riendo una sonrisa presuntamente vacía.

\*

Al principio, nosotros nos pusimos un poco miedosos. – ¡Dale! Que miedo no hay poco ni mucho, ¡es tan solo miedo! – Principalmente las chicas, que, en grupos pequeños y que después iban aumentando, llegaban despacito, despacito, cerca del vallado y, entonces, salían corriendo con aquellos grititos ridículos que solo ellas saben dar.

Y, entonces, comenzaban las charlas:

– Me parece que es un malandrín.

– ¡A mí me parece que es un loco! – grititos nerviosos.

– ¡Ay! Mi padre dijo que no me acercara.

– Es verdad, mi madre dijo que es muy peligroso, incluso contó la historia de uno que le robó a una chica allá en San Pablo.

– ¡Ay qué miedo!

Y los gritos se confundían con risitas nerviosas y saltitos rápidos en el mismo lugar, para empezar todo de nuevo: reunirse en grupos, llegar despacito cerca del vallado y salir corriendo.

Me da incluso ganas de reír. ¡Lo crees! ¡Nos dio miedo Montaña!

Él era diferente de nosotros. Medio gordo, medio sucio, las ropas viejas, medio grande... ¡Listo! ¡Yo, una vez más, midiendo! Él no era medio gordo, no: era gordo. No era medio sucio: era sucio. No era medio grande: era grande.

Y no decía nada, solo reía.

Después, él dejó de ser novedad. Las chicas pararon con aquella historia que ya era molesta y nosotros nos acostumbramos con él.

Todos los que pasaban por el vallado le daban un trozo de merienda. Él aceptaba todo.

\*

Hubo un día, de esos en que el invierno empieza a mostrarse la cara gris y triste, que Julito trajo una chaqueta que había sido de su abuelo y la regaló a Montaña.

Era una chaqueta horrible, ¿sabe?, de aquellas de traje oliendo a difunto, además, era enorme, pero.

Montaña vistió muy pronto y, con los ojos, señaló que le había gustado, mientras, con pocos gestos, nos dejaba entender que era calentita, calentita.

Bueno, entonces, nosotros nos pusimos muy contentos y buscamos otras cosas en casa.

Unos pantalones largos del padre de Carlos, unas botas de caucho de la madre de Ricardo, una camisa del hermano de Julito, un cinturón mío, un jersey, todo enmarañado en la barriga, de Señor Adolpho y listo. Él estaba listo para cruzar los meses fríos que teníamos por delante.

Y, en aquellos días de otoño, en que el sol todavía es muy fuerte, Montaña, ya listo, andaba con las mejillas en color de brasa, sudando como un grifo que nos olvidamos abierto.

Entonces, él no nos dejó más, después de aquel día, y comenzó a acompañarnos a la cancha.

A veces, él llegaba primero y, cuando la pelota rodaba, permanecía parado, mirando, mirando.

No sé qué pasaba en su cabeza, pero era rara la forma como él se ponía atento.

Creo que fue por la más pura broma que Ricardo le preguntó si le gustaría jugar y le pasó la pelota.

El pobre Montaña, tomado de sorpresa, se puso loco de felicidad. Sus ojos, sí, eran dos pelotas y su sonrisa, de tan grande, comenzó a invadirnos.

Después de conmemorar, en el aire, un gol que todavía no había hecho, él cargó la pelota como un verdadero crack, dejándonos con cara de tontos.

Ahora, Montaña era de los nuestros.

No quedaba, nunca, sin comida y, cuando estaba muy difícil, Claudia y yo encontrábamos una manera de distraerle al señor Adolpho y sacar del almacén un pan con longaniza, que era lo que a él más le gustaba.

A veces, nosotros no resistíamos, porque él comía de una forma como si dijera ¡qué bueno! con los ojos y con la boca y con las manos, y nosotros terminábamos comiendo con él.

Pero no era solo eso lo que se dividía, no.

Cuando él me ayudaba en las entregas del almacén – y tenía que esperarme allá en la esquina para que el señor Adolpho no lo viera porque no quería más empleados: <<Ya tengo a ti para molestarme con tus boberías>>. – cuando él me ayudaba en las entregas del almacén, quería siempre llevar lo más pesado y se ponía todo contento cuando yo decía que él era muy fuerte. Yo dividía con él el dinero de la entrega e incluso la propina.

Generalmente, nos gastábamos las dos partes en cómics, que, los domingos, cambiábamos en la puerta del cine.

\*

A mí lo que me gustaban de verdad eran los cómics antiguos.

Me gustaba el del Fantasma.

Aquella ropa que se llevaba. Aquella caverna misteriosa. El trono y el anillo de calavera. Los pigmeos. Todo despertaba en mí una mezcla de miedo y curiosidad y placer.

Creo que es a eso que las personas llaman fascinación.

El Fantasma me fascinaba.

A veces, me olvidaba de todo y pensaba que yo era él y andaba por la floresta montado en mi caballo blanco y con mi perro Capeta, mientras miles de ojos, de los pigmeos – eran siempre los ojos de Julito -, me acompañaban y yo buscaba a Diana.

Cuando la encontraba, ella era Claudia y, siempre, al final, yo la llevaba a la caverna de la boca de la calavera y nosotros nos casábamos y todo. Creo que a mí me parecía muy triste vivir solo allá. Y nos quedábamos, los dos, en el salón del trono, con los hachones de fuego atados a la pared iluminándonos.

Entonces, un escalofrío recorría mi cuerpo y mi estómago, y mi sexo se modificaba y yo trataba de dormir como podía.

\*

La profesora Lúcia I.P.E. preguntó por Montaña, ¿de dónde era él? ¿quiénes eran sus padres? ¿dónde vivía?

Nosotros cuatro, Ricardo, Julito, Claudia y yo, nos miramos sorprendidos.

Nunca habíamos pensado en eso antes y no supimos responder como ella quería.

Él había venido del vallado que separa el patio del colegio de la calle, simplemente, era uno de los nuestros y nosotros cuidábamos de él, simplemente eso.

¿El nombre verdadero?

Era el que le habíamos dado y nos bastaba.

\*

Además, no siempre los nombres dicen todo de las personas y, entonces, es necesario modificar un poco.

¿Quiere ver?

Julio, por ejemplo, no era Julio, era Julito. Carlos no era solo Carlos, necesitaba ser alguna cosa así como Carlos Eduardo, Carlos Augusto, ¡qué sé yo! Claudia, ¡ah!, Claudia sí era linda y tenía una cara tan delicada como el nombre. Era Claudia, sí, pero, cuando nosotros nos pusieramos de novios, yo ya había decidido: iba a llamarse Claudita.

¿Y Montaña?

¡Dale! ¡Ningún otro nombre sería mejor para llamarlo que Montaña!

En el día del cumpleaños de Ricardo, nosotros le hicimos ducharse y todo y logramos unas ropas <<nuevas>> para que él fuera a la fiesta, así: vaqueros y todo, pero, por lo mucho que nosotros lo adornáramos y que él lamiera, con la palma de las manos, aquel pelo rizado, él no dejaba de ser el Montaña.



\*

Doña Lúcia le mandó una caja de bombones, que comemos todos sentados en el medio de la canchita.

\*

Fue en ese día que Carlos llegó con la noticia de que había oído a Dr. Celestino preguntándole a su padre sobre aquel chico bobo, amigo de su hijo, que anda suelto por ahí.

– No se puede dejar, estamos siendo conniventes con su marginalidad, lo que, tal vez, pueda representar, a futuro, alguna peligrosidad – él dijo con la voz grave, imitando al Fiscal.

– ¿Y qué es eso? – preguntó Claudia:

– ¿Eso qué?

– Eso que él dijo.

– Quiere decir que él anda atrás de Montaña, ¿no es cierto? – respondió Julito, preguntando.

– Es – concordó Carlos.

– Pero, ¿para hacer qué? – insistió Claudia.

– Bueno, lo que él quiere hacer con Montaña, yo no sé muy bien, pero me parece que mi padre concordó con él – dijo un poco enojado, desviando los ojos.

\*

Era así que hacía Carlos cuando estaba contrariado, no conseguía parar por mucho tiempo en un mismo lugar y no conseguía mirarnos la cara de la gente, miraba a los lados y, entonces, paraba de hablar.

A veces, no daba ni tiempo para saber qué había pasado.

A veces, el motivo era solo una palabrita a más que se hubiera dicho y que lo disgustaba así.

No había remedio, fuera lo que fuera, no había remedio, lo mejor, de hecho, era dejar pasar.

\*

Presentí tristeza en el camino:

–Tu padre dijo ¿ qué?

– Nada, con él, me entiendo.

–Lo sé, pero alguna cosa él debe haber dicho para que tú pienses que él concuerda con el Fiscal.

– Nada, ya dije que con él me entiendo – repitió mirando al lado.

Ahora, de nada servía preguntar más porque él no diría nada más.

\*

¿Qué Dr. Celestino podría querer?

Por más que yo pensara sobre eso, no conseguía encontrar una respuesta, todo lo que me venía a la cabeza era aquel día del partido:

– Y este bobo que no sabe tampoco ¿quién es?

– ¿Y este medio, medio, medio...?

No, mi corazón no me engañaba, aquel hombre almidonado debía estar preparando alguna cosa.



Él era malo, nosotros ya habíamos sufrido con eso.

Él era como el Dr. Silvana, archienemigo del Capitán Marvel. Tenía aquella mirada de malo por detrás de los anteojos y las manos restregándose, una en la otra, como quien está pensando, pensando, pensando y.

Ricardo, con los anteojos en la cintura, propuso una mancha congelada. Julito y Claudia aceptaron.

Yo busqué, preocupado, a Montaña, pero él gruñó el ojo, levantó los hombros diciendo ¡me da igual! y fuimos a jugar.

Carlos se fue a casa.

\*

Risas para un lado. Piernas para el otro. Palabrotas. Abrazos. Tirones. Cansancio. Sudor.

– ¡Sálvame!

– ¡Congelado!

– ¡No puedes más moverte!

– Manché.

– No manchaste que no vi.

– Uno, dos, tres, salvé.

– ¡Ah! ¡no puede!

– ¡Puede!

– ¡No puede! Así no juego más.

– Hay gente robando.

– ¡Ah! Juega.

Risas de nuevo.

– ¡Congelado!

Brazos tendidos. Manos tocándose. Despreocupación. Preocupación infantil: el juego.

– ¡Sálvame!

– ¡Acá!

– ¡Ah! ¡Ya no veo!

– ¡Soy yo! ¡Acá!

– ¡Sálvame!

– Yo salvo.

Un día, pensé, respirando cansado el olor de la noche – porque ningún olor es más sabroso que el olor de la noche húmeda -, un día voy a transformar todo eso en un poema que va a ser el mejor de todos.

No. El mejor de todos quería escribirlo a Claudia. Quería hablar de las estrellas y de un soñador.

Siempre que alguien me preguntaba qué yo quería ser cuando creciera y yo respondía:

– Poeta – ese alguien se reía.

Tenía ganas de saber por qué, pero no decía nada, tan solo reía junto.

En verdad, nada de lo que apostaban:

– ¿Por qué no médico?

– ¡Creo que te saldrías un buen abogado! – nada de lo que pudieran decir me haría cambiar de idea.

– Las palabras estaban dentro de mí, y eran de aquellas que el Poeta definió así:

Palabras que dicen  
Siempre un juramento  
Para que necesiten  
De él, eternamente.<sup>13</sup>

Entre estas palabras y mis sueños había una intimidad casi mágica.

¿El mundo? ¡Ah! ¡Palabras, juramento y sueños enormes! El mundo yo transformaría, transformando cada hoja blanca cuando, con la delicadeza de un hombre y la fuerza de la mujer, hiciera nacer, de ella, la primera palabra.

Tenía, ya, cuadernos y cuadernos de poemas, pero que yo sabría, más tarde, eran tan solo poemas de infancia.

Los otros, los del libro, estos sí vendrían después y, con paciencia, mirando y sintiendo lo que pasaba alrededor y lo que pasaba conmigo, yo los regaba de imaginación con trazos suaves de vida, a veces doloridos, a veces no.

Y los escribía dentro de mí.

---

<sup>13</sup> Vinicius de Moraes – O poeta. In: Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 59.

N.T.: Se trata de una traducción libre de la traductora.

\*

Una vez, doña Lúcia me mostró un texto de una escritora en el cual ella decía que primero era preciso soñar, después, creer en el sueño y, después, todavía, luchar por lo que se cree.

Había días en que, delante de una redacción mía, en el aula, doña Lúcia embarcaba en mi sueño y soñaba conmigo.

No sé de momentos en que más creyera.

Veía mis libros futuros en la estantería de señor Arthur.

\*

Después de aquel día, allá en su casa, doña Lúcia no dejó nunca de preguntar por aquel <<nuestro amiguito>> y de mandar alguna <<cosita>> – ella decía mucho <<ito>> e <<ita>>, como si todo fuera de este tamaño. ¡Esas cosas de mujer! – para él y no se cansaba de decir que le gustaría que nos visitara en la escuela.

Yo bien que daba los recados a Montaña, pero, aunque sintiera que se ponía contento, él solo sonreía, no me mostraba nunca que iba a ir.

Bien.

Sucedió.

Al final de la clase, doña Lúcia nos llamó, Julito, Ricardo, Claudia y yo, y nos contó que había llegado a la ciudad y estaba hospedada en la casa de Dr. Celestino una asistente social.

Ellos habían hablado bastante y ella estaba en búsqueda de Montaña.

- ¿Por qué? – yo luego pregunté. De nuevo, la sirena del peligro disparó en mi corazón.

- ¡Calma, gentita! Yo todavía no puedo decirles a ustedes. Recibí solamente el aviso de que hará una visitita hoy a la tardecita. ¿Qué tal si nosotros charláramos después?

\*

¡Odio el después cuando el ahora es que es urgente!

\*

Acordé con la gente, en la canchita, luego tras el almuerzo.

Sabía que señor Adolpho se pondría enojadísimo conmigo.

¡Era día de entrega!

Pero, ¿qué hacer?

A veces, necesitamos definir lo que es más importante y lo que es más importante para mí, aunque el trabajo fuera importante, lo más importante para mí era Montaña.

\*

En casa, le pregunté a mi madre qué era una asistente social. Ella respondió más o menos que era una persona que les cuidaba a las personas pobres.

Me puse a pensar si Dios no podía, él mismo, encargarse de eso.

\*

Amaba a Dios, pero Él era un misterio tan grande que no conseguía definir, dentro de mí, qué amaba. Si era el hecho de que Él hubiera creado la vida. Y cuando pensaba en las plantas todas y en los animales y en los hombres y en la manera como todo había sido organizado en el principio, era tomado por un encantamiento que solo podía explicarse por lo que existía, sí, y de que yo era una parte, pequeña, es verdad, a testimoniar. Se armaba, dentro de mí, una gran fábula, que empezaba por <<érase una vez>> y que, si no terminaba en <<vivieron felices para siempre>>, era porque las cosas, simplemente o tristemente, habían caminado mal y Él no había podido impedirlo. ¿Los hombres no matan a los hombres y a los animales y ya no dañan el agua, el aire y el cielo también?

No sabía si lo que amaba eran las historias que oía en la clase de religión y casi lloraba. La nariz escurría y yo disfrazaba, cuando pensaba en Él caminado, todo herido, con aquella enorme cruz en las espaldas para después ser clavado como un muñeco. ¡No quería haber vivido en aquella época! ¡No quería haber sabido de todo eso! Pero, a veces, me ponía a pensar ¿qué diferencia? ¿Qué diferencia, si Juan, el viejo enfermo de delante de la iglesia, continuaba allá y, seguramente, moriría allá?

No sabía si lo que yo amaba era la mirada complaciente que había en aquella imagen del altar grande, siempre a perdonar, perdonar, perdonar. ¡Quería que no perdonara tanto!

Sabía, tan solo, que lo amaba y que, cuando estaba en peligro, cuando sentía que el mundo iba a explotar en mi cabeza para no restar nada mismo, podía pensar en Él y, aunque fuera la última persona sobre la tierra, podría siempre pensar en Él y pensaba. En mi pensamiento, Él no me dejaba solo.

A veces, discutía con Él, incluso decía que Él había sido injusto y todo y, cuando la discusión era de las feas, entonces peleaba de verdad, de enfadarme e incluso decir no creo más, pero después.

Después incluso me olvidaba de hacer las paces.

Después, era como si nada hubiera pasado.

¿Yo? ¿Solo?

iiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiN – U – N – C – A!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Montaña, por cierto, tampoco.

\*

Estábamos, todos, tan serios y compenetrados, en la canchita, que más parecía reunión antes de partido de campeonato oficial.

Como no sabíamos qué era lo que dicha asistente social quería, pero sabíamos que era cosa de Dr. Celestino y, por lo tanto, no podía ser buena, decidimos esconder a Montaña, al menos hasta que alguien nos dijera qué pasaba realmente.

- Creo que la habitacioncita del almacén es un buen sitio – sugirió Claudia.

- Pero, ¿y señor Adolpho?

- ¡Él se queda escondido detrás de las cajas y mi padre no va a percibir, pues!

- Creo que puede que no salga bien – ponderó Carlos. – ¿Y si señor Adolpho descubre, por casualidad, que está allá y piensa que está robando alguna cosa?

- No va a pensar, no – saltó Claudia.

- ¿Y si piensa? – insistió Carlos.

\*

En verdad, él era siempre el perfecto del grupo.

Todo lo que hacía, hacía previendo consecuencias. Pensaba en cosas que nunca pensábamos; ¡Y, a mí, eso me parecía genial!

A veces yo me preguntaba, e incluso ya había hablado sobre eso con Ricardo, cómo es que Carlos podía ser nuestro amigo. ¡Él era tan diferente!

Vivía en una casa bonita, andaba bien vestido, era muy educado, leía y estudiaba todo el tiempo, ¡nunca había reprobado!

¡Tan opuesto a nosotros!

Y lo mejor de todo era que él conseguía ser todo eso sin ser, sabes, sin ser pelma.

Pero fue así, simplemente: él fue acercándose, dando corazonadas, metiéndose en nuestra vida y listo.

\*

- ¡Oye, Montaña, no es para ponerse a comer las cosas del depósito del almacén! ¡Ojo, eh! – bromeó Ricardo.

Montaña solamente encogió los hombros, mientras mostró una gran sonrisa.

\*

¿Existe sonrisa pequeña? Creo que no, solamente breve.

\*

Él parecía despreocupado. No sé si tenía conciencia de que podría estar en peligro.

Así era él, siempre, menos en aquel día con doña Lúcia. Para él, todo estaba bueno.

- Vamos a hacer lo siguiente: Montaña hoy se queda allá en la habitacioncita, al menos hasta que hablemos con la profesora, después – ¡ah! ¡qué prisa yo tenía de vivir que me hacía odiar tener que postergar las cosas! - después, nosotros vemos qué hacer.

- Yo puedo hablar con mi madre y, por un tiempo, él puede quedarse allá en mi casa – dijo Julito, pero, como no había mucha convicción en el tono de su voz, Claudia pronto preguntó:

- ¿Ella deja por un tiempo?

- Bueno, creo que no mucho, pero un poco deja.

- Después vemos cómo hacer. Vamos a empezar por el almacén que, por ahora, es más seguro – dije yo – y no vamos a decir nada a señor Adolpho ahora, ¿dale?

Montaña nos miró a cada uno de nosotros, para saber opinión por opinión.

Paró en Carlos que, aunque contrariado, concordó.

Entramos por el almacén haciendo ruido, como siempre.

Señor Adolpho se puso enojado, como siempre.

- ¡Eh! ¡Eh! ¿Qué algarabía es esta?

- No es nada, papá, vamos a tomar una cosa allá dentro.

Y fuimos entrando.

Era un pasillo largo y estrecho, que terminaba en la cocina.

Después, había un área donde se amontonaban cajas, palas, una carretilla, una bicicleta vieja y herrumbrada.

Cosas viejas y tristes bajo una parra que ya empezaba a amarillear y a perder sus hojas, de uva.

Allá en el rincón, la puerta del escondedero, una habitacioncita de madera muy malhecha, probablemente por el propio señor Adolpho.

Tan pronto llegué a la puerta de la cocina, sentí una mano enorme, hecho tentáculos de un pulpo, intentando tomar mi oreja, que traté de proteger, esquivándome y colocándome, rápidamente, en posición estratégica: del otro lado de la mesa.

No podía, nunca, dejar de reír en estas ocasiones.

Primero, él se ponía furioso, Y, mientras rodeábamos alrededor de la mesa, en un baile grosero, para allá y para acá, simula que va y vuelve, me decía un largo sermón sobre responsabilidad.

- ¿Piensas que el trabajo es un juego?, ¡pendejo!

- ¿Y los clientes? ¿Te olvidas de los clientes? Son ellos que me dan el dinero para pagarte, malagradecido, su, su, su ¡pendejo!

- ¿Qué voy a decir a los clientes que se quedaron en casa esperando las compras? ¿Qué estabas ocupado con tus boberías? ¿Eh? ¿Eh?

- ¡Ah! Si te atrapo, te doy lo que te falta para que aprendas a tener responsabilidad. ¡Ah!, si te atrapo, tú vas a ver.

No atrapaba. ¡No había atrapado nunca!

Después.

Después, ya todo rojo y sudado y jadeante, ponía la mano sobre el lado izquierdo del pecho y con respiración difícil decía:

- Está bien, pibe, esta vez lo voy a dejar así, pero en la próxima yo te despido, ¿oíste?

¡Ya había oído eso tantas veces!

- Ahora vamos a trabajar.

Como siempre, puso la mano en mis hombros y fuimos a trabajar.

\*

Habíamos ganado todo el tiempo de que necesitábamos para esconderle a Montaña. Era lo que, de hecho, importaba.

\*

La pandilla ya salía del almacén, tan disfrazada como dibujo animado, y yo mal contuve la risa, que se quedó atada en mi garganta: Julito silbaba, Ricardo miraba para arriba, Claudia tiraba el chicle de la boca hasta que hiciera un hilo de la largura del brazo, Carlos mostraba, tan solo, un aire de quien insiste que eso no va a funcionar.

Creo que ya había funcionado, y la vida volvió a su ritmo aparentemente normal, no fuera por la mirada curiosa, de aquellas de un ojo solo, de señor Adolpho, no fuera por Montaña escondido en la habitacioncita de atrás, no fuera por la expectativa que nos acompañaría hasta el final de la tarde.

\*

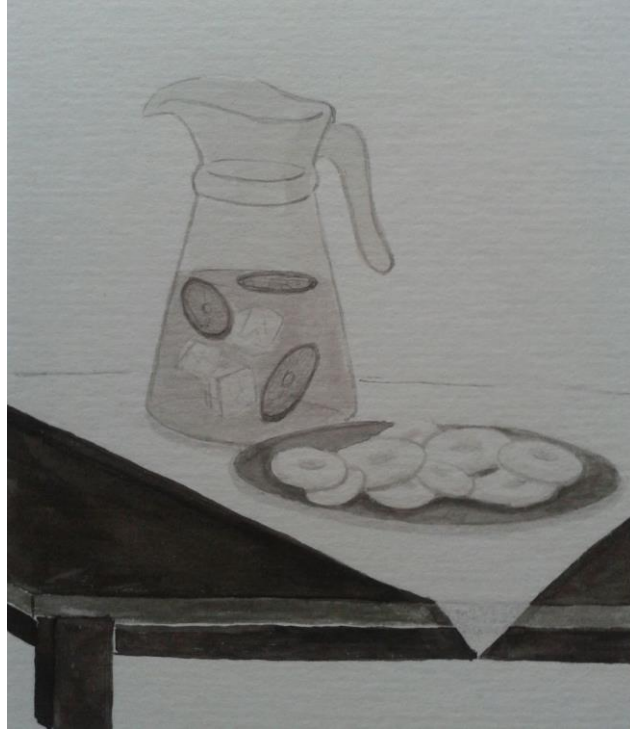
Cuando necesitamos que el tiempo pase, ¡cómo tarda! Cuando necesitamos que él tarde, ¡cómo pasa rápido!

¿Dónde, exactamente, dónde mi tiempo se desencuentra del tiempo?

Es en un sitio mucho más lejano y mucho más bonito que las dos manecillas del reloj más bonito, y yo amaba los relojes, sobre todo los viejos, los que ya no funcionaban más; ese lugar ultrapasa el *de verdad* en todo aquello que se puede tocar. Seguramente mi tiempo se desencuentra del tiempo en mis inmensas ganas de vivir.







En aquel momento, no queríamos pensar en nuestro camino, tampoco que éste pudiera, algún día, convertirse en diferente a cada uno de nosotros.

Creo que no queríamos saber nada de esas cosas de futuro - ¡qué pasara, si hubiera mismo que pasar! -, porque perderse no estaba en nuestros planes.

Lo que necesitábamos, de verdad, era saber del ahora.

Lo único que no teníamos era el coraje de preguntar por el ahora.

- Pero ¿y si él es feliz viviendo así como vive? – arriesgué.

- ¿Y quién sabe si él no sería más feliz viviendo de otra manera?

Ella respondió con otra pregunta que sabía que ninguno de nosotros podría responder y nos dejó pensando mientras fue a la cocina:

- Sírvanse, traje un jarro de tecito de mate bien friocito y unas rosquillas de almidón muy fresquitas.

Julito y Ricardo lo aceptaron. Nosotros, no.

- Y por encima – continuó -, nosotros ni siquiera sabemos su nombre, de dónde vino, tampoco cómo o por qué vino...

- ¡Pero eso no tiene ninguna importancia, pues! A nosotros no nos importa, ¿no es cierto?

Julito y Ricardo aceptaron más té y más rosquillas.

Yo sé que eso no les importa a ustedes. Son amigos y la amistad basta, ¿no?

Concordamos que sí, todos, inmediatamente.

- Pues yo me pongo feliz y muy orgullosa de que piensen así. Solo que...

\*

¡Listo! Había siempre un *solo que* en mi camino, y el *solo que* siempre mostraba que no era exactamente así.

\*

- ... solo que, en este momento, hay otro lado que no podemos dejar de considerar: el lado de Montaña.

- ¿Qué quiere decir? – preguntó Ricardo.

- Yo creo que ser amigo es pensar en uno mismo y en el otro también.

- ¡Pero es lo que hemos hecho, pues! – respondió Claudia.

- ¿Será? Será que, al revés, no estamos pensando por Montaña y no dejando que él mismo piense? ¿Será que, así, estamos respetando a nuestro amigo?

Antes de que alguien pudiera responder y yo dudo que alguien pudiera responder porque aquella cantidad de <<¿será?>> nos había tomado de sorpresa, ella continuó:

- Creo que, tal vez, si pudiéramos saber realmente quién es él y de dónde vino, encontraríamos la mejor forma de ayudarlo.

\*

Me puse a pensar si podríamos de verdad ayudarlo mejor y, mirándoles a Claudia, a Julito, a Ricardo, a Carlos y a mí mismo, todos con cara de asustados, de no poder hacer nada, sentí un cansancio enorme: descubrí que no.

En esas horas, cuando me ponía así, sintiéndome un nada de hombre, quería tener una ventana cerca, como si pudieran venir de ahí todos los súper poderes.

\*

- Pero hay más: ¿y si los padres están buscándole y piensan que pasó algo más grave?  
¿Y si pasó? ¿Y si pasó con sus padres?

Definitivamente, aquella charla era mucho más de lo que yo podía aguantar.

\*

¿Y si él es un ladrón de banco o un asesino? Pensé - ¡ah! bendita imaginación que me sacó de allí, y maldita imaginación que me hizo ver a Montaña llegar en una súper moto espacial, hecho *Lex Luthor*, aparcar delante de la Alcaldía Municipal y robar, del Banco de señor Arthur, una bolsa llenita de dólares.

Dr. Celestino se puso delante de él:

- Su camino llegó al fin, Lex Montaña Lut...

No terminó de hablar porque Montaña disparó su enorme arma de rayo láser y huyó en aquella moto, que aclaraba la noche con su súper velocidad, dejando la ciudad casi fantasma por el miedo que allí había plantado, bajo el eco de su risa asustadora, de bobo.

\*

Julito y Ricardo no paraban de comer, ¡en un rato no restaría ni el plato!

Aquello ya estaba dejándome nervioso.

¿Será que no saben que hay siempre una hora de parar?

No. No sabían y, si supieran, no conseguirían: era cualquier cosa más que hambre.

- Bien... - dijo Carlos.

\*

No me gustaba cuando él decía *bien*, parecía siempre que él iba a decir un *no hay qué hacer*.

\*

- Bien – dijo Carlos – esa tal Areta vino a buscarlo, ¿es cierto?

- Lo es.

\*

Una sensación de abatimiento total cayó, de una sola vez, sobre nosotros.

\*

- ¿Pero va a llevarlo adónde? – conseguí preguntar.

- A una casa grande donde él va a tener ropa limpia, comida, estudios, donde va a convivir con otros chicos como él, hasta que doña Areta encuentre a sus padres.

- ¿Y si no los encuentra? ¿Él va a quedarse allá para siempre?

- No, para siempre no. Va a quedarse hasta los 18 años, hasta que tenga condiciones de trabajar y sustentarse.

\*

¡Listo! Lex Montaña Luthor había ido preso.

El vallado del colegio se transformaba en insuperables barras de hierro.

Él era prisionero de una linda mujer rubia con perfil seductor de muñeca seductora, pero.

No quedaría allí por mucho tiempo. ¡Ah! ¡No quedaría, seguro!

Su pandilla vendría a salvarlo.

\*

Creo que esa era la principal idea que me ayudaba a no sufrir en aquella hora.

En cualquier otra, yo ya estaría casi llorando y considerándome un derrotado y aun más.

Solo que, ahora, su pandilla, que era mi pandilla, vendría a salvarlo.

\*

- Bien – repitió Carlos – pienso que todo eso es muy complicado.

Había una sola rosquilla en el plato, Julito y Ricardo no quitaban el ojo de ella.

- ¿Cómo? – preguntó la profesora.

- Si no quiere ir, ¿él va obligado?

- No es así – ella lo tranquilizó.

- ¡Claro que no es! – insistió Claudia y nos miramos cómplices. – Creo que él solo va a ir si quiere.

- Tampoco es así – insistió, en su turno, doña Lúcia.

- Entonces, ¿cómo es? – preguntó, ya inquieto, Julito.

- Creo que doña Areta va a charlar con él con mucha calma y mostrarle que él podrá tener una vida mejor que esta que está llevando.

- ¡L – o – d – u – d – o! – dijo Claudia, con algo de ironía.

- Para charlar, es necesario encontrar – retrucó Julito, pero, ¡qué bien!, Ricardo lo hizo aquietarse, pisando en su pie.

- Y no decimos nada más.



\*

Desde la calle, todavía pudimos oír un *piensen bien sobre lo que charlamos*.

Esa tal Areta era una hechicera espacial. Ya había usado sus ultra poderes para convertir a doña Lúcia I.P.E.

\*

La noche llegaba y nosotros no decíamos nada uno al otro.

De repente, las palabras habían desaparecido. Era como si hubiéramos sido convocados para nuestra mayor lucha, pero nuestro ejército estaba formado tan solo por cuatro chicos flacos y una chica atrevida, mientras nuestro enemigo era mucho más y mayor que un Dr. Celestino o una asistente social. Era un monstruo enorme, mucho mayor de lo que se podía imaginar: la organización del mundo adulto.

Él tenía garras de un tal poder que difícilmente podríamos, cuatro chicos flacos y una chica atrevida, alcanzar.

\*

En esas horas, yo quería crecer pronto.

Quería sí, aunque, a veces, sintiera un poco de miedo de eso, sobre todo cuando veía a mi madre llorar, llorar, llorar sin decir por qué, pues los adultos nunca nos dicen a nosotros por qué, cuando llora.

También sentía miedo cuando encontraba al señor Adolpho recostado en la puerta del almacén con la mirada perdida.

Era señal de que la tarde que tendríamos por delante sería una tarde triste.

Quizás lo que pasaba por su cabeza, cuando estaba así, era toda su vida. Una niñez difícil de la que, a veces, hablaba: en el medio de la guerra, de un mundo aparentemente destruido, de tristeza, de hambre, de frío, de añoranza de los amigos, que iban al frente de batalla y no volvían jamás, de los padres.

A veces, cuando cabeceaba inclinado en la barra, gritaba y se despertaba sudado.

Y cuando preguntábamos qué había pasado, él simplemente decía:

- Bobería. Cosa de viejo, pibe.

\*

Esa cosa de viejo siempre me emocionó mucho.

¡Qué sé yo! Ponerse a mirar a un viejito, no al señor Adolpho, pero a un viejito de verdad, con la mano trémula, llevar a la boca raciones muy pequeñas de alimento y masticar lento, arrastrado, siempre me dejaba un poco deprimido.

Me parecía bonito, porque él traía marcada en sí mismo la historia de un tiempo que había sido suyo: su nacimiento, su niñez, su juventud, su vida, pero también me parecía triste porque, seguramente, lo mejor de su tiempo ya había pasado.

Quería poder saber, ahora, qué sería lo mejor de mi tiempo para que pudiera vivirlo de la forma más completa y feliz posible.

No.

Tal vez fueran tiempos pequeños esparcidos dentro de mi tiempo grande y, tal vez, dentro de su tiempo grande el viejito tenga, todavía, ¡tiempos pequeños en que sea feliz!

Bastaba con que tuviera cerca las personas que amaba porque como mi madre siempre decía:

- Importante son las personas, el resto, si podemos, compramos o hacemos.

\*

Importante era Montaña.

Nos sentamos al borde de la acera, delante de mi casa, y quedamos así, sin decir nada, hasta que mi madre gritó desde dentro que era hora de dormir.

Aquella noche, no dormí bien.

Personas entraban y salían de mis sueños sin que yo pudiera agarrarlas para mí.

\*

En la clase, nos sentamos todos juntos, aunque estuviera prohibido sentarnos así.

Claudia a mi lado. Ricardo y Julito delante de nosotros.

Le pregunté, bajito, a Claudia, si había visto a Montaña en el escondedero.

Ella dijo que sí.

Había conseguido llevarle cobertor, un vaso de leche y pan, por la noche, y, ahora, cuando había ido a dejar el desayuno, estaba durmiendo.

Pregunté si había reclamado por tener que quedarse escondido.

Ella dijo que no:

- ¡Él parecía incluso contento! – murmuró.

Era difícil saber qué pasaba realmente dentro de Montaña. ¡Él siempre parecía incluso contento!



\*

Aunque no estuviéramos perturbando, no conseguimos poner atención en la clase.

Doña Lúcia hablaba, hablaba, hablaba y nosotros no oíamos nada de lo que decía.

Ricardo no paraba de dibujar en el pupitre, pasando el lápiz siempre en el mismo lugar.

Era un amigón, Ricardo.

Estaba siempre listo para todo y muy rara vez perdía el buen humor.

¿Conoce aquel tipo de persona que se despierta riendo y se acuesta riendo?

Ricardo era así.

Habíamos crecido pegados, nuestras casas eran pegadas y, desde muy pequeños, entrábamos y salíamos como si fuera una sola.

Pasábamos todo nuestro tiempo juntos.

Cuando yo no estaba en el almacén, jugábamos, caminábamos, charlábamos.

A veces, él se quedaba por allí, esperándome. Como quien nada quiere, examinaba las mercancías, metía las manos en los bolsillos, contaba el dinero, volvía a guardarlo... hasta que Señor Adolpho descubría de qué se trataba y, entonces, no le perdonaba. Mandaba que Ricardo se fuera porque aquel era un sitio serio de trabajo serio. Nadie estaba allí para boberías.

\*

Ricardo empezaba a tener un éxito enorme con las mujeres.

Creo que porque, detrás de las lentillas gruesas, mostraba los ojos de un verde que a ellas les gustaba y, al revés de mí, iba pronto a la conquista.

Siempre tenía una novedad para contar y la contaba de una forma que yo nunca sabía si podría creer; al fin, decía que todas las chicas del colegito – menos Claudia, ¡claro! – estaban enamoradas de él.

Ya había pasado que yo pensara que alguien me miraba y estiraba el pecho y esbozaba una sonrisa y me daba cuenta, un poco molesto, de que era para Ricardo, que venía luego atrás.

Doña Lúcia decía que él era dulce y nosotros nos reíamos:

- ¡¡¡Hummm!!! ¡¡¡Hombre dulce!!!

Pero creo que era eso. Un cierto aire de ternura desprotegida que les gustaba a las mujeres.

Por más que intentara hacer aquella cara de ojos fruncidos – y él me ayudaba en el intento - , parecía mucho más gracioso que encantador.

\*

Nosotros habíamos acordado en ir a una fiesta de la Iglesia, un sábado, e incluso arriesgarnos a bailar y todo, si yo tuviera coraje y no me pusiera tan nervioso.

Y si yo invito a una chica a bailar, ¿qué voy a decir? ¿Y si ella dice que no? ¿Y si mis piernas no acompañan el ritmo? ¿Y si yo tropiezo en su pie? ¿Y si mi mano demuestra todo lo que tiemblo? ¿Y si ella quiere charlar? ¿Voy a perder el ritmo? ¿Y si yo no tengo asunto? ¿Y si ella me pide permiso antes de que la primera música termine? ¿Y si?

Pero lo que queríamos, de hecho, era conseguir besar a alguien en la boca. ¡Uy!

Discutíamos cuál sería la mejor manera para darse el mejor beso. Esas cosas de parar de respirar o no – Ricardo insistía que empañaría los anteojos - , cerrar o no cerrar los ojos, abrir o no abrir mucho la boca, acercar o no la lengua, el tiempo que debería tardar y todo más.

Y, después, nos reíamos mucho, principalmente cuando él entrenaba en un espejo de cara que había en la habitación, incluso porque sus besos estaban siempre acompañados de las más calurosas y graciosas declaraciones de amor. Y, entonces, yo siempre me acordaba de Carlos Drummond:

El beso es flor  
en el cantero  
¿o deseo en la boca?  
Tanto beso naciendo  
y cosechado  
en la calma del jardín  
ningún beso besado  
(¿cómo besar el beso?)  
en la boca de las chicas  
y es allá que están  
suspendidos

invisibles.<sup>14</sup>

¿Cuándo llegaría el amor de besar?

\*

Ricardo y yo no nos peleábamos nunca, pero, por otro lado, cuando su madre, desde el lado de allá, le gritaba, entonces, podía apostar, la mía, en el lado de acá, me gritaba.

Y cuando, por algún motivo, solamente una de ellas era llamada en el colegio, venían pronto las dos juntas porque alguna sobra para su hijo debería haber, y siempre había.

\*

Doña Lúcia I.P.E. reclamó porque Ricardo, además de ensuciar el pupitre – patrimonio del colegio -, no estaba poniendo atención y el asunto era importante.

Después, fue la vez de reclamar de Julito, que no encontraba forma de estar callado. Ora transformaba la silla en silla de balancín, ora tamborileaba con los dedos, en el pupitre, ora pasaba el lápiz en la pared de tabla, de corridita, así: tac-tac- tac-tac- tac-tac- tac-tac.

Después, todavía, reclamó de Claudia, que no paraba de doblar y desdoblar un papelito de chicle.

Y, entonces, fue mi turno, que no conseguía desviar los ojos de la ventana.

Hubo un momento en el que ella interrumpió la clase, tenía modos de quien perdía la paciencia.

- Pero, al final, ¿qué pasa con ustedes que no trabajan?

No contestamos, tampoco hacía falta contestar.

Ella, inmediatamente, se dio cuenta de lo que estaba pasando y dijo, solamente, que, al fin, todo saldría bien:

- Ustedes van a ver.

Solo en este entonces percibí que la pizarra estaba llena de actividades de Matemáticas, pero.

---

<sup>14</sup> Carlos Drummond de Andrade – Beija Flor. In: *Menino Antigo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p. 113. N.T.: Se trata de una traducción libre de la traductora.

Julito continuaba inquieto y el tac-tac- tac-tac- tac-tac- tac-tac- tac-tac del lápiz en la pared de tablas ya estaba dejándome nervioso.

Toqué sus espaldas, con el pie, para que parara.

No paró.

Tac-tac- tac-tac- tac-tac- tac-tac- tac-tac- tac-tac- tac...

Intenté de nuevo.

El ruido continuó más rápido y más seguido.

Tac-tac- tac-tac- tac-tac- tac-tac- tac-tac- tac-tac- tac...

Toqué por tercera vez y él gritó furioso que no lo pateara más en la espalda o iba a reventarme.

\*

Él era del tipo irritado.

Por cualquier cosita quería ya partir a la pelea y, si no lo detuviéramos, partía de verdad, aunque, al final, saliera en desventaja, pequeño y delgado como era, y con una buena crisis de asma.

Pensándolo bien, fue en medio de una pelea que nos conocimos.

Verdad que ya nos habíamos visto en el almacén, cuando él iba a hacer las compras – muy a menudo iba a buscar jabón a su madre, que era lavandera -, pero no nos saludábamos ni nada.

Hubo un día, sin embargo, en el que Ricardo y yo pasábamos por la plaza y lo vimos a golpes y puntapiés con tres alumnos del Colegio Particular.

En aquella época, él recién había llegado a la ciudad y todavía no frecuentaba el colegito.

Conseguimos separarlos, pero, de tanta rabia, Julito se puso, por mucho tiempo, a llorar y a respirar difícil. Y lo peor es que era él quien había empezado todo.

Era siempre así.

En el fútbol, entonces, ¡ni hablemos!

Las peleas solo no eran peleas feas porque nosotros ya no le hacíamos caso.

Creo que doña Adelia tampoco.

Hacía mucho que ella le daba una última oportunidad todas las veces que él iba a la secretaría, en la hora del recreo, por causa de una pelea. Y eso pasaba seguidamente.

Él solo se calmaba por unos tiempos cuando llamaban su madre en el colegio.

¡Ah! ¡Ahí, sí!

Él se calmaba porque ella lo sostenía por las orejas y casi lo levantaba delante de todos y, en medio a sus gritos, gritaba que todavía lo educaría, si no fuera por bien, sería por mal y, a juzgar por lo que se veía, del mal Julito no tenía miedo.

\*

Aunque fuera peleador, Julito era una buena persona. Era compañero, no había algo que no aceptara hacer con nosotros, sobre todo si fuera un desafío y, además, tenía una cosa que ninguno de nosotros tenía: un amigo invisible.

Al principio, nos pareció un poco raro, pero, después, pensábamos, por los gestos y risas de Julito, que su amigo debía ser mucho más fuerte e interesante que todos nosotros juntos, porque permanecían horas y horas charlando e intercambiando socos en el aire.

Eso cuando no vivían grandes aventuras – generalmente en la selva, con grandes y feroces animales y todo – que solo pertenecían a ellos mismos.

\*



Doña Lúcia tuvo que intervenir cuando él insistió que me reventaba y yo, que ya estaba un poco descontrolado, me levanté:

-¡Ven!

Ella mandó que sentáramos y preguntó si realmente queríamos pelear.

Me puse a pensar si quería pelear con Julito y descubrí que no. Me gustaba. Era mi amigo.

Creo que él pensó lo mismo, porque decimos juntos:

- ¡No!

Y mi amigo mostró una gran sonrisa blanca, en el medio de aquella cara muy negra, a la que respondí con otra y un apretón de mano.

Toda la gente aplaudió.

Doña Lúcia se emocionó.

Pero Claudia me propuso bajito en el oído:

- Después, allá en la calle.

Respondí que aquello era asunto resuelto y me senté.

\*

Tenía ganas de cerrar los ojos y permanecer muy quieto, lejos de todo el mundo.

Tenía ganas de abrir la ventana, crear alas y volar a lugar alguno, solo volar, volar, volar. Así:

. Como si el infinito  
de que el cielo está hecho, tan solo él, con su azul transparente para que aparezca otro azul y después otro azul y después otro y otro más y así infinitamente, pudiera llenarme.

De repente, la bola de llanto trancó en mi garganta y yo necesitaba disfrazar una lágrima que insistía en caer.

\*

¡Mañana difícil aquella! Fue un alivio para todos cuando la campana anunció que ya eran las doce, que la mañana ya había acabado.

Ni por oro ni por plata

No podíamos más huir del asunto y, en verdad, no hicimos otra cosa, desde que habíamos hablado con doña Lúcia.

Querían llevar a Montaña. – Eso era el hecho y éste no dependía de nuestras ganas.

\*

Luego tras el almuerzo, ya estábamos todos en la canchita.

Agitados, es verdad, pero con muchas ganas de hablar sobre lo que estaba pasando y, principalmente, decidir qué podríamos hacer.

En cuanto llegó, Carlos le preguntó a Claudia cómo estaba Montaña.

- Creo que muy bien. Cuando se levantó de la mesa, mi padre fue directamente al almacén y yo pude llevarle un plato de comida a Montaña. Estaba contento. Incluso ordenó un poco las cajas. ¡Ah! Y otra cosa: mi padre resolvió guardar, allá en el fondo del almacén, un colchón viejo que estaba abajo del guardarropa y Montaña ganó una cama muy buena. ¡A él le gusta!

- Pero ¿señor Adolpho no lo vio? – pregunté dudoso.

- ¡Creo que no, pues! Si lo hubiera visto, ya habría puesto a Montaña puertas afuera.

- ¿Él sabe qué pasa? – preguntó Carlos.

- Sabe. Dr. Celestino – Claudia no pudo resistir a una mueca - ¡puaj!, Dr. Celestino estuvo allá en el almacén, ayer, y ellos charlaron por un largo tiempo.

- ¿Qué dijo? – fue el turno de Julito para preguntar.

- ¿Quién?

- Tu padre.

- No dijo nada de importante, ¡pues! Solo que nosotros teníamos que ayudarlo al pibe y que necesitaba mucho hablar con doña Lúcia.

- ¿Hablar de qué? – insistió Julito.

- ¡Ah! ¡Qué sé yo! Seguramente esas cosas de adultos. Sus cosas. Tampoco puedo adivinar, ¡pues!

Nos miramos todos, pensando lo que no teníamos coraje de pensar.

- ¿Y si nosotros fuéramos hablar con señor Adolpho? Tal vez él pudiera ayudarnos – intenté.



- ¡No! – reaccionó Carlos.

Como si esperáramos más que un no, él continuó:

- Mejor no. Vamos a dejar, por lo menos por ahora, las cosas como están.

- ¿Por qué? – preguntó Claudia.

- Es simple, vamos a pensar un poco: si él sabe, puede no dejar que Montaña continúe allá y, si eso pasa, ¿dónde vamos a esconderlo? Pronto, pronto, Dr. Celestino y la asistente social lo encuentran y adiós amigo.

- ¡Espera! Señor Adolpho no va a hacer eso si le explicamos todo. Eso lo garantizo yo. –  
¡Y lo garantizaba!

- Creo que también lo garantizo yo – dijo Claudia.

Me gustaba cuando ella estaba de acuerdo conmigo. Me hacía importante. Me volvía más fuerte.

- ¡Vamos allá, gente! Señor Adolpho es la única persona que puede ayudarnos, ¡la única!

- Pero hay el otro lado – ponderó Carlos -, si él sabe que Montaña está allá, en su casa, y está de acuerdo con eso, él va a convertirse en nuestro cómplice.

\*

No había nada que yo quisiera más que contar con señor Adolpho como nuestro cómplice.

En verdad, creo que, hacía mucho tiempo, ¡él era mi cómplice y yo no me lo había dado cuenta!

Crecí mirándole y deseando ser como él, aquel alemán grande y fuerte, lleno de historias para contar, que parecía saber todo sobre la vida.

Si alguien debía enseñarme cosas, quería, siempre, que fuera él.

Vibraba cuando tenía paciencia – no era siempre que la tenía - y se disponía a oírme hablar de mi forma de ver y vivir las cosas, de mi mundo de niño que empezaba a descubrir que, además de mi realidad, había otra en la que mi fantasía tendría que buscar su espacio por algún agujero muy pequeño; de mi dificultad de empezar a unir las puntas; de mi ¿quién soy yo? y ¿nacé para qué? ; de mi sentimiento en relación a todo lo que conocía y el miedo de lo que desconocía; lo gracioso; lo triste; lo curioso. Y, entonces, las unía una a la otra así: unaaalaotraunaalaotraunaalaotra, mis historias, casi sin parar, sin respirar.

Reíamos.

Nos emocionábamos.

Peleábamos.

Era a él que le entregaba mis porqués.

- ¿Por qué ni todos tienen una vida igual?
- ¿Por qué unos nacen sanos y otros enfermos?
- ¿Por qué unos son felices y otros infelices?
- ¿Por qué se vive?
- ¿Por qué se muere?
- ¿Por qué hay lluvia con sol?
- ¿Por qué nos gustan más unas personas que otras?
- ¿Por qué decimos que amamos, si nos gusta?
- ¿Por qué las palabras y los números?
- ¿Por qué nosotros lloramos con lágrimas?
- ¿Por qué...?
- ¿Por qué...?
- ¿Por qué?

A veces yo sentía que le dejaba en situaciones complicadas – y confieso que eso incluso me daba cierto placer -, pero, como raposa vieja y experimentada, cuando no encontraba salida, me contaba la historia de alguien que hubiera vivido o visto alguna cosa parecida a la situación que yo había propuesto y dejaba que yo mismo formulara mis porqués.

Pero.

Cuando yo lloraba – e intentaba de todo para no llorar delante de los otros porque no quería que me imaginaran un flojo, pero -, cuando lloraba, en aquellos días medio gris, sabes, aquellos en que todo acaba un poco triste, una verdadera gran porquería, él no sabía qué hacer para alegrarme.

Si hablar no bastaba, él, entonces, cambiaba la técnica.

Ora hacía malabarismos con tres, cuatro, cinco, seis, después siete naranjas, hasta que una de ellas se deshiciere en el suelo y, en lo inesperado, nosotros nos deshiciéramos de reír.

Ora hacía desaparecer, delante de mí, huevos y caramelos para que reaparecieran en otra parte.

De repente, salía un chicle de mi bolsillo, de mi oreja, de mis pantalones, ¡qué sé yo!

Él era un mágico y su magia producía sus mayores efectos dentro de mí: primero en el corazón, después en mi contacto con el mundo, en mi vida.

Me acuerdo una vez en que nosotros hicimos una pequeña pieza de teatro con la profesora del segundo de primaria y fuimos a presentarla en la plaza, en la feria del libro.

Toda la ciudad estaba allá, pero ver a señor Adolpho, así, de repente, y de traje y todo, entre todas aquellas personas, ¡uf! Verlo me hizo querer ser el mejor y por mucho tiempo pensé que lo fui, aunque fuera pequeña mi habla:

- <<¡Cuéntanos, cuéntanos, hada! La magia es de encantar.>>

- Bien – señor Adolpho me dijo -, un gran actor necesita comenzar por alguna cosa, ¿no es cierto?

\*

En el año siguiente, la piecita era mía, yo la había escrito y, ya que la había escrito, fui pronto diciéndole a la profesora que quería ser Pedro, el personaje principal.

Claudia, Ricardo y yo pasamos mucho tiempo ensayando texto, gestos, expresión, todo. Y sabíamos todo.

Solo que...

En el día de la presentación, allí, justo allí sobre el escenario, me quedé en blanco, olvidé todo y no conseguía acordarme de mi habla.

Nos pusimos mudos los tres. Parados, en el medio de la escena, así:

\*

A veces, Claudia me pisaba el pie para ver si yo continuaba, pero yo no sabía qué decir. A veces, ¿no saber qué decir parece destino!

Las personas, primero, se pusieron en silencio.

Después, comenzaron a reír. – ¡Yo quería morir!

Después, entonces, aplaudieron. - ¡Yo quería desaparecer!

Doña Adelia subió al escenario y explicó que sus jóvenes actores estaban muy nerviosos, se disculpó y fue la vez de la presentación del Colegio Particular, mientras nosotros

tres, escondidos debajo del escenario construido en el medio de la plaza, no conseguíamos parar de llorar.

Ricardo y Claudia, de rabiosos conmigo. Yo, de infeliz.

Hoy, pienso que lo que me hizo olvidarme el texto fue ponerme a mirar las personas y buscar por mi amigo. Él no estaba.

Pensándolo bien, yo siempre quería ser el mejor para señor Adolpho.

Creo que, al final, lo que yo quería de verdad era que él se sintiera orgulloso por mí.

\*

- ¿Y cuál es el problema que sea nuestro cómplice? – preguntó Julito.

- Es que – continuó Carlos -, como él es adulto y Montaña está escondido en su casa, los otros pueden entender que sea un secuestro.

- Cuando dijo <<secuestro>>, Carlos tenía una voz muy baja y un tono grave.

¡Uy! S-e-c-u-e-s-t-r-o produjo un efecto dentro de nosotros que enmudecimos. Cada uno tenía, grabada en la cara, una expresión diferente. Del miedo a la fascinación. De la realidad a la aventura. Fue Ricardo a interrumpir las fantasías:

¡Ah! ¿Qué es eso? – preguntó ya riendo. - ¿Qué secuestro si Montaña no está preso ni nada, si puede salir de allá la hora que quiera?

- Bien – dijo Carlos irritado. No le gustaba que riéramos cuando hablaba en serio. - ¿Y será que Montaña sabe que puede salir de allá cuando quiera?

No sabíamos exactamente qué sabía Montaña.

A veces, él parecía mismo un bobo, a veces no.

- Por las dudas, ¡creo que no podemos ponerle a señor Adolpho en peligro! – salté.

Claudia concordó.

- Pero creo, también, que nosotros debemos ir allá y hablar con Montaña, contarle bien todo lo que está pasando – dijo Carlos.

- Todo bien, concordó, en parte, Ricardo –, pero no vamos a contarle la charla que tuvimos con doña Lúcia, ¿de acuerdo?

- ¿Por qué? – preguntó Julito.

- Porque ella tiene razón, ¡pues!

- ¿Cómo? – volvió a preguntar.

- Escondimos a Montaña sin preguntarle si él quería. Tal vez estemos, de hecho, impidiendo que él tenga una vida mejor, con esas cosas que tenemos nosotros y todo.

- ¡Ah! ¡Para! ¡No tenemos nada! – rió Julito. – Solo Carlos...

- ¡Cállate la boca! – mandó Carlos.

- Cállame, entonces.

- ¡Calma! Déjame que termine lo que estoy pensando – retomó Ricardo la palabra y el orden. – ¿Ustedes ya intentaron cambiar de lugar con él?

Paramos, todos, pensativos.

\*

¡Qué porquería que él nos haya acordado de la charla con doña Lúcia I.P.E!

Ahora, estábamos todos divididos.

Sabíamos que él tenía derecho de decidir si quería o no hablar con la asistente social, pero.

Sabíamos, sobre todo, que no queríamos perder a Montaña.

Desde que lo habíamos escondido en la casa de señor Adolpho, faltaba alguien en nuestro día y ese alguien era él.

No teníamos ganas de jugar, de reír, de nada, la única gana era que Montaña permaneciera con nosotros.

Nuestro rey mandó pedir...

A Montaña no le doy

Ni por oro

Ni por plata

Ni por sangre de lagarta<sup>15</sup>

Queríamos que surgiera, de repente, de alguno de nosotros, un y *si* mágico, milagroso.

Esperábamos el uno por el otro y ese y *si* no surgía.

El pensamiento, que siempre había sido nuestra parte más libre, que podía ir a sitios que incluso se desconocía y traer y llevar e inventar el tiempo, ahora también estaba atado.

---

<sup>15</sup> *Marré*. Passeio Cantado. Brincadeira Infantil.

N.T.: Se trata de una traducción libre de la traductora.

\*

Sentados en el suelo, en la arena roja de la canchita, teníamos los codos apoyados en las rodillas y las manos sosteniendo la cabeza.

\*

Fue entonces que Carlos propuso que fuéramos a ver a Montaña.

Solo en ese entonces me di cuenta del miedo que teníamos de hacer eso: ir a ver a Montaña.

\*

En el camino, éramos nuestros propios héroes.

Andábamos como la SWAT, cuidando de los bandidos. Todos los que encontrábamos delante de nosotros eran absolutamente sospechosos.

En maniobras complicadas, pasábamos, el uno por el otro, y avanzábamos un poco más, un poco más, uno, después otro.

Así: mirando a los lados.

Así: rolando por el suelo.

Así: apoyados en las paredes.

¡Peligro! Alarmas sonando en nuestra cintura. ¡Peligro! ¡Peligro! ¡Peligro!

- ¿Dónde?

- Allí.



Allí era el taller de Dr. Celestino y pasar por delante del taller de Dr. Celestino exigía un gran esfuerzo.

¡Necesitábamos estar atentos! Era nuestro mayor enemigo y, además de eso, si la tal doña Areta estuviera por allá, el peligro sería todavía mayor.

Carlos hizo una señal y Julito fue.

Se bajó para pasar delante de la ventana, pero, cuando llegó delante de la puerta, la única forma fue arrastrarse.

No.

No había nadie en la sala de espera, pero deberíamos ser rápidos. Más rápidos que un supersónico.

¡Ahora!

A una señal suya, pasamos corriendo y corrimos como locos hasta que consiguiéramos doblar la esquina.

Julito tuvo que usar el inhalador para respirar.

Ya conseguíamos avistar el almacén.

La música de la SWAT tocaba en nuestros oídos así:

. Todo el cuidado todavía era poco, por eso continuamos nuestras maniobras de guerra hasta la puerta.

Ahora, necesitábamos disfrazar, hasta el cansancio necesitábamos disfrazar, y entramos como si nada.

Como estábamos callados y, dicho sea de paso, extremadamente cansados, señor Adolpho no reclamó. Entramos.

\*

Nos pusimos asustados cuando encontramos a Montaña en un rinconcito, detrás de las cajas, tomando un refresco y comiendo un sándwich de queso y salamito y todo.

Claudia pronto preguntó de dónde él había sacado aquello, y, tan solo riendo, nos hizo entender que señor Adolpho lo había preparado para comer, pero había venido a buscar algunas cajas y había olvidado la merienda allá.

Pensé en el peligro si él volviera a buscar, pero, en la barra, no había parecido preocupado con eso y, después, cuanto más miraba a Montaña y la alegría de él, de Claudia, de Ricardo, de Carlos y de Julito, más emocionado me ponía.

Reímos, nos abrazamos, nos empujamos , casi caímos, reímos.

Ni por oro ni por plata

Ni por sangre de lagarta

Después vino el silencio.

Amontonados entre las cajas, Claudia me hacía señal para empezar, yo hacía para Ricardo, que hacía para Carlos, que hacía para Julito, que, por no tener a quien hacer, hacía para Montaña, que no entendía nada y reía como un bobo y empezaba todo de nuevo.

De esta vez, fue Ricardo quien habló, pero, tan pronto había comenzado, ya había sacado los anteojos y había fruncido los ojos para intentar contener unas ganas, que venían, de llorar.

Comenzó a hablar sobre la llegada de doña Areta, la asistente social, después contó la charla que tuvimos con doña Lúcia I.P.E y aquello de que él podría tener una vida mejor y todo, pero cuando llegó la hora en que comentó lo que sentíamos frente a la posibilidad de que él se fuera, ahí nadie aguantó más.

El primero a llorar fue Montaña. Julito ya estaba con el inhalador de Aerolin en la mano, Ricardo disminuyó todavía más los ojos, porque pronto se hincharon, Claudia disparó a decir palabrota, ¡mierda!, ¿por qué tenía que ser así?, Carlos se puso serio, callado, mientras las lágrimas rodaban. ¿Yo? Intentaba solamente disfrazar. Ora pasaba las manos en los ojos. Ora en la nariz y limpiaba en los pantalones.



Ahora estaba hecho.

Montaña ya sabía todo. Era suya la decisión.

Continuamos parados. Esperando.

Señor Adolpho gritó, desde allá dentro, para que Claudia cuidara de la barra porque necesitaba salir rápidamente.

\*

Yo no sé, todavía, por qué las cosas pasan...

Si ellas tienen que ocurrir así, de hecho...

Solo sé que éramos amigos y amigo es cosa seria.

Queríamos estar juntos. Jugar juntos, contar cosas, mirar cosas, descubrir y vivir cosas juntos, crecer juntos.

Yo pensaba que nosotros conseguiríamos eso así para siempre. Creo que porque no habíamos, todavía, descubierto, en nuestro tiempo, el tiempo del después. Él era irreal, como si pudiera existir tan solo en el sueño y, en el sueño, podríamos hacer lo que quisiéramos, y queríamos siempre lo que fuera mejor para nosotros, y lo mejor para nosotros era tener a Montaña cerca.

¡Ah! ¡Ser amigo es difícil! – comenzaba a descubrir. Es bueno porque nos hace feliz, pero también es triste cuando nos duele.

Me ponía muy deprimido cuando peleábamos, pero, ahora, estaba descubriendo un sentimiento nuevo, o sea, el de perder a alguien: el sufrir.

¿Sería eso también aprender un poco más sobre la vida?

Creo que sí. Y, dentro de mí, los sentimientos se mezclaban de nuevo.

Mirándole a Montaña, pensaba – seguramente era mi diablo a cantar en mi oreja – pensaba si deberíamos, de hecho, haberle hablado, si no bastaba con que lo hubiéramos dejado escondido, al menos hasta que doña Areta se cansara y se fuera. Era la única manera de salvarlo para nosotros, pero.

¡No! – el diablo se apagó en mi oreja! – No. Tal vez lo que yo realmente no supiera, todavía, es que éramos más, mucho más amigos que pensábamos.

Ahora, él podría decidir lo que quería. Le entregábamos nuestro sufrimiento, sin embargo, en cambio, él podría salvarse para sí y eso debería, de alguna manera, tal vez con el tiempo, tal vez cuando maduráramos más, eso debería hacernos felices.

Vuelva, vuelva caballero  
elegiré quien quiera.

¡Demasiado tarde!

Sin que esperáramos, señor Adolpho y doña Lúcia invadieron la habitacioncita.

Al contrario de lo que se suponía, no estaban, ni un poco, sorprendidos de que Montaña estuviera allí.

Pensé en el cobertor, en el colchón, en la comida. ¡Ay! ¿Cómo pude ser tan torpe? ¿Cómo pude pensar que señor Adolpho no sabía de nada? ¡Sabía todo el tiempo y había ayudado además!

Carlos intentó pronto explicar, pero.

Señor Adolpho dijo que no necesitaba. Sabía que Montaña estaba allí desde el principio y, hoy, cuando había venido hasta la cocina a ver qué nos pasaba a nosotros, el porqué del silencio, había oído, por casualidad, a Ricardo hablando, por eso había ido a llamar a doña Lúcia, que, visiblemente emocionada, no paraba de decir que sentía orgullo por nosotros.

\*

No queríamos que sintiera orgullo.

Nuestro corazón solo quería oír de Montaña que él se quedaría, podríamos encontrar otro escondedero y todo y dejar que el asunto fuera olvidado y todo volviera a ser como era y.

Señor Adolpho me tocó en el hombro:

- Estás pensando bobería, ¿no es cierto?

Yo no dije nada, pero él insistió:

- No te preocupes, hijo, ahora todo se va a poner bien.

¡Qué manía tienen los adultos de decir que todo va a acabar bien cuando todo está infinitamente malo!

Yo no quería charlar y él entendió.

\*

Ninguno de nosotros quería charlar.

Queríamos solamente la respuesta de Montaña. La decisión de Montaña, porque la nuestra ya sabíamos de memoria.

A veces el corazón dice sí, simula que acepta, cuando debería decir no.

Un equipo muy especial

No conseguí dormir aquella noche y creo, en verdad, que ninguno de nosotros consiguió.

Habíamos dejado a Montaña con doña Lúcia y señor Adolpho y no sabíamos de nada más.

\*

¡Yo solo quería que el día clareara!

Abrí la ventana, aunque hiciera frío, y me puse a mirar el cielo, aquella oscuridad inmensa que me invadió y me dejó cada vez más solo, más solo, como si fuera posible serlo más.

Creo que era así que Carlos Drummond de Andrade se sentía cuando escribió <<La bruja>>:

En esta ciudad de Río,  
de dos millones de habitantes,  
estoy solo en el cuarto  
estoy solo en América.

¿Y aquella otra parte? Busco el libro, dentro de mi guardarropa, el libro que me regaló señor Adolpho, en la última feria.

Y aquella otra parte:

¡De dos millones de habitantes!  
Y ni precisaba tanto...  
Precisaba de un amigo,  
de esos callados, distantes,  
que leen versos de Horacio  
pero que secretamente influyen  
en la vida, en el amor, en la carne.  
Estoy solo, no tengo amigo,  
y a esa hora tardía

¿cómo buscar un amigo?

Y ni precisaba tanto.  
Precisaba una mujer  
que entrase en este minuto,  
recibiese este cariño,  
salvase del aniquilamiento  
un minuto y un cariño enormes  
que tengo para ofrecer.<sup>16</sup>

Cerré el libro, cerré los ojos, que la soledad en una noche triste es así, de hecho: duele.

La compañía del poeta, aunque no me hiciera menos solo, ya no me dejaba ser único.

En algún lugar...

Noche, noche, noche, ¿qué hacer, además de esperar?

\*

Felizmente, Kid Abelha vino a verme.

Bastó con que girara un botón y ella estaba allí, en mi ventana, despacito, mirándome muy dentro del ojo, cantando solo para mí, con aquella boca muy roja y aquellos pelos rubios casi blancos, en mi radito de pilas.

Pero eso es menos que todo  
que todo lo que necesito.  
Ahora tú te vas.  
Y no sé qué hacer.  
Nadie me enseñó en la escuela.  
Nadie me va a responder.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. La bruja. In: *100 poemas Carlos Drummond de Andrade*. Traducción de Manuel Graña Etcheverry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

<sup>17</sup> Kid Abelha y os Abóboras Selvagens, *Educação Sentimental*. N.T.: Se trata de una traducción libre de la traductora.

Efectivamente, aquella mujer me comprendía y todo lo que quería, en aquella hora, era tener cerca a alguien que me comprendiera.

\*

Tal vez yo fuera, de verdad, un tipo complicado.

Doña Lúcia decía que era una cuestión de sensibilidad.

En verdad, a veces, la realidad no me servía exactamente como era. Quería otra realidad – palabras como justicia, igualdad, libertad, horizonte, infinito, vida, amor comenzaban a aparecer de repente, despacio, como si vinieran desde dentro mío, comenzaban a aparecer en mi mundo y comenzaban, transformándome, a querer transformarlo – quería, sí, otra realidad solo no sabía todavía ni intentar cambiarla ni convivir pacíficamente con ella.

Quería que alguien me enseñara, tal vez señor Adolpho, y, por mucho que, durante toda mi vida, le haya cobrado eso, solo hoy me doy cuenta de que las personas solo pueden enseñar hasta aquí:

. El después – este raro límite sin marcas – pertenece única y exclusivamente a cada uno de nosotros.

El plumón, entre las espinillas, de mi rostro decía que la barba no tardaría.

\*

La gana que tenía yo era de acercar mi rostro al de Paula Toller, allí, del otro lado de la ventana, y permanecer así por mucho tiempo, de ojo cerrado, escuchando su voz suave en mi oído, pero.

El locutor de la radio Gaceta nos interrumpió para decir que mañana tendríamos lluvia al final del periodo y Kid Abelha no volvió más.

Mi madre no me dejó ir al colegio.

Con la mano en mi frente, le pareció que yo estaba con cara de cansado, amarillo y muy abatido.

- ¿Estás mareado? ¿Y la garganta? ¿Alguna cosa te duele? ¿La cabeza?

- No. No. No. No. – Nada que dijera sería convincente lo suficiente para que me dejara ir.

Ella había decidido que debería quedarme en la cama y yo, ciertamente, quedaría, aunque profundamente curioso e infeliz.

\*

Ya pasaba de la mitad de la mañana cuando Ricardo, Carlos y Julito llegaron. Ellos no estaban muy diferentes de mí.

Nos acomodamos de la manera que pudimos, sobre la cama, y esperamos a Claudia, quizás ella sabría alguna novedad.

\*

Claudia llegó riendo porque no le avisamos que no iríamos a la clase.

Intenté explicar, pero ella no quería oír, ¡no querer oír formaba parte de su carácter mismo!

Solo tras calmarse, después que todos pedimos cinco mil disculpas, obvio, es que conseguimos preguntar por Montaña.

Ella, todavía enojada, dijo que señor Adolpho y doña Lúcia habían charlado con él por mucho tiempo. No sabía qué. Necesitaba atender en el almacén. Pero señor Adolpho había dicho que él había decidido, aunque tras toda la charla, permanecer allá, en la habitacioncita.

- ¿Qué? Fue un grito solo. ¡¡¡Vibramos!!! ¡Montaña había decidido permanecer en la habitacioncita!

¡¡¡Nosotros no podíamos ni creerlo!!!

Ricardo tiró la almohada para arriba y Julito se puso a saltar sobre la cama, como un mono.

¡Fue una algarabía! Por más que yo pidiera que pararan, porque mi madre podía entrar en la habitación, ellos no me oían.

Carlos reía solo y yo, con las dos manos en la cabeza, parecía que iba a explotar de felicidad. ¡Era demasiado!

Nosotros solo paramos cuando Claudia gritó más alto que, hoy, por la mañana, doña Areta iba a hablar con Montaña.

\*

No fue un baño de agua fría: fue una avalancha: toneladas y toneladas de nieve se derrumbaron sobre nuestras cabezas.

\*

Será que, si nosotros consiguiéramos sumar todos los tiempos, ¿los de alegría serían mayores que los de tristeza?

A veces pensaba que sí. A veces pensaba que no. Ahora, pensaba que no.

\*

- ¿Y si hiciéramos alguna cosa para impedir? – sugirió Carlos.

Pero.

Nos miramos que no había qué hacer, al final, ¿le habíamos o no le habíamos dado a Montaña el derecho de elección? Y eso, por si acaso, para cada uno de nosotros, ¿no significaba ser más amigo que amigo?

\*

No tardó mucho para que mi madre entrara en la habitación para decirnos que teníamos visita:

- Señor Adolpho, doña Lúcia, una señora llamada Areta y Montaña están en el salón.

Nuestro corazón disparó hecho ametralladora y, perdidos en un ¿y ahora?, ni siquiera conseguíamos movernos.

- ¿Ustedes van a quedarse parados ahí como estatuas? – preguntó ella. - ¡Quieren hablar con ustedes!

- Salimos, uno a uno, sin mucha prisa y, principalmente, sin mucho coraje.

\*

Señor Adolpho pronto rezongó con Claudia porque ella debería estar en el colegito.

Después, dio un coscorrón suave en la cabeza de cada uno de nosotros:



- ¡Son unos vivos! – dijo con una voz muy tierna, de padre.

Doña Lúcia parecía muy tranquila y nos besó, uno a uno, antes de presentar doña Areta.

¡Uy! ¡Qué mujer! Al contrario de todo lo que habíamos pensado sobre ella, ¡la asistente social era una mujer joven y muy bonita! ¡Era difícil parar de mirarle a doña Areta!

Montaña, a su paso, estaba con su ropa de invierno, aquella que habíamos conseguido y, curioso, por primera vez, sentí pena de que él estuviera con aquella ropa de invierno.

Él reía, como si estuviera contento, y sentí una apretura acá dentro del pecho porque quedó parado al lado de ellos: no vino para nuestro lado, como solíamos hacer.

\*

- ¿Ustedes saben qué vine a hacer acá? – fue doña Areta que empezó a hablar.

- Llevar Montaña – contestó, contrariado, Julito.

- Yo no diría exactamente así, diría tan solo que vine a ayudar a Montaña... - ella contestó con mucha calma.

Claudia, con una mirada de quien quería verla por las espaldas, interrumpió de un modo un poco ríspido.

- Mira, doña, ya sabemos de todo. Usted va a llevarlo para una vida mejor. No hace falta repetir lo que doña Lúcia I.P.E. ya ha dicho – había rabia y disgusto en su voz.

La profesora hizo una señal para que Claudia escuchara, mientras señor Adolpho agarró, con fuerza, su brazo.

Solo doña Areta parecía no importarse con aquella reacción:

- ¡Justo eso! Entre otras cosas, vamos a intentar descubrir qué es que hay con nuestro amiguito que no consigue hablar.

- ¡No hace falta! Nos gusta él como es – insistió Claudia -, entendemos todo lo que él quiere decir, ¿no es cierto, Montaña?

Montaña hizo que sí con la cabeza y ella continuó:

- Además de eso, doña, sepa usted que él no es nuestro-su amiguito, él es nuestro-nuestro – y apuntó para nosotros – amigo.

Ahí, señor Adolpho no aguantó mismo y, mientras reía, disimuladamente, para doña Areta, apretaba con más fuerza el brazo de Claudia.

- Bien, creo que podíamos ser todos amigos, ya que nos gusta la misma persona, ¿no es cierto?

Montaña comenzó a llorar, doña Lúcia, también, tenía los ojos llenos de lágrima.

- Cuando nos gusta alguien – doña Areta continuó – cuando nos gusta alguien, nuestra mayor preocupación es justamente verlo bien, ¿no es verdad?

¡Estábamos obligados a concordar con ella cuando la cuestión era puesta de esa manera! Y era lo que hacíamos, solo balanceando la cabeza, que sí, es verdad.

Pensándolo bien, ¡era una persona simpática! O al menos se esforzaba para ello.

- ¿Y cómo vamos a vernos si usted va a llevarlo? – preguntó Claudia, con las manos en la cintura.

¡Decididamente ella estaba lista para la guerra!

Julito, a mi lado, tuvo que usar el inhalador de asma, de igual manera, no encontraba forma de estar quieto. Quien mirara desde lejos pensaría que él bailaba o tenía ganas de ir al baño.

Los anteojos de Ricardo, no sé cómo, estaban en el bolsillo de mi abrigo del pijama.

¡Carlos ni parpadeaba!, podría jurar que estaba enamorado de la asistente social y quería ir en el lugar de Montaña.

\*

- ¿Y si consideráramos así: si consideráramos solo que Montaña va conmigo por algún tiempo y, si hay alguna posibilidad o en cuanto haya alguna posibilidad, Dr. Celestino prepara toda la documentación para que él pueda quedarse con doña Lúcia?

- ¿Quedarse cómo? – preguntó Carlos sin despegar los ojos de la boca de la asistente social.

- Vivir con doña Lúcia, que podrá convertirse en su responsable.

- ¿Vivir aquí? – preguntó Julito.

- Sí. Aquí – dijo ella sonriendo.

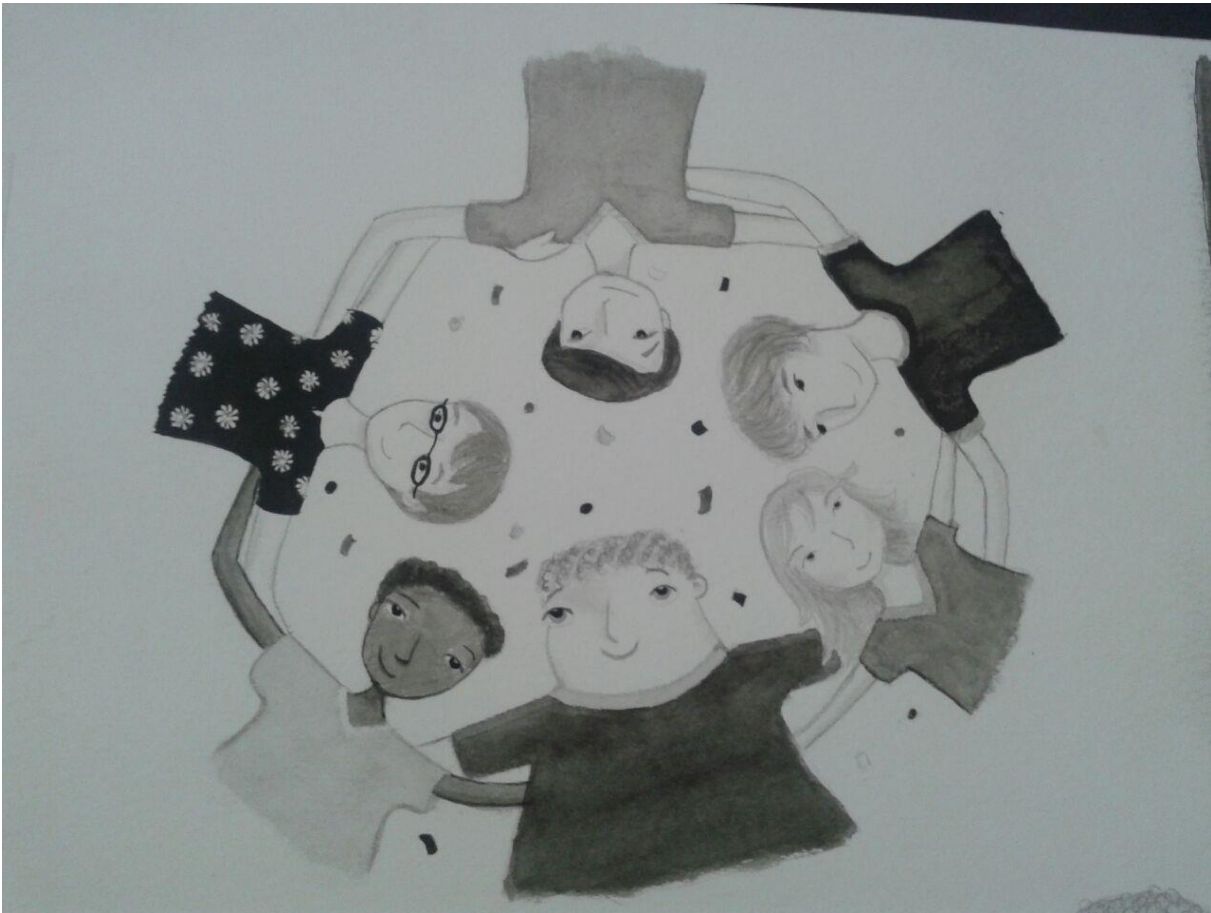
Julito dio un grito y empezó a saltar en el mismo lugar.

Ricardo quería los anteojos, pues no veía nada.

Carlos, de un solo salto, se agarró al cuello de doña Areta.

Claudia comenzó a dar puñetazos en Montaña y a empujarme, hasta que todos nos abrazamos con Montaña.

¡Era como si hubiéramos hecho nuestro mayor gol, conquistado nuestro mejor campeonato! ¡Fue una fiesta!



Doña Lúcia I.P.E lloraba y señor Adolpho disfrazaba, emocionado:

- ¡Estos chicos! No paran de hacer bobería.

Mi madre insistía en que necesitaba ir a la cocina para hacernos un cafecito y traer una limonada para los niños.

\*

Fue cafecito, fue limonada, fue pastel de maíz, fue risa, fue llanto, fue abrazo, fue beso, fue encuentro, fue recuerdo de como conocimos a Montaña, fue el contar toda la historia de nuestro equipo, fue el descubrimiento de esta súper fuerza que es la amistad.

- Si ella existe, existe, ya, mucho más que media victoria, el resto es solo cuestión de trabajo.

Fue lo que dijo señor Adolpho y nosotros, todos, aplaudimos.

Le pregunté si estaba volviéndose filósofo y él se enojó. Alcanzó mi oreja y nosotros reímos, reconociendo al viejo amigo.

Sí. Las cosas, ahora, estaban como tenían que ser.

Pronto después de la fiesta, doña Areta comenzó las despedidas.

Pensándolo bien, no era, no, una hechicera espacial.

Al menos, aquella hora, tenía más una manera de hada de historieta de niño pequeño y todo más.

¿Cómo es que cambiamos así?

¿Cómo es que, de repente, del no gustar se hace el gustar?

¿Será que el gustar viene, de hecho, del conocer?

\*

No puedo decir, hoy, que haya sido una despedida triste, aunque siempre pensemos que las despedidas son tristes... Ni siquiera cuando Montaña embarcó en el escarabajo blanco de doña Areta.

Creo que nosotros no habíamos descubierto, todavía, que, a veces, las personas son pasajeras en nuestra vida.

\*

Al doblar la esquina, oímos el grito ronco y seco de Montaña, mientras una mano grande hacía señales complicadas que tal vez quisieran decir:

<<Yo voy a volver, esperen por mí, yo voy a volver.>>

¡Yo no voy a olvidarme esta escena nunca! Pensé.

Miré a Claudia y, un poco avergonzados – no, un poco no, ese tema de estar siempre midiendo las cosas así como sentimientos, yo ya he dicho, siempre me dejó irritado. El sentimiento existe o no existe y ¡listo! – miré a Claudia y avergonzados sonreímos: estábamos de la mano.

No sabíamos desde cuándo y eso no era lo más importante. Continuamos así.

Señor Adolpho vio y simuló que no lo vio. Por cierto, más tarde, nos tomaría para unos consejos. Oiríamos.

Ricardo, Carlos, Julito intercambiaron sonrisas maliciosas y no consiguieron contener un ¡eh!, al que no respondimos. Nuestras manos, nerviosas, no querían perderse.

Por la tarde, cuando dejamos la cancha, salimos todos abrazados, como siempre hacíamos tras el partido, solo que.

Ahora, Julito y Ricardo extendían el brazo dejando un espacio grande entre los dos.

Era el lugar de Montaña, en nuestro equipo, y, por mucho tiempo, así fue.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O mundo está cheio de leitores interessados em obras escritas em idiomas que eles desconhecem. Como tradutores, nossa tarefa é aproximar esses leitores tanto quanto possível dessas obras. As soluções que encontramos são sempre provisórias, relativas, incompletas, mas isto não nos incomoda tanto assim. Pois não somos apenas nós, tradutores, que somos obrigados a aceitar soluções imperfeitas: nenhuma atividade humana complexa chega à perfeição, ainda que a ela aspire e a tome como meta.*  
(BRITTO, 2012, p. 153)

A tradução é uma atividade inegavelmente complexa. Contraditória. Discutível. Mutável. Todo tradutor busca tomar decisões coerentes à visão que tem sobre a tradução. E não há nada de errado com as diferentes visões. É preciso apenas agir coerentemente. Quem entende o *original* como algo que deva ser veneravelmente respeitado busca uma tradução mais estrangeirante, ao passo que quem compreende o leitor como aquele a quem é preciso facilitar a leitura, evitando estranhamentos, busca uma tradução mais domesticadora. Neste trabalho, uma vez que a visão a qual defendo é de que traduzir é um ato criativo, busquei não hierarquizar texto *original* e texto traduzido, já que ambos trabalham com a criação literária.

As soluções a que cheguei expressam uma trajetória, a qual a Crítica Genética me permitiu compreender. Conceber o texto em processo como parte do processo criativo foi fundamental para o entendimento dos manuscritos como elementos integrantes da obra traduzida, assim como para o entendimento da rasura como constitutiva do processo, e não como erro; dos recuos como marcas do labor do tradutor, e não como fraquezas ou meros abandonos. O texto a que cheguei é resultado de um processo. E não me atraiu esconder suas cicatrizes, como se a obra entregue ao público tivesse sido fruto do trabalho de um tradutor dotado de tamanhos conhecimento e experiência que sequer titubeou ao escrevê-la.

A criação, na verdade, ultrapassou os limites da tradução. Não me atraiu, desde o início, entregar aos meus primeiros leitores uma tradução comum. Folha branca. Letras negras. Espiral. Capa. Estrutura fixa dividida em capítulos harmonicamente organizados. Optei por um capítulo em que tudo em que acredito como tradutora estivesse presente, heterogeneamente organizado, sem limitações cronológicas, sem

resgate histórico de Cícero à atualidade. Na sequência, o memorial e a tradução. Não uma tradução convencional, mas uma tradução que pudesse ser lida como uma experiência de leitura (para mim também foi uma experiência de escritura: escrever, diagramar, formatar, negociar com a ilustradora, negociar com a gráfica, projetar capa, papel, tipo de letra). Capa, ilustração, livro a ser folheado. Por isso a obra entregue excedeu também os limites da dissertação e ganhou um novo formato. A criação liberta. A literatura requer mais criação.

A felicidade da tradução, referida neste trabalho, não almeja à perfeição como único parâmetro analítico. Não almeja ao *ou é ou não é*. A felicidade da tradução reside em não se escandalizar com a rasura, com a solução imperfeita, com o provisório que se torna permanente. Reside em colocar o ponto final na obra traduzida com a sensação de solidariedade exercida: solidariedade com os leitores que possivelmente não leriam aquela obra; solidariedade com o autor do *original*, a quem se ofereceu nascimento em outros confins; solidariedade com o sistema literário acolhedor, que foi enriquecido com mais uma obra; solidariedade, por fim, com o próprio tradutor, que, ao se doar à tarefa de criar, criou-se como escritor. Aí reside a felicidade do tradutor.

Se traduzir é exercer a tarefa do barqueiro, considero-me barqueira em um processo duplo: levar *el equipo* e a *Jane Tutikian* a outras realidades e a novos leitores, regressando dessa viagem com os leitores e as novas realidades como passageiros de meu barco. A travessia é sempre dupla. O texto, ao mesmo tempo em que se afasta de uma realidade para aproximar-se de outra, também tem o poder de reduzir os espaços que separam as diferentes culturas. Assim, todos nos enriquecemos no processo de tradução. Se assim o for, a travessia cumprirá seu papel.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBIR, Amparo Hurtado. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. Madrid: Cátedra, 2011.

\_\_\_\_\_. *Enseñar a traducir*. Madrid: Edelsa, 1999.

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Traduzida*. Organização e tradução de Augusto Massi e Julio Castañon Guimarães. São Paulo: Viveiro de Castro, 2011.

\_\_\_\_\_. *100 poemas*. Traducción de Manuel Graña Etcheverry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. *Beija Flor*. In: *Menino Antigo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p. 113.

BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. Tradução de Vários. 2. ed. Cadernos de Mestrado/Literatura, Rio de Janeiro: UERJ, 1994.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET, 2007.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Editora brasiliense, 1986.

CARIELLO, Graciela. *Traducción, esa forma privilegiada de lectura*. In: *Versiones y cuestiones en torno a La traducción literaria*. Argentina: Editorial Ciudad Gótica, 2003.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2006.



\_\_\_\_\_. *A tradução literária*. In: ORGANON. Porto Alegre, Instituto de Letras, 7 (20); 47-52, 1993.

\_\_\_\_\_. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

ECO, Umberto. *Decir casi lo mismo – La traducción como experiencia*. Traducción de Helena Lozano Miralles. Barcelona: Debolsillo, 2009.

FALCONI, María Inés. *La gran jugada*. Argentina: Alfaguara, 2014.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de Crítica Genética: Ler os manuscritos modernos*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck... [ET AL.]; supervisão de tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

IBÁÑEZ, Francisco Montaña. *No comas renacuajos*. Bogotá: Babel Libros, 2012.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 22ª Ed. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do Traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MORAES, Marcelo Jacques de. *Viver entre línguas: língua, lugar/tradução da experiência?* In: Tradução literária: a vertigem do próximo. Organização de Ana Maria Amorim de Alencar, Izabel Leal e Caio Meira. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011. p. 39-51.

MORAES, Vinicius. *O poeta*. In: Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 59.

MOYA, Virgilio. *La selva de la traducción – Teorías Traductológicas Contemporáneas*. 2ª ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2007.

PASCETTI, Luis. *Frin*. Argentina, Alfaguara, 2000.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. *Da crítica genética à tradução literária: uma interdisciplinariedade*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011.

PAZ, Octavio. Tradução: literatura e literalidade. Edição bilíngüe. Tradução de Doralice Alves Quieroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

PESSOA, Fernando. *Poesía Antología Mínima*. Traducción de Miguel Angel Viqueira. Barcelona: Rio Nuevo, 1996.

RICOEUR, Paul. *Sobre la traducción*. Traducción de Patricia Willson. Buenos Aires: Paidós, 2005.

ROMANELLI, Sergio. *Gênese do processo tradutório*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.

SALLES, Cecilia Almeida. *Crítica genética*. São Paulo: Educ, 1992.

THEODOR, Erwin. *Tradução: ofício e arte*. 2ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

TUTIKIAN, Jane. *Um time muito especial*. 13ª Ed. São Paulo: Atual, 2005.